UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE DOUTORADO

FLÁVIA PEREIRA DA SILVA

**SENTIDOS DE VELHICE E DE ENVELHECIMENTO POR IDOSAS E AS
IMPLICAÇÕES NA IDENTIDADE**

RECIFE

2018

FLÁVIA PEREIRA DA SILVA

**SENTIDOS DE VELHICE E DE ENVELHECIMENTO POR IDOSAS E AS
IMPLICAÇÕES NA IDENTIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Fatima Maria Leite Cruz

RECIFE

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S586s Silva, Flávia Pereira da.
Sentidos de velhice e de envelhecimento por idosas e as implicações na
identidade / Flávia Pereira da Silva. – 2018.
206 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Fátima Maria Leite Cruz.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2018.
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia. 2. Envelhecimento – Aspectos psicológicos. 3. Identidade
em idosos. 4. Identidade social. 5. Representações sociais. I. Cruz, Fátima
Maria Leite (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2018-225)

FLÁVIA PEREIRA DA SILVA

**SENTIDOS DE VELHICE E DE ENVELHECIMENTO POR IDOSAS E AS
IMPLICAÇÕES NA IDENTIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Aprovada em: 08/01/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fatima Maria Leite Cruz
(Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri
(Examinadora Externa)
Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas
(Examinadora Externa)
Universidade Católica de Pernambuco

Profa. Dra. Renata Lira dos Santos Aléssio
(Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Adriana Falangola Benjamin Bezerra
(Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho aos que vieram antes de mim, João (*in memoriam*) e Emilia, meus pais, e a quem veio depois de mim, Bia, a minha filha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à Fatima Maria Leite Cruz, a minha orientadora que, desde o momento em que me escolheu para orientar, mesmo sabendo que transitaria por terrenos não conhecidos, seja por sua orientanda ser uma terapeuta ocupacional e não uma psicóloga, seja pelo objeto de estudo, me acolheu e acompanhou com toda a sua generosidade, competência, seriedade e amorosidade. Nessa convivência tão peculiar proporcionada pelo doutorado que extrapola os limites do contexto acadêmico, tive o privilégio de muito aprender com ela como ser mulher, mãe, avó, professora, pesquisadora, cidadã... Em um contínuo movimento de luta por um mundo mais ético e justo para todas as pessoas.

À Isabela Amblard, pelo muito que aprendi da nossa convivência, a cumplicidade, o apoio, as trocas de confidências, o acompanhamento dos sonhos se tornando reais... Quando dei fé! Uma amizade havia sido construída para a vida toda.

Aos professores da Pós-Graduação em Psicologia, em especial Fátima Santos, Isabel Pedrosa, Jorge Lyra e Renata Lira, fundamentais no meu processo de pertencimento a esse grupo e a João Cavalcanti e Benedito Medrado pelos encaminhamentos e suporte com as questões administrativas.

À professora Anita Liberalesso Neri, por sua disponibilidade, generosidade e competência com as quais me acolhe desde os tempos do mestrado em gerontologia, bem como pela sua participação na minha banca de qualificação, com contribuições tão importantes.

À professora Renata Lira, por todo afeto e leveza, aliados a um monte de sabedoria e competência no meu encontro com a Teoria das Representações Sociais.

Às professoras Maria Cristina Amazonas e Adriana Falangola Bezerra, por terem aceitado o convite para participar da minha defesa.

Aos queridos companheiros com quem tive o privilégio de formar a segunda turma de doutorado: Vanessa, Anna Karina, Telma, Isabela, Larissa, Pedro Paulo, Túlio, Yuri, Juliana, Diogivânia, Elton e Júlia Brasil, que ficou só um pouquinho conosco porque foi fazer o seu doutorado além-mar, mas marcou definitivamente seu lugar de importância no meu percurso.

Ah! Yuri também por sua ajuda indispensável com o Iramuteq. Vanessa e Anna Karina pela parceria e afeto nas prorrogações das prorrogações...

Às idosas que, generosamente atenderam ao meu convite para compartilhar nas entrevistas suas experiências de envelhecimento e de velhice, e aos demais participantes do estudo, idosos e não idosos.

A minha família, mãe, filha, irmãs, irmãos, cunhadas, cunhados, sobrinhas e sobrinhos, pela crença incondicional nas minhas potencialidades e compreensão quase absoluta pelas minhas ausências do convívio familiar, principalmente nos tempos últimos dessa trajetória.

Aos meus amigos que estiveram por perto e aos que, mesmo longe, fizeram-se presentes pelo afeto, e bem parecidos com a minha família também torciam e compreendiam minhas recusas em estar junto.

Ao meu amigo da vida inteira Demócrito Miranda Filho que, de um jeito muito peculiar, esteve presente em todo o processo do doutorado, antes mesmo de começar, até agora nos dias mais tensos e intensos da reta final.

Aos meus amigos Andréa Alves e Paulinho Cruz, presentes que a vida como mãe de Bia me deu, por tudo o que representam para a minha filha. Nos numerosos momentos em que não pude estar presente nas idas e vindas das nossas filhas eles me substituíram e com enorme afeto a acolheram como mais uma filha e, junto com Esther e Giulia pode experimentar viver em família.

À minha família “monstro”, por toda inspiração e parceria.

Aos companheiros de todo dia do Departamento de Terapia Ocupacional, meu lugar no mundo do trabalho, lá tem uns que estão há muito tempo e tem os que chegaram faz pouco, com todos tenho aprendido muito sobre essa coisa de envelhecer, de ser jovem, de ser velho, e tem sido um prazer enorme participar dessa dinâmica produção de sentidos e identidades.

RESUMO

Nesta pesquisa compreendemos os sentidos de velhice e de envelhecimento construídos por mulheres idosas e as implicações nas suas identidades. Admitindo o envelhecimento e a velhice como processos dinâmicos entendemos que as representações sociais destes construtos se modificam no tempo e alteram a realidade pelas novas demandas sociais com reflexo nas identidades. Defendemos que não existe uma única identidade de ser velho, pois é no contexto sociocultural das histórias de vida que vai sendo tecida a identidade na velhice. A Teoria das Representações Sociais e a Teoria da Identidade Social subsidiaram a compreensão de que os processos identitários são construídos nas relações intra/intergrupos e na variedade de sentidos atribuídos aos objetos de pesquisa pelos marcadores sociais e pelas experiências dos sujeitos. Na pesquisa empírica, envolvemos dois grupos: um com 60 participantes de 60 anos ou mais e outro com 61 participantes com idade entre 19-59 anos. O método seguiu duas etapas: a aplicação, para os dois grupos de um questionário de associação livre de palavras, seguido da hierarquização de seis frases curtas e incompletas relativas à velhice; e realização de entrevistas narrativas, apenas com idosas. Na análise o apoio do software Iramuteq e a análise de conteúdo de Bardin. Nos resultados identificamos sentidos de naturalização do envelhecimento objetivados no corpo e na certeza da finitude; os medos do envelhecimento com ancoragem simbólica em atitudes de enfrentamento destes medos; e o cuidado de si que ressignifica a própria existência com prazer, aprendizagens e liberdade. As idosas se movimentam para criar, pensar, ousar, transgredir e desejar assumindo-se como sujeito social cidadã, pois o envelhecimento do corpo é secundário. Nas narrativas evidenciamos a articulação da velhice à questão de gênero imbricada à identidade e à liberdade, na postura resiliente diante da vida.

Palavras-chave: Velhice. Envelhecimento. Representações Sociais. Identidade.

ABSTRACT

Admitting aging and old age as dynamic processes we understand that the social representations of these constructs change over time and alter the reality due to new social demands with reflection on identities. We defend that there is no single identity of being old, because it is in the sociocultural context of life histories that identity is woven in old age. The Theory of Social Representations and the Social Identity Theory subsidized the understanding that the identity processes are constructed in the intra/intergroup relations and in the variety of meanings attributed to the objects of research by the social markers and the experiences of the subjects. Our aim was to understand the meanings of old age and aging built by elderly women and the implications on their identities. We studied one group with 60 participants aged 60 years and over and other with 61, aged 19-59 years. The method followed two steps: the application, for both groups, of the questionnaire of free association of words, followed by the hierarchy of six short and incomplete sentences related to old age; and narrative interviews with only the elderly women. To analyze we used the software Iramuteq and analysis of content of Bardin. As results, we identified the naturalization of aging objectified in the body and in the certainty of finitude; the fears of aging with symbolic anchoring in coping attitudes of these fears; and caring for oneself by resignifying the very existence with pleasure and learning. The women move to create, to think, to dare, to transgress and to desire assuming itself as citizen social, since the aging of the body is secondary. In the narratives we have found the articulation of old age to the issue of gender intertwined to the identity and freedom, in the resilient posture facing life.

Key words: Old Age. Aging. Social Representations. Identity.

RESUME

Dans cette recherche, nous comprenons les significations de la vieillesse et du vieillissement construits par les femmes âgées et les implications sur leurs identités. En admettant le vieillissement et la vieillesse comme des processus dynamiques, nous comprenons que les représentations sociales de ces constructions changent avec le temps et modifient la réalité à travers de nouvelles demandes sociales qui reflètent les identités. Nous défendons selon laquelle il n'y a pas d'identité unique d'être vieux, car c'est dans le contexte socioculturel des histoires de vie que l'identité est tissée dans la vieillesse. La Théorie des Représentations Sociales et la Théorie de l'Identité Sociale ont subventionné la compréhension que les processus identitaires se construisent dans les relations intra / intergroupes et dans la variété des significations attribuées aux objets de recherche par les marqueurs sociaux et les expériences des sujets. Dans la recherche empirique, nous avons impliqué deux groupes: l'un avec 60 participants âgés de 60 ans ou plus et l'autre avec 61 participants âgés de 19-59 ans. La méthode comportait deux étapes: l'application, aux deux groupes d'un questionnaire d'association libre de mots, suivie de la hiérarchie de six phrases courtes et incomplètes liées à la vieillesse ; et des interviews narratives, seulement avec les femmes âgées. Dans l'analyse le support du logiciel Iramuteq et l'analyse du contenu de Bardin. Dans les résultats, nous avons identifié les sens de naturalisation du vieillissement objectivés dans le corps et dans la certitude de la finitude ; les peurs du vieillissement avec ancrage symbolique dans les attitudes de faire face à ces peurs ; et le soin de soi qui resignifie sa propre existence avec plaisir, apprentissage et liberté. Les femmes se déplacent pour créer, penser, oser, transgresser et vouloir en assumant en tant que sujet social citoyenne, puisque le vieillissement du corps est secondaire. Dans les récits, nous montrons l'articulation de la vieillesse à la question du genre imbriqué dans l'identité et la liberté, dans la posture résiliente face à la vie.

Mots-clés: Vieillesse. Vieillissement. Représentations Sociales. Identité.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Legislação Referente às Políticas de Atenção e Saúde do Idoso, numa sequência temporal 1994 a 2006.	38
Quadro 2 - Quantitativo de Evocações de palavras produzidas pelos dois grupos pesquisados por expressão-indutora:	90
Quadro 3 - Palavras associadas pelos Idosos à expressão-indutora velho é... ..	90
Quadro 4 - Palavras associadas pelos Não Idosos à expressão-indutora velho é.....	91
Quadro 5 - Palavras associadas pelos Idosos à expressão-indutora o corpo do velho é... ..	94
Quadro 6 - Palavras associadas pelos Não Idosos à expressão-indutora o corpo do velho é... ..	95
Quadro 7 - Palavras associadas pelos Idosos à expressão-indutora envelhecer é.....	97
Quadro 8 - Palavras associadas pelos Não Idosos à expressão-indutora envelhecer é... ..	97
Quadro 9 - Palavras associadas pelos Idosos à expressão-indutora meus familiares velhos são.....	99
Quadro 10 - Palavras associadas pelos Não Idosos à expressão-indutora meus familiares velhos são... ..	100
Quadro 11 - Palavras associadas pelos Idosos à expressão-indutora nós velhos somos.....	101
Quadro 12 - Palavras associadas pelos Não Idosos à expressão-indutora nós, quando formos velhos, seremos... ..	102
Quadro 13 - Palavras associadas pelos Idosos à expressão-indutora eles, os velhos, são... ..	1054
Quadro 14 - Palavras associadas pelos Não Idosos à expressão-indutora eles, os velhos são... ..	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos participantes: faixa etária e gênero dos IDOSOS participantes	81
Tabela 2 – Perfil dos participantes: escolaridade dos IDOSOS participantes	82
Tabela 3 – Perfil dos participantes: faixa etária e gênero NÃO IDOSOS	84
Tabela 4 - Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Velho é... pelo grupo dos IDOSOS	93
Tabela 5 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Velho é... pelo grupo dos NÃO IDOSOS	93
Tabela 6 – Representações Sociais de corpo na velhice a partir da expressão-indutora O corpo do velho é... pelo grupo dos IDOSOS	95
Tabela 7 – Representações Sociais de corpo na velhice a partir da expressão-indutora O corpo do velho é... pelo grupo dos NÃO IDOSOS	95
Tabela 8 – Representações Sociais de envelhecimento a partir da expressão-indutora Envelhecer é... pelo grupo dos IDOSOS	98
Tabela 9 – Representações Sociais de envelhecimento a partir da expressão-indutora Envelhecer é... pelo grupo dos NÃO IDOSOS	98
Tabela 10 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Meus familiares velhos são... pelo grupo dos IDOSOS	100
Tabela 11 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Meus familiares velhos são... pelo grupo dos NÃO IDOSOS	100
Tabela 12 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Nós velhos somos... pelo grupo dos IDOSOS	103
Tabela 13 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Nós, quando formos velhos, seremos... pelo grupo dos NÃO IDOSOS	104
Tabela 14 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Eles, os velhos são... pelo grupo dos IDOSOS	106
Tabela 15 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Eles, os velhos são... pelo grupo dos NÃO IDOSOS	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS	Agentes comunitárias de saúde
AVD	Atividades da vida diária
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
Freq.	Frequência
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILPI	Instituição de Longa Permanência para Idosos
IRAMUTEQ	Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires
O.I.	Ordem de importância
OMS	Organização Mundial de Saúde
PROIDOSO	Programa do Idoso
PROEXT	Pró-Reitoria de Extensão
RC	Representações Coletivas
RS	Representações Sociais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIS	Teoria da Identidade Social
TOSC	Teoria de Otimização Seletiva com Compensação
TRS	Teoria das Representações Sociais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UnATI	Universidade Aberta à Terceira Idade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	VELHICE, ENVELHECIMENTO, TERCEIRA IDADE, VELHICES – APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS.....	26
2.1	SER VELHO E ENVELHECER NA ATUALIDADE: DISTINTAS NOMEAÇÕES E A “TERCEIRA IDADE”.....	31
2.2	POLÍTICAS PÚBLICAS: A GESTÃO DA VELHICE.....	37
2.3	AS MARCAS CORPORAIS DO ENVELHECIMENTO.....	42
2.4	CORPO E ENVELHECIMENTO NO CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS APLICADAS À SAÚDE E À ESTÉTICA.....	44
2.5	GÊNERO E ENVELHECIMENTO.....	47
2.6	A CONSTRUÇÃO DA DENTIDADE NO ENVELHECIMENTO.....	50
3	A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A ABORDAGEM DE FENÔMENOS COMPLEXOS.....	57
3.1	O LEGADO DAS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS PARA A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	58
3.2	OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: OBJETIVAÇÃO E ANCORAGEM.....	62
3.3	AS FUNÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	65
3.4	DISTINTAS ABORDAGENS DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	65
3.5	ORGANIZAÇÃO INTERNA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – A TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL.....	67
3.6	A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O OBJETO SOCIAL VELHICE E ENVELHECIMENTO – SISTEMAS REPRESENTACIONAIS.	68
3.7	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E OS PROCESSOS IDENTITÁRIOS.....	69
4	MÉTODO.....	73
4.1	OS CRITÉRIOS DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	74
4.2	A CONSTRUÇÃO DOS DADOS: A COLETA E A ANÁLISE SIMULTÂNEA NAS DIFERENTES FASES.....	75

4.2.1	Primeira fase da pesquisa - Questionário de Associação Livre de Palavras (QALP).....	75
4.2.2	Segunda fase da pesquisa: as entrevistas narrativas.....	76
4.3	DIÁRIO DE CAMPO: COMPLEMENTO EM TODAS AS ETAPAS DA COLETA DOS DADOS.....	77
4.4	ANONIMATO, SIGILO DAS INFORMAÇÕES E CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS.....	78
4.5	CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA E SEUS PARTICIPANTES.....	78
4.6	AS IMPRESSÕES DO CAMPO: A APROXIMAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS COM OS PARTICIPANTES.....	80
4.7	PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	81
4.8	CODIFICAÇÃO DO INSTRUMENTO, REGISTRO, TRATAMENTO DOS DADOS E ANÁLISE A PARTIR DO QUESTIONÁRIO DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS E A IDENTIFICAÇÃO DO UNIVERSO SEMÂNTICO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	84
4.9	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS, CAPTURA DO NÚCLEO CENTRAL DAS REPRESENTAÇÕES.....	87
5	ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	89
5.1	PRIMEIRA FASE DA ANÁLISE DOS DADOS: MAPEAMENTO DO UNIVERSO SEMÂNTICO DAS REPRESENTAÇÕES DE VELHICE E DE ENVELHECIMENTO.....	89
5.1.1	Aproximações e tensionamentos nos processos identitários.....	90
5.2	SEGUNDA FASE DA ANÁLISE DOS DADOS: SENTIDOS DE ENVELHECIMENTO E DA VELHICE.....	109
5.2.1	A naturalização do envelhecimento, como ciclo de vida, continuidade familiar e finitude.....	109
5.2.1.1	O corpo dos idosos: limitações, adequações, resistências.....	111
5.2.1.2	Questão de gênero e o processo de envelhecimento e a velhice.....	129
5.2.1.3	Casamento / Descasamento / Viuvez.....	133
5.2.1.4	Violência contra a mulher no passado e no presente.....	135
5.2.2	Medos do envelhecimento: o enfrentamento desses medos.....	139
5.2.3	Cuidado de si na velhice.....	144
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149

REFERÊNCIAS.....	153
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS.....	168
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	171
APÊNDICE C – DICIONÁRIO SEMÂNTICO.....	173

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa identificou as representações sociais de velhice e de envelhecimento segundo um grupo de mulheres idosas na cidade de Recife-PE e objetivou analisar também nestas representações traduções dos processos identitários das participantes. Admitindo que o envelhecimento e a velhice sejam processos dinâmicos, defendemos que as representações sociais sobre estes construtos se modifiquem no tempo e também modifiquem a realidade apontando novas demandas sociais e, sobretudo, rebatimentos nas identidades dos sujeitos.

O objeto de investigação foi construído em um cenário em que os avanços da ciência que se traduzem em melhorias relacionadas à saúde do idoso e que proporcionaram um aumento na sua expectativa de vida, ainda não se constituem num bem acessível para todos os idosos brasileiros. Esta situação indica que a responsabilidade da sociedade brasileira se mantém insuficiente para superar os agravos que vulnerabilizam esse segmento da população e os impactos negativos sobre a forma como os sujeitos chegam à velhice. Oportunidades nas áreas da manutenção da saúde, da oferta do esporte, do lazer e do turismo são exemplos de ações de enfrentamento que objetivam assegurar aos sujeitos um contexto social que favoreça um envelhecimento com qualidade, porém, ainda sem vigor e robustez em relação às políticas públicas para os idosos.

A problemática de investigação foi construída considerando, em especial, que se a contemporaneidade pode ser definida por sua liquidez, como nos diz Bauman (2005), ou pela sua fugacidade ou o culto ao corpo, divulgado pela mídia e referência da saúde na atualidade, tais atributos impõem ao sujeito justamente o oposto à velhice e ao envelhecimento: a permanência e a imutabilidade desse corpo. Diante desse novo referencial da existência humana todas as estratégias e recursos tecnológicos disponíveis seriam acessados para atender a esse ideário da eterna juventude. Quer dizer, cria-se a idealização de um corpo jovem, ágil e sem marcas, como alvo do desejo e destino de todo o investimento pessoal por toda a vida, por todos os sujeitos (NOVAES, 2010). Nesta mesma sociedade, moderna e ocidental, que aspira uma vida mais longa e plena de sentidos, se vive o temor das marcas do envelhecimento e da velhice. A identidade dos velhos parece se construir, apenas, pela contraposição à identidade do jovem, opondo-se às qualidades de atividade, força, memória, beleza, potência e produtividade. Estes tensionamentos nos levaram à construção da presente tese.

O início da nossa trajetória no campo do conhecimento sobre a velhice e o envelhecimento se deu como docente no curso de graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no ano de 1988, e sob nossa responsabilidade um componente curricular denominado *Terapia Ocupacional em Psiquiatria e Geriatria*. Nesse componente curricular a velhice e o envelhecimento eram abordados de acordo com a premissa da ciência da Terapia Ocupacional, daquele momento sócio histórico, para quem o ser humano era visto como um ser ocupacional, inserido num contexto social, com papéis ocupacionais peculiares para cada fase do ciclo de vida. A intervenção da Terapia Ocupacional destinava-se, à época, ao processo de reabilitação quando os agravos à saúde dos idosos afetavam o seu desempenho cotidiano, quer dizer, uma atenção notadamente pautada pelo modelo biomédico predominante (HASSELKUS, 2002; MELO, 2007).

Com a nossa participação no I Curso Internacional de Aperfeiçoamento em Epidemiologia do Envelhecimento, realizado em 1989, na Escola Paulista de Medicina, hoje Universidade Federal de São Paulo, ocorreu uma forte mudança no olhar lançado sobre a velhice e o envelhecimento, uma vez que nos foram apresentados conhecimentos que ampliaram decisivamente os conceitos que detínhamos sobre essa fase da vida. Ao se tratar a velhice e o envelhecimento como algo que excede o caráter individual e os projeta para os contextos sociais, políticos, culturais e históricos, abriam-se outras perspectivas no sentido de compreendê-los como fenômenos complexos e multideterminados.

Nesse curso nos foi apresentado o envelhecimento populacional, uma realidade já instalada e consolidada nos países desenvolvidos e em curso nos países em desenvolvimento. Do ponto de vista social e econômico os países desenvolvidos assistiram ao envelhecimento de suas populações ao mesmo tempo em que construíram uma estratégia de proteção a esse que seria considerado um segmento frágil em suas sociedades, traduzida em ofertas de serviços nas áreas da saúde, da educação e do lazer. Nos países em desenvolvimento, aqui enfocando o Brasil, tal processo de envelhecimento da população ocorre num ritmo mais acelerado e se sobrepondo às questões ainda não equacionadas no tocante à garantia dos direitos civis básicos, o que gera um tensionamento quando os gestores públicos precisam destinar investimentos para as políticas públicas, em especial, para este segmento.

A retomada da docência no curso em Terapia Ocupacional após o curso foi impactada diretamente por estes novos conhecimentos sobre a velhice e o envelhecimento, uma vez que se operou uma importante transformação na forma como se passou a compreender e produzir

conhecimento no processo de formação acadêmica do terapeuta ocupacional, no que se refere à intervenção da Terapia Ocupacional com as pessoas envelhecidas. Além do foco na reabilitação das condições de funcionalidade, na ocorrência de agravos à saúde, também passou a integrar o campo de conhecimento técnico e científico da formação do terapeuta ocupacional o envelhecimento como um processo que é atravessado por outras visões de mundo e de ciência, como por exemplo, nas áreas da antropologia, da psicologia, da sociologia, da filosofia, da economia e, não apenas, o que era apresentado pelo modelo biomédico.

A formação de terapeutas ocupacionais pela UFPE, como descrevem Barreto e Leite (2017), passou por transformações importantes em decorrência dessa nova realidade que se apresentou em nossa sociedade, sendo traduzidas nas duas últimas décadas mudanças curriculares pelas quais passou o curso de graduação em Terapia Ocupacional oferecido pela UFPE: Uma em 1993, quando se instituiu um componente curricular denominado *Terapia Ocupacional em Geriatria e Gerontologia*, e outra mudança em 2011, ano em que se deu a implantação do Projeto Político Pedagógico vigente do curso, que é organizado sob a perspectiva do ciclo de vida. Com estas mudanças foram criados dois componentes curriculares específicos na produção do conhecimento e de práticas de intervenção referentes à velhice e ao envelhecimento, *Terapia Ocupacional e Envelhecimento 1* e *Terapia Ocupacional e Envelhecimento 2*.

Outro marco no nosso envolvimento com o campo de conhecimento sobre a velhice e o envelhecimento foi a realização do curso de Mestrado em Gerontologia, ofertado pela Universidade Estadual de Campinas. Ali tivemos a oportunidade de investigar a motivação e as atitudes de idosos que frequentavam uma universidade aberta a este segmento da população. Mais uma vez ao retornar para a docência em Terapia Ocupacional, fomos instigadas a nos lançar sobre a realidade das pessoas que já envelheceram ou estão em processo, com o intuito de ampliar nossa compreensão e assim disponibilizar esse conhecimento para a qualificação da formação de terapeutas ocupacionais que viessem atuar com essa parcela da população nessa nova perspectiva (SILVA, 1999).

Em uma experiência de atividade extensionista na universidade outro passo relevante foi dado na direção da compreensão da velhice e do envelhecimento, por meio do Projeto de Extensão intitulado “A Dança Reinventando a Imagem do Envelhecimento”. Este projeto foi composto por duas ações: uma ação era a oferta de cursos de dança para idosos, que eram

ministrados por discentes do curso de Terapia Ocupacional; e outra ação foi um grupo de estudos, destinado aos discentes participantes do projeto, em que refletíamos sobre o processo de envelhecimento, em seus variados aspectos, e também nos interessávamos sobre os impactos do envolvimento com a atividade de dançar sobre o cotidiano das pessoas idosas.

A convivência com aquelas pessoas idosas, no projeto de extensão universitária, nos provocava a repensar modelos conceituais de explicação da velhice e do envelhecimento, pois ali estavam pessoas a nos testemunhar que era possível envelhecer de uma forma que por vezes contraditava o que estava proposto pela literatura científica especializada.

No curso de doutorado tivemos o encontro com a Teoria das Representações Sociais – TRS – ao longo do texto será usada esta abreviação – que se apresenta como uma das possibilidades de desvelamento do conhecimento do senso comum e as relações deste com as questões identitárias na velhice e no envelhecimento. Ou seja, a velhice enquanto objeto de representação e suas interfaces com as teorias da identidade possibilitando entender como os sujeitos no jogo interacional com o social constroem e reconstroem sentidos psicossociais sobre a velhice e acerca de suas identidades. Entendemos o conhecimento psicossocial sobre o envelhecimento como uma das possibilidades de subsidiar a construção de políticas sociais para o enfrentamento da velhice, bem como para contribuir com a redefinição dos seus significados.

O termo velhice comporta, por um lado, uma diversidade de conceitos biológicos, diferentes sentidos históricos e sociais, significados particularizados que justificam e autorizam a sua pluralidade e polissemia, e podendo-se mesmo falar em *velhices*. A velhice pode significar, por outro lado, especificamente, as alterações orgânicas que, irremediavelmente, tornam-se evidentes no corpo (WELLING, 2009).

Assim, a velhice pode se apresentar de diferentes formas para diferentes sujeitos, tanto em relação às condições materiais e mobilização de apoios, quanto no sentido da visão subjetiva do envelhecimento. Estudos que objetivam capturar os sentidos atribuídos ao inevitável processo de envelhecimento e as implicações desses sentidos compartilhados nos processos identitários demonstram que os velhos, ou idosos ou pessoas idosas estão longe de constituir um grupo uniforme que possa ser compreendido sob uma categoria institucional de “velho”, “idoso”, “pessoa idosa”, ou quaisquer outras denominações que pretendam agrupar e explicar toda a complexa teia de possibilidades de experiências de velhice (ABOIM, 2014).

A temática é pertinente à psicologia em geral e, em especial, à psicologia do desenvolvimento considerando que durante o século XX, o progresso social em diferentes áreas e os avanços científicos, sobretudo, na área da saúde provocaram uma notável expansão na longevidade da vida humana e, por conseguinte, foi também ampliada a proporção de idosos nas populações de muitos países. No Brasil, a proporção de pessoas com 65 ou mais em 1991 era de 4,87%, em 2000 atingiu o percentual de 5,9% e em 2010 chegou a 7,4% (IBGE, 2011).

Apesar de considerar o relativo aumento do número de idosos na sociedade brasileira, a constituição da velhice como um fenômeno social não pode ser compreendida apenas como um resultado automático do crescimento numérico desses idosos na população, como tende a sugerir a noção de “envelhecimento demográfico” utilizada para justificar o interesse social pela questão (DEBERT, 1994). Essas mudanças que não têm precedente na história humana, foram acompanhadas por alterações significativas nos critérios de categorização etária e nos parâmetros para avaliar os graus de normalidade e de desejabilidade de vários outros fenômenos associados ao envelhecimento (SILVA, 1999).

Para compreender as transformações que marcam o envelhecimento contemporâneo e a velhice, a psicologia do desenvolvimento ainda desenvolve poucos estudos, em particular, os que envolvem as categorias identitárias, o que mobiliza na direção de pesquisas em relação a estes objetos. Em outras áreas, estudos provenientes da sociologia e da antropologia, por exemplo, enfatizam os aspectos discursivos envolvidos na construção da noção de velhice, pois esta identidade etária não só faz parte de nosso imaginário, como em vários aspectos, conforma as possíveis descrições que fazemos de nós mesmos e de nossas vidas (Silva, 2008). Ainda segundo esta autora, a noção de velhice como etapa diferenciada da vida surgiu no período de transição entre os séculos XIX e XX.

De acordo com Lopes (2000), o surgimento do estado moderno, no final do século XIX, com a ordenação, classificação e separação das populações, enseja a construção da velhice como uma etapa da vida que era marcada pela decadência física e pela perda de papéis sociais. Numa perspectiva antropológica, os princípios de classificação do mundo social, ainda que pareçam mais naturais, reclamam pelos fundamentos sociais, quer dizer, os estigmas físicos e as características biológicas como gênero e idade geralmente são usados como critérios de classificação dos sujeitos no espaço social.

Na sociedade moderna, a referência principal de organização da vida social gira em torno do indivíduo e do lugar que ele ocupa na divisão social e técnica do trabalho. As categorias para agrupar as pessoas de acordo com suas idades cronológicas assumem uma conotação positiva destinada à juventude e à vida adulta que têm um valor diferenciado no processo de produção e reprodução da vida social, ao contrário da velhice que adquire uma conotação negativa e pejorativa, por implicar no afastamento dos processos de produção (SILVA, 2016).

O conceito de idade que por muito tempo demarcou os ciclos de vida foi convencionalizado e se expressa em números e anos é uma medida abstrata e se torna concreta de acordo com as necessidades apontadas pela gestão de uma determinada prática social. Assim, não se pode considerar a idade dos sujeitos como uma propriedade que independe do contexto no qual ela recebe sentidos. A definição de classes etárias baseada num critério cronológico está fortemente relacionada ao que se chama de “curso de vida moderno” (LOPES, 2000). A noção de “curso de vida” diz respeito às formas como a sociedade atribui sentidos sociais e pessoais à passagem do tempo biográfico, possibilitando a construção social de personalidades e trajetórias de vida, baseando-se numa sequência de transições determinadas socialmente e diferenciadas por idade, conforme os estudos clássicos na gerontologia (NERI, 1995).

Uma série de mudanças específicas nas concepções de desenvolvimento humano e a convergência de diferentes discursos acabaram reordenando as concepções acerca do curso da vida. Sobre essas mudanças nas sociedades contemporâneas, Debert (1999), diz que a história desta civilização estaria marcada por três etapas sucessivas, em que os sentidos atribuídos à idade cronológica seriam radicalmente distintos: a pré-modernidade, em que a idade cronológica seria menos relevante do que o status da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder; a modernidade, que teria correspondido a uma cronologização da vida humana; e a pós-modernidade, que indicaria uma desconstrução do curso da vida em nome de um estilo unietário. Ainda segundo Debert (1999a), o próprio da cultura pós-moderna é a possibilidade, em forma de promessa, de que é possível escapar dos constrangimentos, dos estereótipos, das normas e dos padrões de comportamentos baseados nas idades.

É comum em uma análise de foco biológico que ao envelhecimento associem-se declínio físico e cognitivo, limitações afetivas e impasses sociais. As imagens e ideias que

estigmatizam o envelhecimento também o tornam massificado e equivocadamente homogêneo, todavia, ao contrário, tem-se mais recentemente a ideia de que este envolve múltiplas dimensões. Por um lado, a visão da velhice predominantemente marcada pela passagem dos anos no corpo biológico deixa de lado aspectos sociais, psicológicos e culturais que compõem o ser que envelhece. Por outro lado, ganha visibilidade na mídia falada e escrita também as ideias de um envelhecimento ativo, saudável, belo e disposto (MARAVILHA, 2010).

Para entender o processo de envelhecimento da sociedade da qual participamos e na qual atuamos é pertinente entender que a pós-modernidade ou a contemporaneidade pode ser definida a partir de vários enfoques, mas sempre estarão apresentando como característica a emergência de uma cultura midiática em que o cenário social fundamenta-se num forte apelo ao consumo que é estimulado, pelos meios de comunicação de massa, os quais contribuirão decisivamente para tornar a imagem pessoal como soberana. Tal configuração marca o fenômeno da estetização da vida cotidiana. Assim, a beleza, a juventude, a felicidade, o corpo perfeito e o sucesso pessoal constituem bens ou mercadorias que se pode possuir (MARAVILHA, 2010).

O ideal contemporâneo dita a forma de viver e de envelhecer condenando à marginalidade social aqueles que vivem desprovidos das benesses da vida moderna e que invariavelmente carregam em suas sombras as heranças dos tempos vividos em arranjos diferenciados pela condição socioeconômica, étnica, religiosa, de gênero, de inserção profissional, entre tantos outros marcadores definidores do ser que envelhece. Dirigir o olhar para as diferentes formas de representar e vivenciar o envelhecimento é repensar preconceitos, diluir estigmas e medos dirigidos aos mais velhos. Significa a construção de saberes e práticas que confirmam dignidade à pessoa humana além de sua inserção social como criança, adulto ou idoso (DEBERT, 1999; NOVAES, 2010).

Parece que ao nos lançar em direção a este objeto de estudo, podemos avançar no sentido de orientar os especialistas em envelhecimento para que toda a sociedade possa valorizar e desfrutar cada vez mais da grande conquista contemporânea que está sendo a garantia de longevidade, com qualidade, para um contingente importante de seus membros. No entanto, a exclusão social provocada pela discriminação e pelo preconceito contra a pessoa que envelhece aliada a um contexto de acentuada desigualdade social, pobreza e

fragilidade das instituições, limita o acesso aos recursos sociais, resultando em isolamento e despersonalização de muitas dessas pessoas velhas.

De modo geral, a noção de desenvolvimento humano traçada pela psicologia clássica, não só é reiterada pela sociedade como também continua a prescrever os comportamentos dos indivíduos nas diferentes fases da vida, a despeito dos inúmeros avanços de pesquisas que refletem acerca do desenvolvimento em um sentido mais ampliado contemplando a cultura e os contextos. As teorias do desenvolvimento definiram, por muito tempo, o lugar que a sociedade, em suas práticas e relações sociais, reserva aos sujeitos: às crianças o espaço da brincadeira e da descoberta; aos adolescentes a indefinição/preparação para um futuro profissional; aos adultos o trabalho, a produção e a perpetuação estável da sociedade e aos velhos, colaboradores potenciais, o repasse, quando requisitado, de uma sabedoria acumulada ao longo da vida (NERI, 1995, 2001, 2006).

Ao falar de práticas sociais nos referimos a um processo interativo em que sujeito, objeto e grupo social não podem ser considerados isoladamente. É no jogo dessas interações que as práticas se consolidam, adquirem significados e são ressignificadas, impregnadas por valores e afetos, contribuindo para a construção e transformação das diferentes teorias que permeiam os grupos sociais. No domínio da intervenção e das práticas sociais em relação aos idosos existe forte heterogeneidade de concepções relativas às experiências de velhice e de envelhecimento (SILVA, 1999; SANTOS; BELO, 2000; ARAÚJO; COUTINHO; SANTOS, 2006). Assim, ainda não se tem maiores investimentos na produção do conhecimento sobre o ser que envelhece contextualizado pelas diferenças que marcam sua pertença e identidade grupal na sociedade (MARAVILHA, 2010). A reconstrução e reelaboração das informações obtidas acerca da matéria prima, a partir da qual se elaboram novos significados, a ressignificação do novo, a apropriação individual do pensamento social são elementos essenciais para a compreensão da dinâmica das representações e sugerem novos estudos e encaminhamentos (SANTOS; BELO, 2000).

As mudanças históricas atravessam e se inscrevem nos nossos corpos muito rapidamente, dificultando a apreensão e a assimilação das novidades. Atingir a velhice é um privilégio na singularidade radical que marca os seres humanos e que interage com as especificidades e interseccionalidade de gênero, classe social e etnia. A longevidade, posta como um presente democrático destes tempos, a rigor, oferta-se na esfera social de forma

desigual, discriminatória e às vezes cruel. E isso nos toca a todos, seres humanos e sociais, em nossos corpos envelhecendo (PY; SCHARFSTEINS, 2001).

Assim, o objeto desta pesquisa se refere à investigação da relação entre as Representações Sociais do envelhecimento e da velhice e a identidade de idosos. Este objeto pretendeu delinear e explicar os tensionamentos presentes na atualidade em relação a este processo de envelhecimento e as implicações nos processos identitários, diante da pressão midiática e do cenário de “juventude eterna”, que é disseminado.

Este trabalho é composto por quatro capítulos teóricos e um capítulo empírico. O primeiro capítulo tratou da apresentação do objeto da pesquisa, em suas relações com o contexto social e histórico e as implicações da pesquisadora com esse objeto, a partir do percurso traçado em sua carreira acadêmica.

No segundo capítulo apresentamos a diversidade de conceitos e terminologias que são usados para designar os fenômenos sociais velhice e envelhecimento, trazemos a dimensão política e social expressa nas políticas públicas dirigidas ao segmento mais idoso da sociedade brasileira, problematizamos as marcas que o envelhecimento vai imprimindo no corpo dos sujeitos e, como esses vão sendo afetados pela pressão disseminada nos meios de comunicação para serem eternamente jovens e saudáveis, e como estas dimensões vão se imbricando no processo de construção das identidades na velhice.

O terceiro capítulo é dedicado à TRS como referencial teórico metodológico que fundamenta o estudo e possibilita compreensão e explicação aprofundada dos fenômenos sociais. Apresenta a relação entre as representações coletivas e as representações sociais, com vistas a situar o surgimento dessa teoria, e entre o senso comum e a TRS, também descreve os processos de construção das RS e suas funções, discute os sistemas representacionais tecidos nas relações entre os objetos sociais, bem como as abordagens que auxiliaram no desenvolvimento da teoria e as articulações entre a TRS e a construção dos processos identitários.

O método utilizado na pesquisa é explicitado no quarto capítulo, no qual anunciamos a natureza qualitativa da pesquisa, os procedimentos adotados na construção dos dados e os cuidados éticos envolvidos.

O quinto capítulo se refere à análise dos dados e discussão dos resultados, no qual apresentamos o campo da pesquisa, o contato com os idosos e os não idosos, a aproximação

de suas rotinas e o detalhamento dos procedimentos; os instrumentos adotados; os processos de construção e análise dos dados; e os resultados interpretados.

Por fim, tecemos as considerações finais, apontando os principais achados e sugestões para novas pesquisas, a partir de novas questões que sugerem outras temáticas de investigação pertinentes ao campo dos processos interativos e do desenvolvimento humano.

2 VELHICE, ENVELHECIMENTO, TERCEIRA IDADE, VELHICES – APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

[...] a palavra não sabe o que diz. A palavra delira, a palavra diz qualquer coisa... ela própria não diz nada... quem diz é o acordo estabelecido entre quem fala e quem ouve... quando existe acordo, existe comunicação... quando esse acordo se quebra, ninguém diz mais nada! mesmo usando as mesmas palavras...

Viviane Mosé (2009)

Nesta seção, considerações e problematizações são feitas sobre as classificações, conceitos e terminologias que os fenômenos sociais velhice e envelhecimento vêm adquirindo ao longo do tempo. A interação entre os marcadores sociais classe social, gênero e geração, que são básicos para se compreender a vida em sociedade são essenciais para apreender a dinamicidade e a multiplicidade da velhice ou *das velhices*, como sugere Silva (2008), compreendidos como um fenômeno interseccional atravessado pelo jogo das relações sociais. Conforme Britto da Motta (2010), essas categorias não apresentam somente caráter teórico, pois são também revestidos de caráter político, porque expressam as contradições e ambiguidades nas lutas sociais pelo poder. Quer dizer, as representações sociais de velhice e de envelhecimento não podem ser compreendidas sem considerar esse conjunto de marcadores da vida em sociedade, visto que são estruturadores e estruturantes das relações socioculturais, nas quais são construídos e partilhados os sentidos sobre estes construtos.

Uma grande variedade de nomes tem sido utilizada para designar a pessoa que envelhece: velho, idoso, maduro, terceira idade, melhor idade. Supõe-se que na sociedade ocidental capitalista ninguém quer ser velho, porque tal terminologia é sinônimo de incapacidade física e intelectual, dependência, fragilidade física e emocional, e diminuição na interação social. Adotam-se, então, novas palavras, tais como os conceitos de idoso e de terceira idade mais recentemente (VILHENA, NOVAES, ROSA, 2014), que busca trazer novos significados distanciados de uma abordagem pejorativa e negatizada.

Em um primeiro plano, tem-se um discurso de forte determinação biológica sobre a saúde e a doença, no qual a ciência biomédica contemporânea influencia as práticas objetivas e subjetivas em relação ao corpo, à saúde e à vida. E como sugere Le Breton (2011), vai se constituindo numa espécie de “porta-voz” oficial do corpo humano na sociedade ocidental, apropriando-se de etapas naturais do ciclo de vida como o nascimento, o envelhecimento e a morte. Sendo assim, há de se pressupor que a apreensão desse saber biomédico pelos sujeitos interfere na sua atribuição de sentidos ao envelhecimento e à velhice (MORAES et. al., 2016).

No processo de atribuição de sentidos há que se considerar que ao serem estimulados a falar sobre a velhice e sobre o envelhecimento, os sujeitos o fazem inseridos em um contexto social e cultural, que por seu turno irá conferir significados peculiares sobre a própria existência. A cultura é entendida nesta pesquisa, segundo Geertz (1989), como um texto interpretável que proporciona inteligibilidade às situações cotidianas da vida, estruturando o campo social em um tecido semântico. Dessa maneira, os sujeitos constroem psicossocialmente a sua experiência de velhice e de envelhecimento, fazendo uma elaboração cultural de formas singulares de envelhecer.

Velho é uma das possíveis adjetivações que atribuem, na linguagem popular, um sentido pejorativo à imagem de quem está envelhecido. Se retornarmos na história da humanidade, pode-se verificar que o termo velhice ficou, na maioria dos tempos, vinculado ao significado de decrépito e decadente por conta das naturais perdas corporais decorrentes do processo de envelhecimento. Todavia, o termo também pode estar articulado à ideia de vitalidade, longevidade, sabedoria, respeito e idade cronológica avançada (BEAUVOIR, 1990).

Um ciclo vital extenso faz com que indivíduos ou populações possam ser categorizados como *idosos*. De acordo com convenções sociodemográficas, idosos são pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, nos países em desenvolvimento, e com idade igual ou superior a 65 anos, nos países desenvolvidos (BISPO JÚNIOR, et. al., 2014). Na medida em que o ciclo vital é ampliado em sua extensão temporal, a heterogeneidade entre os idosos também cresce consideravelmente, o que, em termos práticos, quer dizer que o pesquisador não deve trabalhar como se essa categoria homogênea fosse, em seus atributos e qualificativos.

Ainda que haja uma definição das diferentes etapas do ciclo de vida, baseada em limites etários, essas etapas dizem respeito mais do que dimensões biológicas, pois estão mais conectadas a condicionantes sociais e culturais que, por seu turno, são construídos política e economicamente e são representadas de forma heterogênea, cada vez mais fluida sob a influência de diferentes aspectos pessoais e contextuais.

Na visão da interseccionalidade, gênero, classe social, saúde, escolarização, traços de personalidade, história pessoal e contexto sócio-histórico são marcadores sociais que se mesclam à idade cronológica para configurar diferenças entre os idosos. Neri (2001) destaca a

subjetividade como um fator de definição na construção dessa heterogeneidade, determinando, por exemplo, como o indivíduo se sente, ou não, pertencente a um segmento identificado como idoso e que apresente padrões de comportamento esperado para uma ou outra categoria etária.

Na perspectiva do ciclo vital, a *velhice* é a última fase no processo de desenvolvimento e segundo Neri (1991), o seu significado é uma construção realizada a partir da percepção pessoal, cultuada através dos valores e experiências, crenças e atitudes que cada um internaliza e, também, a partir da interação social com outros sujeitos nos diversos contextos do indivíduo com o meio social. O envelhecimento como construção social pode agregar significados diferentes com realces relacionados ao gênero, à etnia, à cultura e às condições próprias de cada indivíduo. No entanto, apesar desta variabilidade, o significado de envelhecer compartilhado entre pessoas de uma mesma cultura pode influenciar as percepções individuais de envelhecimento ao longo do tempo (RESENDE; NERI, 2009).

Numa perspectiva antropológica e também do ponto de vista da pesquisa histórica, destaca-se que as representações de velhice, bem como a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, a posição social que os velhos ocupam e o tratamento que lhes é dispensado pelos mais jovens assumem significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. Esta mesma perspectiva orienta a análise das outras etapas da vida, como a infância, a adolescência e a vida adulta (DEBERT, 1994).

Para a Psicologia, o desenvolvimento humano é concebido como um processo contínuo, multidimensional e multidirecional de mudanças, conduzidos por influências tanto genético-biológicas quanto socioculturais. Esse desenvolvimento também é marcado por ganhos e perdas concorrentes e pela constante interação entre o indivíduo e a cultura, portanto, o desenvolvimento e o envelhecimento podem ser considerados processos concorrentes, uma vez que as mudanças evolutivas e de crescimento, da mesma forma que as mudanças de degeneração e perdas, estão presentes em toda a extensão de vida do ser humano (BALTES; SMITH, 2004).

As mudanças de caráter normativo podem ser de duas formas: as de natureza genético-biológicas que são as graduadas por idade, exemplificadas pela maturação neurológica dos cinco primeiros anos, pela puberdade e pelo climatério; e as mudanças graduadas pela história, que são as que sofrem as interferências psicossociais mediadas pelos processos de

socialização aos quais estejam submetidos. Como exemplo, tem-se o ingresso na escola, o casamento ou relação conjugal e a aposentadoria por idade (BALTES, 1997).

A ocorrência das influências não normativas, por sua vez, é imprevisível. Podem ser de caráter biológico ou societal, interferindo, assim, na sequência e no ritmo do curso de vida esperados. Os efeitos poderão ser sentidos de acordo com o significado dos acontecimentos para o indivíduo e de sua capacidade de enfrentamento. São exemplos: a ocorrência de acidentes, doenças, viuvez na idade adulta, a perda de emprego (BALTES, 2004). Dessa forma, o nosso desenvolvimento ocorre em uma constante articulação e regulação entre eventos biológicos e sociais, naturalmente programados ou socialmente esperados. Ainda assim, não exclui as idiossincrasias, história de vida pessoal, ressaltando, assim, a forte interação entre natureza e cultura.

Ao ser definido por estudos biológicos e fisiológicos, o envelhecimento foi fundamentalmente associado à deterioração do corpo e, a partir daí, a velhice foi tratada a partir da segunda metade do século XIX como uma etapa da vida determinada pela natureza, caracterizada pela decadência e pela ausência de papéis sociais (DEBERT, 1999). Desde as últimas décadas do século XX, quando a velhice passou a ser vista como um “problema social”, a velhice como um fato orgânico foi perdendo sua força e a velhice e o envelhecimento passaram a constituir objetos de reflexão das ciências sociais e das ciências humanas.

Como destaca Silva (2016), uma abordagem sob esse prisma das questões relativas à velhice e ao envelhecimento as situa em contextos sociais e culturais específicos. O pesquisador deve se interrogar sobre o papel de fatos socioculturais mais gerais na construção de uma representação de velhice enraizada nas ideias de deterioração e perda. Trata-se de investigar a interação entre parâmetros culturais, traços individuais e marcadores biológicos na construção de representações sociais de velhice e de envelhecimento. Ou seja, pensar a velhice a partir de um processo dialógico, em que o envelhecimento não é mais um estado ao qual o sujeito se submete passivamente, mas um fenômeno biológico ao qual o sujeito reage, baseando-se em suas referências pessoais e culturais.

De acordo com Neri (2006), as influências normativas graduadas por idade são eventos que tendem a acontecer na mesma época e com duração semelhante para a maioria dos indivíduos. Tais eventos são influenciados pelas interações entre o organismo e o ambiente, e estão relacionados ao cumprimento de tarefas evolutivas, às expectativas sociais e

aos contextos específicos de desenvolvimento. As influências normativas graduadas pela história são acontecimentos macroestruturais experimentados ao mesmo tempo, por todos os componentes de uma determinada coorte, que é formada por todas as pessoas que nascem num determinado período de tempo e são influenciadas por um mesmo contexto social e histórico. Estas influências covariam, sistematicamente, com fatores tais como: classe social, gênero e etnia (BALTES; SMITH, 2004), que passam a conjugar a articulação de fatores implicados e em relação intrincada desses referentes.

No que se refere ao *envelhecimento* podemos definir que é o processo de transformações universais determinado geneticamente para a espécie humana e para cada indivíduo que se apresenta em variadas configurações, tais como a diminuição da plasticidade comportamental, aumento da vulnerabilidade, acúmulo de perdas evolutivas e no aumento da probabilidade de morte. A forma como este processo vai se dar, em que ritmo, em qual duração e quais serão os seus efeitos irá depender das diferenças individuais e dos grupos etários, sob a influência de eventos de natureza genético-biológica, sócio-histórica e psicológica (NERI, 2001).

Ainda que haja um modelo biológico para explicar o envelhecimento, este não é capaz de contemplar toda a diversidade da descrição interindividual e, também, intraindividual da experiência humana de envelhecer, pois os órgãos e sistemas, de um mesmo indivíduo, envelhecem em ritmo e forma diferentes. Numa perspectiva biológica o envelhecimento é universal, progressivo e declinante. É de natureza multifatorial e depende da programação genética e das alterações que ocorrem em nível celular-molecular. Como consequência, pode haver diminuição da capacidade funcional do organismo humano e sobrecarga dos mecanismos de controle homeostático que podem explicar a correlação entre a passagem do tempo e a ocorrência de doenças, bem como, ser explicativo da forma como o organismo de pessoas mais velhas vai respondendo ao tratamento administrado a essas doenças (MORAES; MORAES; LIMA, 2010).

No que se refere à cognição, há uma lentificação no processamento cognitivo, um déficit de atenção, uma dificuldade aumentada no resgate das informações aprendidas (memória de trabalho) e redução da memória prospectiva (lembrar que precisa lembrar) e da memória contextual (dificuldade em lembrar detalhes). Essas alterações não trazem prejuízo significativo ao desempenho de tarefas do cotidiano, nem provocam, por si, restrições à participação social. Portanto, tais alterações, previstas para acontecer nesta fase da vida, não

são indicadores diretos de condições patológicas, porém, essas alterações se revestem de grande importância quando se trata de estabelecer o limite entre indicadores de saúde e de doença na velhice (MORAES; MORAES; LIMA, 2010).

Da perspectiva da interação humana as atitudes em relação à velhice refletem os conhecimentos do senso comum que são compartilhados em relação a esta etapa da vida e os conhecimentos científicos disponíveis sobre esta mesma etapa da vida. Até os anos 1960, entre leigos e especialistas, era dominante uma visão essencialmente negativa sobre a velhice, mas também coexistiam expectativas de poder controlar os efeitos deletérios da velhice, de estender a vida e prolongar a juventude. Estas expectativas positivas assumiram mais destaque na ciência e nas sociedades quando o fenômeno do envelhecimento populacional e a possibilidade de “envelhecer bem” se tornaram uma realidade em muitos países. Desde então, é crescente o número de indivíduos e sociedades que investem numa velhice saudável ou que, pelo menos, reconheçam a necessidade de fazê-lo (RESENDE, 2001).

2.1 SER VELHO E ENVELHECER NA ATUALIDADE: DISTINTAS NOMEAÇÕES E A “TERCEIRA IDADE”

Em estudo realizado por Neri, Cachioni e Resende (2002), foi observado que, de maneira geral, os adultos maduros e os idosos mostram atitudes e crenças mais positivas em relação à velhice. Indivíduos não idosos apresentaram expectativas muito positivas quanto a se manterem ativos, produtivos e valorizados na velhice. Estes dados, segundo estas autoras, contrariam o senso comum segundo o qual predominam atitudes negativas em relação aos idosos e ao envelhecimento na sociedade brasileira. Tal referência poderia sugerir que há muitas possibilidades quando se trata de cognições, dos sentimentos e das experiências diretas de envelhecimento, e que as atitudes e crenças de homens e mulheres em diferentes faixas de idade e em diferentes níveis de ocupação e escolaridade refletem essa variabilidade.

Entre outros estudos com achados similares ou contrários podemos citar o estudo de Santos, Tura e Arruda (2011), sobre Representações Sociais (RS) – será usado ao longo do texto na forma abreviada – de velho por adolescentes, em que se verificou que há dois polos de sentidos acerca do velho: por um lado, existe uma dimensão afetiva que compõe a elaboração representacional, provavelmente influenciada pela convivência com avós e outros familiares idosos, além de exemplos de velhos que circulam nas mídias e em obras literárias que se constituíram em aspectos concretos materializando de forma objetiva uma imagem positiva da velhice. Por outro lado, há uma dimensão que agrega sentidos relativos a uma

construção normativa do termo *idoso* que pressupõe respeito e valorização, em oposição a uma conotação negativa associada ao termo *velho*, em que se acentuariam as perdas, o declínio físico e as limitações.

Em um estudo exploratório e descritivo sobre as concepções e práticas do agente comunitário na atenção à saúde do idoso, Bezerra, Espírito Santo e Batista Filho (2005) relatam que no que diz respeito à representação social do idoso construída pelas agentes comunitárias de saúde (ACS), 65% dos participantes emitiu opinião de valor negativo associada à presença de enfermidades, dependência física e emocional, o que estaria consonante com a forte tendência em associar o idoso às noções de fragilidade, dependência social e dependência física. Outro destaque neste estudo foi a cronologização da velhice que foi abordado pela maioria das ACS segundo os autores e pode ser creditado ao fato de que sendo agente institucional, a concepção de velhice das ACS é intensamente marcada pelo aparato jurídico-político do Estado, em que a idade cronológica é um princípio cultural de extrema relevância. No entanto, alertam os autores do estudo, definir a pessoa idosa do ponto de vista cronológico não atende a uma uniformidade de critérios, nem tampouco atende às peculiaridades individuais do processo de envelhecer.

Silva (2009) aponta que a experiência de envelhecer tem se apresentado de tal forma inusitada que as imagens sociais, as possibilidades concretas de experiência, os desafios e as identidades atreladas ao processo de envelhecimento, estão se transformando. Talvez a transformação que mais tenha marcado o envelhecimento contemporâneo, seja o surgimento da identidade *terceira idade* que indica uma forma de tratamento das pessoas de mais idade, sem conotação depreciativa, como se constituísse uma alternativa à identidade na velhice.

A expressão terceira idade originou-se na França nos anos 1970, com a criação das universidades para a terceira idade, sendo, depois, incorporada na Inglaterra e rapidamente disseminada no Brasil. Assim, a terceira idade assume o sentido de uma nova etapa da vida localizada entre a aposentadoria e a velhice. A expressão passa a designar as pessoas de idade avançada e que preservam as habilidades e capacidades físicas, cognitivas e psíquicas apropriadas, diferenciando-se daquelas que denotam a velhice como depreciativa. Deste modo, a terceira idade não está relacionada a uma idade cronológica específica; ela é uma categoria social produzida pelo processo de gestão da velhice, que passou do âmbito privado e familiar para a esfera pública, cercada por orientações e intervenções definidas pelo Estado e organizações privadas (DEBERT, 1999).

A utilização da expressão terceira idade sugere a modificação da sensibilidade investida sobre a velhice e gera uma profunda inversão dos valores a ela atribuídos: antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo com esta nova conotação passa a significar o momento do lazer, apropriado à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos e interesses e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família (SILVA, 2008).

Neugarten (1974) e Laslett (1991), pioneiros na proposição de que existem múltiplas idades na velhice indicaram as correspondências usadas na categorização da velhice ao longo da vida, como velhice inicial/idoso-jovem e velhice avançada/velho-velho. As denominações Terceira Idade e Quarta Idade se prestam a acolher essa diferenciação entre as duas pontas da velhice, ou seja, a velhice inicial e a velhice avançada. A reflexão sobre o futuro da população idosa pode ser mediada pela distinção entre Terceira Idade e Quarta Idade (BALTES, 1998; BALTES, 1997; SMITH; BALTES, 1997).

Inicialmente, destaca-se que como a maioria dos fenômenos da evolução humana e da ciência, a noção da existência de uma Terceira e de uma Quarta Idades, em si mesma, diz respeito às mudanças evolutivas, especificamente, elas não estão associadas à idade cronológica. Admitidas como expressões fenotípicas do envelhecimento, a Terceira Idade e a Quarta Idade são resultados dinâmicos e em constante mudança, quer dizer, estão sujeitas à evolução e à variação. Ao se examinar as diferenças entre o envelhecimento populacional nos países desenvolvidos e nos países em desenvolvimento tem-se clareza da influência dos contextos histórico-culturais. Nos países em desenvolvimento, a velhice começa e termina em idades cronológicas mais precoces do que nos países desenvolvidos.

Nesta nova nomenclatura podemos definir a Terceira Idade e a Quarta Idade de duas formas, uma é baseada em parâmetros populacionais e a outra é baseada em parâmetros pessoais. Em termos populacionais, o ponto que define a passagem da Terceira para a Quarta Idade é a idade cronológica em que 50% dos indivíduos pertencentes à mesma coorte de nascimento não estejam mais vivos. De acordo com esse critério, as pessoas que estão acima desse ponto de corte estão na Quarta Idade. A Transição da Terceira para a Quarta Idade estaria, nos países desenvolvidos, em torno dos 75 ou 80 anos, e nos países em desenvolvimento, muito provavelmente a idade dessa transição é mais baixa (OLSHANSKY, CARNES, DÉSESQUELLES, 2001; VAUPEL, et. al., 1998).

Outra definição relativa a critérios demográficos implica em manter o critério de 50%, porém excluindo do cálculo as pessoas que morreram cedo. Sendo assim, a idade que marca a transição da Terceira para a Quarta Idade é aquela em que 50% das pessoas que chegaram aos 50 ou 60 anos já morreram. Nos países desenvolvidos este ponto de corte indica como o início da Quarta Idade próximo dos 80 ou 85 anos.

A segunda forma de estabelecer distinção entre a Terceira Idade e a Quarta Idade é a individualizada. Tem por objetivo estimar a máxima duração da vida de um indivíduo, e não da média da população. Com base no conhecimento disponível atualmente, excluindo-se doenças específicas que impossibilitem viver muito, a duração máxima da vida de um indivíduo varia entre 80 e 120 anos. Desse modo, a transição para a Quarta Idade pode acontecer em idades muito distintas para distintos indivíduos (FINCH, 1998; FRIES, 1990; MANTON, 2001).

A psicologia do envelhecimento tem se dedicado a investigar as condições nas quais as pessoas estão chegando e vivendo essas fases do seu ciclo de vida. Estudos como os de (STERN, CARSTENSEN, 2000; BALTES, STAUNDIGER, LINDENBERGER, 1999; WILLIS, 1996) atestam que a mente que envelhece tem um considerável potencial para novas aprendizagens. Especialmente, este conhecimento é validado se áreas como a linguagem e a especialização são consideradas, nas quais as operações mentais envolvem mais artefatos da cultura e da experiência do que funções da competência básica do cérebro e nas áreas em que as atividades diárias associadas ao trabalho, à educação e ao lazer colaboram para gerar ou manter a funcionalidade e a autonomia. No *Berlin Aging Study* (BASE) demonstrou-se que, em alguns casos, as funções podem ser mantidas até depois dos 80 anos, para o caso de competências dependentes da linguagem (SINGER et. al., 2002).

Nesta direção, a sabedoria representa uma fusão entre a inteligência e a virtude, e pode ilustrar um potencial inerente à velhice que é legitimado, a partir de estudos demonstrativos das pessoas mais velhas como detentoras de formas especializadas de conhecimento. A sabedoria é definida como uma especialidade em matéria de comportamento, de atribuição de sentidos e de interpretação da vida (BALTES, STAUNDINGER, 2000; STERNBERG, 1990; BALTES, SMITH, 1990; STAUNDINGER, 2001).

Ainda sobre a dimensão psicológica do envelhecimento, estudos que objetivam compreender os mecanismos que as pessoas utilizam para aumentar o seu senso de bem-estar

e sua satisfação com a vida na velhice, bem como para manter um senso positivo de controle e otimismo, apontam para um ajustamento pessoal (psicológico) às mudanças nas condições de vida, incluindo-se nessas mudanças as perdas nas condições de saúde (CARSTENSEN, 1998; LABOUVIE-VIEF, 1999; SMITH, 2001).

Borchelt et. al. (1999) demonstrou no *Berlin Aging Study* (BASE) a grande capacidade das pessoas para regular o impacto subjetivo das perdas relacionadas à saúde. Os idosos o fazem, por maior que seja a discrepância entre as avaliações subjetivas de sua saúde e do seu status médico determinado por parâmetros objetivos. O resultado encontrado é que as avaliações subjetivas de saúde não variam conforme a idade. É certo que isso não quer dizer que as condições objetivas de saúde não declinem, mas sim que os sujeitos apresentam uma capacidade psicológica para transformar a realidade. Sugere-se que essa capacidade permanece inalterada na velhice, ao mesmo tempo em que a saúde do corpo, em si mesma, declina.

Pode-se inferir que a competência apresentada pelos idosos para realizar adaptações e reconstruções internas deve ser creditada à sua grande plasticidade do *self*. Quando esses idosos se deparam com uma doença, eles se comparam com outros que estão em condições similares ou piores. O potencial de plasticidade do *self* e a capacidade de transformar crenças são a melhor e mais efetiva segurança de bem-estar que um idoso pode ter. Contudo, é importante ressaltar que, levando-se em conta o potencial adaptativo do *self*, dados autorrelatados não são os mais precisos indicadores da qualidade de vida objetiva na velhice. As pessoas indicam possuir bem-estar positivo, mesmo que suas circunstâncias de vida objetivas sejam negativas (BALTES, SMITH, 2002).

Na descrição dos recursos psicológicos necessários para o enfrentamento das adversidades e na restauração dos níveis de funcionamento e de desenvolvimento em situações estressantes, o construto *resiliência* é defendido por Fontes e Neri (2015) como um,

[...] padrão de funcionamento adaptativo frente aos riscos atuais e acumulados ao longo da vida. Engloba uma variedade de recursos psicológicos, essenciais para a superação de adversidades, como as competências pessoais, as autocrenças e o controle interpessoal em interação com os apoios sociais (FONTES, NERI, 2015, p. 1475).

Os idosos podem ser considerados psicologicamente resilientes quando ao serem confrontados com situações com potencial desagregador dos níveis de funcionamento e de desenvolvimento, no lugar de sucumbirem às dificuldades, eles apresentam uma capacidade

de adaptação positiva expressa na forma como agenciam essas adversidades, ou que, depois de serem afetados por eventos negativos, conseguem recuperar os níveis anteriores de bem-estar objetivo e subjetivo.

Em uma revisão da literatura nacional e internacional sobre a resiliência psicológica em idosos, as autoras acima apontam que a literatura teórica converge no que concerne à interação dos recursos pessoais, tais como autoconceito, autoestima, capacidade de regulação emocional, com os recursos do contexto representados pelo suporte social e familiar, mediados pelas possibilidades de acesso a esses recursos. Assim, a resiliência é admitida como um processo que comporta a interação dos recursos psicológicos individuais com os elementos do contexto social no qual está inserido o idoso (FONTES, NERI, 2015).

Outro aspecto a se considerar é também a saída do mundo do trabalho dos idosos, com a garantia de proventos proporcionados pelo regime de aposentadoria, que gera um vetor de consumo para esta faixa da população e a torna alvo de interesses econômicos, passando a ser então investida, positivamente, pela sociedade. A tríade formada pela disponibilidade de tempo livre, o fim da responsabilidade com gastos com a prole e um rendimento garantido faz do idoso um excelente consumidor alvo. Assim, os idosos são considerados como indivíduos que almejam qualidade no que consomem, gostam de viajar, querem segurança financeira e médica, bem-estar pessoal e uma vida saudável. Ou seja, na perspectiva de se estimular uma velhice ativa, as pessoas são levadas a se identificar com um estilo de vida produtivo e com grande envolvimento com outras pessoas e com atividades. A aposentadoria é vista como uma fase da vida ideal para se adotar um estilo de vida pautado pela segurança, pela autorrealização e pela busca do prazer (DEBERT, 1999). Este sentido se volta para as camadas médias e ricas, porque os idosos das camadas pobres vivem a velhice com mais sofrimento, pelas perdas salariais, a despesa com a saúde ou, ainda, como renda arrimo e família.

Neste sentido do idoso como consumidor a sociedade tem sinalizado que está se preparando para gerir essa dimensão do envelhecimento de sua população. Conforme apontam Petersen, Kalempa e Pykosz (2013) há uma crescente oferta de produtos e serviços destinados a esse nicho de mercado que é composto por pessoas que podem escolher como pretendem preencher suas horas e seus recursos financeiros disponíveis: viajando, conhecendo novas tecnologias, desenvolvendo habilidades, adquirindo bens de consumo e serviços que auxiliem seu dia a dia ou apenas que lhe forneçam entretenimento. Para ter acesso a esses

bens de consumo e serviços, o idoso necessita manejar as ferramentas tecnológicas que dominam e conduzem o processo de demanda/consumo envolvido.

Ao se apropriarem dos recursos tecnológicos os idosos podem transformar serviços cotidianos como pagar contas e fazer compras, em um espaço de interação social e de lazer. Além disso, o fato de o idoso ser reconhecido como bom cliente e sempre planejar antes de comprar, permite a circulação de bens e serviços sem grandes riscos de inadimplência que, por seu turno, será de extremo interesse para a economia. Contudo, antes da aquisição desses artefatos, o idoso precisa ter acesso às informações que o instrumentalizem para uma tomada de decisão (PETERSEN, KALEMPA, PYKOSZ, 2013).

No entanto, há que se considerar que mesmo que essa “prescrição” se destine a um estrato bem específico da sociedade, ou seja, aquele que conquista uma situação mínima de bem estar social na velhice, com rendimentos compatíveis para a aquisição de bens e serviços, que venha lhes assegurar uma velhice ativa e com qualidade, ainda assim há que se manter a vigilância no sentido de não se incorrer no equívoco homogeneizador de tomar a experiência de envelhecer como única e continente de um mesmo espectro de desejos e aspirações (ABOIM, 2014; CAMARGO et. al., 2014; GUERRA, CALDAS, 2010; DEBERT, 1999). Também deve ser levado em conta que há um contingente importante de pessoas idosas na população brasileira que não se enquadram nas condições elencadas de bem estar social, e com disponibilidade financeira para desfrutar das “vantagens” oferecidas pelo mercado de consumo voltado para os idosos. Os seus rendimentos auferidos por ocasião da aposentadoria, em algumas situações, representam a única fonte de renda familiar, tornando-os provedores econômicos de filhos e netos, os impelindo assim, a postergar os seus desejos pessoais.

2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS: A GESTÃO DA VELHICE

Barreto (2012) aponta que o envelhecimento da população repercute na dinâmica econômica, social e política. O desafio imposto por essa nova realidade demográfica exige ações governamentais de ordem econômica, política e cultural para garantir aos idosos uma vida ativa e produtiva.

A seguir apresentaremos no Quadro 1 as políticas públicas voltadas para a população idosa no Brasil. Destacamos o caráter tardio das iniciativas institucionais de atenção e proteção ao idoso. Apesar dos indicadores que sinalizavam a tendência do rápido

crescimento da proporção de idosos na população, fartamente documentada na literatura científica, desde meados do século passado, inicialmente descrevendo uma realidade internacional e nas últimas décadas apontando para uma realidade nacional, apenas em 1994, com a publicação da Lei 8842/94, foi estabelecida a primeira política pública exclusivamente destinada à população idosa (BRASIL, 1994). Desde, então, houve a criação de ações governamentais no período que se estendeu até o ano de 2006, data do último registro oficial de anúncio de política governamental dirigida à população idosa no Brasil e que tem demandado um esforço, de vários setores da sociedade civil e das instituições governamentais, no sentido de efetivar na prática as políticas e a legislação que foram construídas. No quadro, a seguir, estão expostas as ações destinadas à população idosa no Brasil:

Quadro 1 – Legislação Referente às Políticas de Atenção e Saúde do Idoso, numa sequência temporal 1994 a 2006.

Ano	Lei / Portaria	Política	Característica
1994	Lei 8842/94	Política Nacional do Idoso	Assegura direitos sociais do Idoso. Garante integralidade da atenção.
1996	Decreto 1948/96	Regulamentação da Política Nacional do Idoso	Regulamenta a Política Nacional do Idoso
1999	Portaria MS 1395/99	Política Nacional de Saúde do Idoso	Estabelece que órgãos do Ministério da Saúde adéquem suas ações e políticas
2002	Portaria MS 702/2002	Redes Estaduais de Assistência à Saúde do Idoso	Estabelece critérios para organização dos Centros de Referência em Atenção à Saúde do Idoso
2003	Lei 10741/2003	Estatuto do Idoso	Regula os direitos da pessoa idosa; No campo da saúde, assegura a atenção integral à Saúde do Idoso no âmbito do SUS
2006	Portaria MS 399/2006	Pacto pela Saúde	Saúde do Idoso entre as seis prioridades do Pacto pela Vida
2006	Portaria MS 2528/2006	Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa	Estabelece novos marcos para a Política de Saúde do Idoso

Fonte: elaboração própria.

Em uma breve explanação acerca dessas políticas públicas situamos que a Política Nacional do Idoso objetiva garantir os direitos sociais do idoso e busca estimular o

desenvolvimento de ações para promover a autonomia, a integração e a participação efetiva do idoso na sociedade e aponta como princípio a responsabilidade compartilhada entre família, sociedade e Estado para assegurar os direitos e dignidade da pessoa idosa. A Lei 8842/94 estabelece diretrizes para a atuação de caráter intersetorial, envolvendo os diversos segmentos do governo: assistência social; saúde; educação; trabalho e previdência social; habitação e urbanismo; justiça; cultura, lazer e esporte. Na área da saúde, garante a assistência ao idoso nos diversos níveis de Atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS).

Na consolidação de direitos, em 1996 foi promulgado o Decreto 1948/96 com o objetivo de regulamentar a Lei 8842/94 (BRASIL, 1996). Na área de saúde, os mais relevantes avanços se referem ao estabelecimento da Atenção Básica como contexto principal para atenção à saúde do idoso e a garantia da integralidade da assistência e também o estímulo ao autocuidado e a formação de grupos de convivência e de colaboração mútua.

Com a publicação da Portaria 1.395/99 estabeleceu-se a Política Nacional de Saúde do Idoso que foi a institucionalização de uma política específica da área da saúde para a população idosa, e formula as diretrizes que devem orientar todas as ações na área da saúde e as responsabilidades para todas as esferas de governo, para a promoção do acesso dos idosos aos serviços e às ações voltadas à promoção, proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 1999).

Assim, a Política de Saúde do Idoso direciona o foco para a manutenção da capacidade funcional e o envelhecimento saudável. Como capacidade funcional, entende-se a manutenção das habilidades físicas e mentais necessárias para uma vida independente e autônoma (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2005).

Conforme Ramos (2009), a concepção de capacidade funcional possibilita uma nova abordagem sobre o entendimento do conceito de saúde que se apresenta como mais adequado para a atenção à saúde da população idosa. Nessa perspectiva, o indicador mais importante não é a presença ou ausência de doença, mas o grau funcional da pessoa. Embora seja ainda fortemente disseminado entre idosos a associação entre perda da saúde e perda da autonomia, a abordagem do setor saúde não pode mais se restringir ao diagnóstico e ao tratamento de doenças específicas, mas, sobretudo, ao convívio e controle das patologias com prevalências relacionadas ao envelhecimento e à manutenção da independência dos idosos para serem sujeitos dos próprios cuidados e da sua saúde.

Assegurar a manutenção da independência e da autonomia da população idosa não é possível somente com a atenção às pessoas já idosas, uma vez que as condições de saúde da pessoa são resultante dos hábitos e costumes ao longo da vida. Nesse sentido, a Portaria 1395/99 destaca a diretriz do envelhecimento saudável como condição estratégica para o desenvolvimento da Política Nacional de Saúde do Idoso (BRASIL, 1999). Essa política dá ênfase à importância do incentivo aos hábitos saudáveis em todas as fases do ciclo da vida, como um compromisso para a manutenção da independência e da funcionalidade pelo máximo tempo possível. Fries (1980) nominou esse processo de *compressão da morbidade* que visa postergar a morte ao máximo possível, retardando o início e a evolução das doenças e/ou as complicações delas provenientes, com o objetivo de levar a vida para o limiar mais próximo possível do limite máximo da existência da espécie humana, mas com qualidade de vida, com autonomia e independência, ou seja, com capacidade funcional. Desse modo, mais do que se aumentar a longevidade, pretende-se diminuir os anos vividos com incapacidade e dependência.

Em 2003, através da Lei 10.741/2003, foi instituído o Estatuto do Idoso, com o propósito principal de assegurar e regular os direitos da pessoa idosa (BRASIL, 2003). O estatuto firma os direitos prioritários do idoso, tais como: o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. O Estatuto do Idoso pode ser considerado uma grande conquista e um grande avanço social e teve grande repercussão em todo o país. Muitos dos direitos da pessoa idosa passaram a ser respeitados a partir da sua publicação. Ações como a garantia na prioridade de atendimento em órgãos públicos e privados, gratuidade no transporte público, suporte jurídico-legal e constituição dos conselhos municipais da pessoa idosa só foram viabilizadas, em muitos lugares, por força do Estatuto, contudo deve ser também problematizado o fato de que muitas das questões e direitos instituídos no Estatuto ainda não são devidamente respeitadas (BISPO JÚNIOR, et. al., 2014).

Ainda segundo esse autor, no que tange ao direito à saúde, o Estatuto do Idoso preconiza que a atenção integral deve ser proporcionada através da articulação entre os diversos níveis de atenção. O estatuto realça a priorização da atenção longitudinal e preventiva, com foco no cadastramento e seguimento das condições de saúde da população idosa. Assegura, também, a gratuidade para o tratamento medicamentoso, o direito a acompanhante em caso de internação e medidas de combate e punição aos maus tratos e violência.

Outro importante marco legal com rebatimentos nas políticas de saúde do idoso foi o Pacto pela Saúde (BRASIL, 2006). Esse pacto é composto por três dimensões: O Pacto pela Vida, o Pacto de Gestão e o Pacto em Defesa do SUS. No Pacto pela Vida são estabelecidas prioridades para as ações dos gestores e profissionais, com definição de metas a serem pactuadas e alcançadas pelo setor de saúde. Nas prioridades indicadas no Pacto pela Vida, a saúde do idoso vem como a primeira vertente das ações a serem pactuadas. Ilustrando as medidas estabelecidas destacam-se: a criação da Caderneta de Saúde da Pessoa Idosa; a publicação do Manual de Atenção Básica à Saúde da Pessoa Idosa; acolhimento com classificação de risco; e garantia do atendimento domiciliar. A partir das diretrizes do Pacto pela Vida, associada à necessidade de ajustes na Portaria 1.395/99, foi instituída pelo Ministério da Saúde uma nova Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (BRASIL, 2006). Vale destacar que a Portaria 2528/2006 mantém como estratégia conceitual-operacional a questão da funcionalidade.

Na avaliação funcional, os idosos são classificados em dois grandes grupos: frágeis e independentes. O que irá determinar sua independência é a capacidade que o idoso tenha para realizar as Atividades de Vida Diária (AVD). A Portaria 2528/2006 estabelece como AVD: tomar banho, vês tir-se, usar o banheiro, transferir-se da cama para a cadeira, ser continente e alimentar-se com a própria mão (BRASIL, 2006). Portanto, é considerado idoso independente aquele que consegue realizar todas as AVD sem dificuldade e sem a ajuda de outrem. Os idosos frágeis são aqueles que vivem em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), encontram-se acamados, estiveram hospitalizados recentemente, apresentam condições incapacitantes (acidente vascular encefálico, doenças neurodegenerativas, etilismo, neoplasia terminal, amputações de membros), vivam em situação de violência doméstica ou que possuam idade igual ou superior a 75 anos (BRASIL, 2006).

A Política de Saúde da Pessoa Idosa é direcionada para a atenção desses dois segmentos. Para o grupo dos idosos frágeis, devem ser ampliados os cuidados domiciliares e desenvolvidas ações de reabilitação e prevenção de incapacidades. Para o grupo dos idosos independentes, as ações devem estar relacionadas com a promoção da saúde e do envelhecimento ativo e saudável, com o objetivo de adiar ao máximo as complicações e limitações que possam ocorrer no envelhecimento.

Além de políticas sociais, estruturas de apoio à velhice, traduzidas por políticas de saúde preventivas e reabilitadoras, há que se incluam também estratégias psicológicas de

enfrentamento das mudanças que acompanham o sujeito em todo o seu envelhecimento. Neste sentido Paul Baltes propôs a Teoria de Otimização Seletiva com Compensação - TOSC (BALTES, 1997).

A TOSC parte do princípio de que ao longo das várias etapas do curso da vida mudam os meios e as metas e, por consequência mudam as formas de destinação de recursos. No início da vida, predomina o investimento em processos de crescimento, ou seja, ganhos. Com o envelhecimento, os recursos passam a ser cada vez mais destinados à manutenção e à recuperação.

Uma ilustração clássica do significado psicológico dessa teoria é o caso do pianista Rubinstein, que ao ser entrevistado aos 80 anos, e indagado como fazia para continuar sendo um exímio pianista de concerto, apesar da idade, ele apresentou três razões. Ele tocava menor número de peças, porém as praticava com maior frequência e, também, usava contrastes no andamento para simular que estava tocando mais depressa do que realmente era capaz no mesmo intervalo de tempo. Assim, o pianista reduziu seu repertório (seleção). Isso fez com que ele pudesse praticar mais cada peça (otimização). E, finalmente, ele usou contrastes na velocidade para disfarçar as perdas em velocidade na mecânica do ato de dedilhar, uma estratégia de compensação (BALTES, SMITH, 1990). Portanto, pessoas que selecionam, otimizam e compensam estão entre as que reportam se sentirem melhores e mais autônomas. Nesta perspectiva, a arte de viver bem a velhice, e na velhice, implica numa busca criativa de novos e menores contextos em comparação com aqueles que se administrou nas fases anteriores do ciclo de vida. Em relação às culturas, as que oportunizam aos seus idosos novas formas de seleção, otimização e compensação são as que mais os auxiliam a maximizar os ganhos da velhice (BALTES, SMITH, 1990).

2.3 AS MARCAS CORPORAIS DO ENVELHECIMENTO

Cada sociedade, de acordo com sua visão de mundo, constrói um saber próprio sobre o corpo, identificando seus elementos constitutivos, suas performances, suas articulações, atribuindo sentidos e valores. As concepções do corpo são tributárias das concepções da pessoa. Algumas sociedades não separam o homem do seu corpo, numa forma dualista, como é claramente identificada na cultura ocidental. Para as sociedades tradicionais o corpo não se distingue da pessoa. Uma mesma trama é composta pelo homem, pelo cosmo e pela natureza (LE BRETON, 2011). Já o corpo moderno é entendido de outra forma, há o isolamento do

sujeito em relação: aos outros, ensejando uma estrutura social individualista; ao cosmo, os elementos fundantes que o igualariam ao homem: e à natureza, não possuiriam qualquer interrelação; e em relação ao próprio corpo, aqui se revela mais significativo *ter* um corpo do que *ser* o seu corpo (LE BRETON, 2011).

Segundo o referencial de Merleau-Ponty (2006), o corpo é um veículo do ser-no-mundo, e possuir este corpo é, para o sujeito, assumir compromissos, estar envolvido no mundo, identificar-se com objetos e estar continuamente comprometido com eles. Tendo um corpo e através dele agindo no mundo, o espaço e o tempo não são então uma soma de pontos justapostos, nem tampouco, uma infinidade de relações das quais a consciência operaria a síntese e em que ela implicaria o corpo; não se estaria no espaço e no tempo, o corpo aplica-se a eles e os abarca. O corpo é ancoradouro no mundo. Ainda para o autor, quer se trate do corpo do outro ou do próprio corpo, não se tem outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, tomar para si a experiência que o atravessa e confundir-se com ela. Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia e, não, a experiência do corpo ou o corpo em realidade.

Numa abordagem antropológica e sociológica do mundo moderno, que tem o corpo como fio condutor, Le Breton (2011) diz que sem o corpo o homem não existiria, e que viver seria fundir continuamente o mundo ao seu corpo, a partir do simbólico que ele encarna. Neste ponto há concordância dessa concepção com a fenomenologia de Merleau-Ponty. A influência social e cultural que afeta o corpo, as imagens e os valores que são a ele atribuídos representam a pessoa que possui este corpo, inserida numa determinada estrutura social.

Envelhecer, para grande parte dos ocidentais, segundo Le Breton (2011), especialmente nas camadas populares, mas não apenas neste segmento, é entregar-se a um lento trabalho de luto que consiste em desprender-se do essencial daquilo que foi sua vida, em minimizar a importância antes atribuída a determinadas atividades, e em admitir, gradativamente, como sendo verdadeira a diminuição do controle exercido sobre sua existência, fato este exemplarmente atualizado em sua substância corporal.

O envelhecimento vai se instalando no corpo de forma lenta, sutil, sem apresentar nenhum acontecimento espetacular que possa disparar qualquer reação, o que faz a pessoa deslizar flexivelmente de um dia ao outro, de uma semana a outra, de um ano a outro, pois os

eventos de sua vida cotidiana é que vão marcando a passagem dos dias, e não a consciência do tempo. Nesse processo, as marcas do tempo vão se agregando sobre a pele, penetrando os tecidos, enfraquecendo os músculos, amenizando a energia, porém, sem provocar traumas e sem mudanças abruptas.

Por muito tempo na vida de cada um, os velhos são os outros, e a velhice, como diz Beauvoir: “é particularmente difícil de assumir porque sempre a consideramos uma espécie estranha: será que me tornei, então, uma outra, enquanto permaneço eu mesma?” (BEAUVOIR, 1990, p. 348). Podemos sugerir que estamos diante de um estranhamento que se apresenta na interface entre o familiar e o desconhecido, o dentro e o fora, o si mesmo e o outro, o pertencimento e a exclusão.

A relação entre o corpo e a velhice enseja o desenvolvimento de vários estudos. Alguns autores enfocam o significado do corpo na velhice quando as transformações corporais que acompanham o envelhecimento, se desviam dos ideais de beleza vigentes na sociedade investigada (BEAUVOIR, 1990; SANTOS; DIAS, 2008). Outras pesquisas discutem como viver o envelhecimento numa sociedade que cultua valores como a beleza do corpo e o mito da eternização da juventude (SANTOS; DIAS, 2008; MOREIRA; NOGUEIRA, 2008) e outros estudos que apontam o estranhamento das pessoas que envelhecem com as marcas da passagem do tempo por suas vidas e por seus corpos, em relação a uma imagem corporal cristalizada em um tempo histórico, social e afetivo (FIN; PORTELLA; SCORTEGAGNA, 2017; BLESSMANN, 2004).

Fernandes e Garcia (2010), ao investigarem as percepções e vivências de mulheres relativas aos seus corpos no contexto do envelhecimento, apontaram para três categorias: “as transformações negativas da velhice sobre o corpo”; as “lembranças do corpo jovem” e “satisfação com o corpo”, trazendo marcas negativas que foram impressas por suas condições de vida e gênero, pois este estudo foi realizado com mulheres pobres e excluídas do poder, tanto no espaço público, quanto no espaço privado do lar, na vivência da maternidade e, sobretudo, nas relações conjugais, muitas das quais opressoras e violentas.

2.4 CORPO E ENVELHECIMENTO NO CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS APLICADAS À SAÚDE E À ESTÉTICA

As concepções atuais sobre o corpo estão relacionadas à afirmação do individualismo enquanto estrutura social, à emergência de uma racionalidade sobre a natureza e ao recuo

progressivo das tradições populares genuínas de determinado local e, ainda, aquelas ligadas ao saber médico que encarna em nossas sociedades, de certo modo, um saber oficial sobre o corpo. Esse ideário médico parece autorizar a medicina clássica a excluir de suas ações o homem doente, sua história pessoal, sua relação com o inconsciente, e se ocupar apenas dos processos orgânicos que se processam nele (LE BRETON, 2011).

Este autor localiza nos anos de 1960 uma nova imagem associada ao corpo que seria a forma como o homem moderno ocidental se “ocuparia” desse seu corpo, ainda sob a égide dualista, tendo-o como signo do indivíduo, o lugar de sua diferença, de sua distinção, e, ao mesmo tempo, de forma paradoxal, estando frequentemente dissociado dele. O corpo nessa perspectiva de análise é lugar privilegiado do bem-estar, do bem-parecer, o que vem ensejar uma profusão de práticas e cultos ligados ao corpo, como por exemplo as cirurgias reparadoras estéticas, a utilização de cosméticos, a adoção de novos hábitos dietéticos, a adesão às práticas de atividades físicas, enfim, uma considerável reformulação de costumes que intentam promover uma normatização de como deve ser apresentado o corpo dos sujeitos que estão na sociedade. Mesmo admitindo que os padrões que definem a beleza são variados entre as civilizações, as culturas, o momento histórico e os costumes de cada povo, a busca pela beleza persiste, circula entre as gerações e sofre grande influência desses padrões estéticos (FIN; PORTELLA; SCORTEGAGNA, 2017; TORRES et. al., 2015) .

A imagem que se tem sobre o corpo organiza-se em torno de quatro eixos: da *forma*, o sentimento de unidade das diferentes partes do corpo, em um todo, que ocupa um determinado lugar no espaço, conferindo uma percepção de limites desse corpo; do *conteúdo*, que é a imagem do corpo como um universo coerente e familiar no qual se inscrevem sensações previsíveis e reconhecíveis; do *saber*, o conhecimento sobre como se é constituído, como se organizam os órgãos e as funções; e do *valor*, significa a interiorização para o sujeito do juízo social que cerca as características físicas – bonito/feio, jovem/velho, saudável/doente, ativo/inativo : De acordo com sua história pessoal e pertença social, o sujeito faz seu um juízo que marca, então, com sua impressão a imagem que faz de seu corpo e a estima que nutre por si próprio (LE BRETON, 2011).

O corpo, na medida em que conforma uma aparência, oferece, à primeira vista, o resultado de um processo, em que se cruzam fatores sociais com uma materialidade biológica, que vai sendo inscrito neste corpo por todo o ciclo de vida.

Podemos pensar, então, que os cuidados com o corpo, no contexto da saúde pública, são atravessados por relações de poder exercidas sobre os outros e sobre nós próprios. Estas relações de poder podem ser compreendidas como possíveis estratégias de governo dos corpos, já que estão constantemente envolvidas na direção e regulação dos modos de ser e de agir dos indivíduos e da população.

Quando situamos o corpo individual e coletivo como espaço e efeito dos investimentos do poder, o que Foucault (1985) denomina biopoder, estamos ratificando que os processos de controle e disciplinamento inicialmente incidiram sobre os corpos individuais e depois sobre as sociedades. Estes processos, na perspectiva foucaultiana, exercem um poder produtivo, referindo-se a um tipo específico de poder: um poder exercido sobre a vida, não para suprimi-la, mas sim para geri-la e potencializá-la.

Como diz Michel Foucault:

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... Tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde, contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor (FOUCAULT, 2002, p. 146).

Santos e Damico (2009) argumentam que parte do projeto contemporâneo de saúde contempla o exercício do biopoder, porque envolve disciplinamento e aprendizagem de normas de comportamento, cujo objetivo é promover um determinado tipo de saúde, estabelecido como a *boa saúde*, para um determinado grupo de indivíduos ou para uma determinada população. Dá-se através de diversos processos educativos que prescrevem ou sugerem a adesão a determinados hábitos, capacidades e comportamentos apresentados como adequados para atingir uma vida saudável.

Para os sujeitos que envelhecem o indicador de saúde não é mais a presença ou não de doenças, mas o grau de capacidade funcional que apresentam. Mesmo o envelhecimento sem a ocorrência de doenças envolve algum grau de perda funcional compatível com a fisiologia da velhice, expressa por uma diminuição do vigor, da força, da prontidão, da velocidade de reação e outras funções. Capacidade funcional é uma medida da funcionalidade global, que

por seu turno, é o resultado da interação de todas as capacidades físicas e mentais desenvolvidas durante o período de vida (RAMOS, 2009).

Neste sentido, todos os investimentos realizados para a contenção do processo de envelhecimento, para o seu atraso, retardamento ou controle, indicam que o corpo velho é o elo fraco da corrente no projeto de uma sociedade que se declara eternamente jovem. Sendo o corpo velho uma fraqueza, este passa a ser, então, marginalizado, porque representaria o oposto ao ideal corporal do poder, anseio da sociedade capitalista e comercializado pela indústria da beleza. Assim, o corpo velho é visto como inadequado e impróprio (SANTOS; DAMICO, 2009).

2.5 GÊNERO E ENVELHECIMENTO

A tematização de gênero emergiu na pesquisa, seja pela exclusividade na população feminina nas entrevistas, seja pelos conteúdos voltados para a questão como eixo central nas falas das mulheres. A velhice e o envelhecimento não podem ser apreendidos como conceitos fixos e/ou isolados, mas como uma construção social compreendida e analisada com base nas dimensões materiais e imateriais do humano, levando-se em conta a realidade sociocultural em que estejam inseridos, bem como o tempo histórico, vivido e partilhado por cada sujeito (SILVA, 2016). Os aspectos identitários do pertencimento a uma família e em suas relações com o gênero são alguns dos definidores das memórias sociais e dos significados comuns partilhados por determinado grupo social, uma vez, que admitimos que os sentidos acerca dos objetos sociais sejam construídos e negociados no cotidiano das práticas (CRUZ; SANTOS, 2017).

As classificações das fases da vida e as diferenças de gênero são construídas em consonância com os sentidos compartilhados sobre esses objetos da velhice e do envelhecimento em determinado tempo histórico. E para que se processe é necessário que instituições (família, escola, Igreja) e áreas de conhecimento (psicologia, pedagogia, psiquiatria, demografia, sociologia, gerontologia) gerenciem e divulguem esses sentidos, os quais irão contribuir para forjar as representações das etapas da vida e contribuindo para o que se espera e é permitido realizar em cada uma delas (SILVA, 2016).

Refletindo sobre as peculiaridades do envelhecimento e a questão de gênero se traz também a discussão sobre a *identidade de gênero* admitida, aqui, como construção. Assim sendo, esta não seria dada a partir da condição biológica e, sim, identidade produzida no

processo de autorreconhecimento e identificação com determinado gênero ou com a multiplicidade deles. Ou seja, a construção social de gênero ensejaria as construções sociais e históricas de *feminilidade* e *masculinidade* (GOELLNER; FIGUEIRA, 2002). Os sentidos atribuídos às demais expressões e denominações de gênero estão sendo construídos e partilhados não mais colocam o homem em oposição à mulher, mas são endereçados a homens, mulheres, homossexuais femininas, masculinos, bissexuais e transexuais, entre outros. Conforme apontam Amazonas, Vieira e Pinto (2011), as identidades de gênero estão permanentemente em processo de transformação e o tensionamento provocado por nossas reflexões a respeito contribui para a sua construção.

Goellner e Figueira (2002) indicam que o *gênero* como categoria analítica possibilita a reflexão sobre o caráter relacional das interações, indicando, principalmente, que não é apenas a genitália biológica que responde pelas diferenças, mas, também, aspectos sociais, históricos e culturais. Enfraquece, então, a noção do determinismo biológico, cuja proposição essencial seria a demarcação pelas diferenças corporais e que tais diferenças justificariam determinadas desigualdades, funções sociais, prescrição de papéis.

O conceito de gênero utilizado por Goellner e Figueira (2002) tem seu aporte teórico nas abordagens feministas pós-estruturalistas que, baseadas nas teorizações de Michel Foucault e Jacques Derrida, indicam a centralidade da linguagem como um local de produção das relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito, conhecimento e poder. O conceito de gênero incorpora, ainda, as formas de construção social, cultural e linguística que estão implicadas nos processos de diferenciação sexual e de gênero. Nessa perspectiva as autoras apontam que:

[...] pensar na identidade de gênero na velhice permite pensar, também, na construção de corpos masculinos e femininos e nas marcas que vão sendo inscritas nesses corpos, pois, o corpo não é um construto universal: ele é provisório, mutável e mutante, passível de inúmeras intervenções de acordo com o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura e vigente em cada época, assim como as leis, códigos morais, as representações que criam sobre o corpo, os discursos que a respeito dele se produzem e se reproduzem, enfim, as marcam que o identificam (GOELLNER; FIGUEIRA, 2002, p. 2).

Neste sentido, Arruda (2002) estabelece uma relação entre as teorias de gênero e a TRS, apontando que em uma dimensão epistemológica, ambas as teorias se contrapõem ao binarismo que coloca em oposição a natureza e a cultura, a razão e a emoção, o objetivo e o subjetivo, pensamento e a ação, a ciência e o senso comum.

Para a definição da identidade de gênero das mulheres em determinado tempo e espaço, Carson (1995), sugere que essa definição resulte da articulação entre três dimensões historicamente marcantes: a maternidade, o casamento e o trabalho. De acordo com Cruz e Santos (2017), o feminino de modo geral, nas sociedades ocidentais, esteve por longo tempo intrinsecamente ligado à maternidade, e para corresponder a esta expectativa social, a mulher foi educada para desempenhar essa função como seu papel primordial. À mulher se atribuiu a responsabilidade do cuidado com os filhos, com o marido, com a casa, uma vez que não participavam, via de regra, do mundo do trabalho. Ao homem se destinava o papel de provedor material da família, conformando uma configuração clássica da demarcação das relações assimétricas de poder entre homens e mulheres.

Ainda segundo essas autoras, durante muito tempo a família tradicional guardava em si uma clara divisão entre os papéis sociais desempenhados por mulheres e por homens: se por um lado havia um mundo que continha o ambiente público e profissional ocupado pelos homens, por outro lado, havia o mundo do ambiente doméstico, destinado às mulheres, que por seu turno se responsabilizavam por repassar tal “lugar” às futuras gerações. Sentidos distintos de ser homem e de ser mulher, lugares de pais e lugares de mães, foram sendo construídos e caracterizavam um modelo binário que atendia à díade masculino-feminino, e os seus marcadores iam sendo incorporados pelas práticas sociais e plasmados no senso comum (CRUZ; SANTOS, 2017). E que, a forma como cada mulher opera a organização simbólica entre essas dimensões irá configurar sua identidade de gênero e orientar as suas práticas sociais.

Em um contexto social e histórico influenciado pela industrialização que amplia as oportunidades de trabalhos para os homens e, a urbanização que favoreceu a extensão do trabalho feminino assalariado, para atender uma demanda criada a partir do deslocamento dos homens para outros postos de trabalho, a mulher passou a ocupar esses espaços. Porém, como sinalizam Silva, Amazonas e Vieira (2010):

[...] Reconhecer o trabalho assalariado feminino significaria concordar com certo fracasso por parte do homem no cumprimento de seu dever de providenciar o sustento financeiro do seu lar. Admitir a mulher como indivíduo autônomo e independente seria equivalente a desnaturalizá-la, a precipitar a ruína da ordem familiar, a gerar confusão entre os sexos (SILVA; AMAZONAS; VIEIRA, op. cit., p. 153).

Desse modo, ao se questionar a posição do homem como único provedor da família e, por conseguinte, ocupante natural do espaço público, provocam-se desdobramentos na construção da identidade de gênero, produzida na interação social.

De acordo com Biasoli-Alves (2000), para a mulher brasileira, o processo de construção da identidade de gênero passa por intensas transformações, notadamente, da segunda metade do século XX em diante. De um modelo de família pautado por valores rígidos definidores de uma hierarquia que opunha o homem, em uma posição de mando inquestionável, à mulher, na condição de submissão a esse poder masculino, foi se dando uma mudança na ordenação desses polos de sustentação e manutenção dos papéis a serem desempenhados por homens e, principalmente por mulheres. Contudo, alerta a autora, a transformação não aconteceu de forma totalizante, com uma inversão completa do protagonismo de um em relação ao outro uma vez que, certos sentidos atribuídos ao lugar da mulher ou do homem permanecem presentes ou são atualizados na tessitura social, e ocorrem ao lado de novos sentidos que foram sendo construídos pelos sujeitos em resposta ao contexto histórico e social no qual estão inseridos e em interação. Configura-se, então, um processo de *continuidades e rupturas* com um contexto histórico e social anterior.

Ainda segundo essa autora, até o início desse processo de transformação de referentes identitários relacionados ao gênero, a mulher era submetida a toda uma *engrenagem* (grifo nosso) que reforçava a fixidez dos papéis a ela destinados. A partir do modelo tradicional de família, indicando o casamento como expectativa principal para a mulher adulta e que lhe conferia a responsabilidade pelo cuidado de marido, filhos, pais, sogros, passando pelas instituições educacionais e religiosas, são responsáveis pela legitimação da determinação do espaço que deveria ser ocupado pela mulher.

Porém, como a identidade de gênero se estrutura em um processo permanente e contínuo, não linear, nem acumulativo, é passível de sofrer constantes transformações com consequentes mudanças de percurso e fluidez nas variações e configurações. Vale destacar que as rupturas e as redefinições são indissociáveis no processo de construção da identidade, justamente por conta da tensão permanente entre o desejo do sujeito e as pressões econômicas, sociais, políticas, culturais e simbólicas sobre ele.

2.6 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO ENVELHECIMENTO

Utilizamos a perspectiva psicossocial como referencial teórico à compreensão de identidade por esta nos possibilitar uma análise da interação social e, portanto, dos sujeitos na elaboração de crenças e conhecimentos sobre si e sobre os outros. O conceito de identidade assumido nesse estudo não se apresenta como um construto linear, por ser admitido em sua dinamicidade, devido às suas ambiguidades, contradições e tensionamentos do cotidiano e da inserção política dos sujeitos e grupos com os quais estabelecem relações de identidade e/ou se diferenciam. As construções teóricas de Berger e Luckmann (2012), Tajfel (1982), Bauman (2005) e Hall (2014), embasam a discussão sobre a identidade, a partir de interlocuções tecidas entre elas.

No campo de estudos da TRS o ser humano é compreendido a partir da/na relação e interação com o outro, ou seja, é um ser que se constitui com o outro. A qualidade de sujeito social abriga um só tempo, a singularidade do ser humano e também a ocorrência da diversidade de relações construídas por/entre eles nos variados contextos em que estão inseridos. Conforme aponta Guareschi (2009), tal compreensão de ser humano se contrapõe às perspectivas: *liberal*, para a qual o ser humano é percebido como um “indivíduo”, e apresenta como atributo fundamental ser independente dos outros; e a *visão de totalidade*, que concebe o ser humano apenas como parte de um todo, sem contemplar a sua singularidade e a sua subjetividade.

A dialética natureza/sociedade é inerente à condição humana e se atualiza em cada indivíduo que, por sua vez, se desenvolve de acordo com a predisposição para a sociabilidade do homo *sapiens sapiens*, em um determinado contexto sócio-histórico, que oferece as condições para que se torne um membro da sociedade local, dos contextos particulares, bem como do pertencimento ao gênero humano. Além dessa sociabilidade, as características essenciais da espécie e gênero humanos incluem: consciência, individualidade, corporalidade específica e formação histórico-social da identidade pessoal (BERGER; LUCKMANN, 2012).

A constituição do sentido de si ocorre na consciência do indivíduo, a partir das relações que se estabelecem entre ele e as experiências. De modo geral, a experiência atual em determinado ponto pode ser relacionada com outra experiência que aconteceu há pouco ou há muito tempo. Este critério de tempo não é relevante em si mesmo, pois é

[...] um tipo de experiência, um esquema de experiência, uma máxima comportamental, uma legitimação moral, etc., derivados de muitas

experiências e armazenados no conhecimento subjetivo ou tomados do acervo social do conhecimento (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 15-16).

Ao se falar da constituição de sentido na consciência do indivíduo está sendo inferido que não se trata de um sujeito isolado, mas sim de um sujeito de/em interação. Este sujeito, por sua vez, se articula com modos de ser e agir dos indivíduos, em dado contexto histórico-social guiado por tipificações, classificações, padrões de experiência e esquemas de ação, e compõem o acervo subjetivo do conhecimento, que servem aos sujeitos como referências. Sujeitos diferentes podem reagir de forma semelhante aos mesmos desafios, o que nos faz supor uma expectativa em relação ao outro e certa obrigatoriedade para corresponder à dada situação de determinada maneira e não de outra. Pressupõe-se dessa forma que as ações são transformadas em instituições (BERGER; LUCKMANN, op. cit.).

Nem todas as repetições de ações, porém, são transformadas em instituições, posto que outros processos intervenham no sentido objetivado que continua sendo elaborado socialmente. As relações sociais dominantes são condicionantes nesses processos, haja vista que a ação do sujeito é mediada pelo sentido objetivo que foi colocado à disposição pelos depositários sociais do conhecimento e comunicado por instituições através da pressão que exercem para serem seguidas. Nesta perspectiva, o sentido objetivado interage permanentemente com o sentido subjetivamente constituído e com o projeto individual de ação. Ainda que não haja um compartilhamento de sentidos universal e adaptado a um sistema de valores único e fechado, partilhas de sentido podem desenvolver-se dentro das comunidades de vida ou podem ser retiradas do reservatório histórico do sentido.

Conforme Berger e Luckmann (op. cit.), as comunidades de vida produzem espaços de interação e promovem ações que se repetem com regularidade e reciprocidade em relações sociais duradouras e estáveis. No que concerne à instituição das comunidades de vida, várias são as possibilidades que podem engendrar a sua criação e diversos podem ser os sentidos que as mantêm em interação, como, por exemplo: as comunidades de vida nas quais se nasce. Nestas, a expectativa é que se constitua e/ou se continue uma família; comunidades de vida onde há adoção de alguém ou ainda aquelas em que a entrada se dá pelo casamento; há aquelas construídas com modelos variados por uma adaptação à continuidade das relações sociais; e, ainda, outras que precisam de uma iniciação, constituindo-se de modo distinto dos padrões predominantes. Em todas as modalidades de comunidades há um elemento comum necessário para a sua permanência que é a existência de um mínimo de compartilhamento de sentido e identidade na interpretação da realidade.

Em determinado contexto social, a realidade da vida cotidiana apresenta-se sob a forma de um mundo intersubjetivo que preconiza a participação de outros humanos e reconhece a interação como processo fundamental à existência e à construção da identidade, visto que é possível a diferenciação das realidades que se tem consciência, pela experimentação em distintos graus de distância e aproximação, no tempo e no espaço (BERGER; LUCKMANN, 2012).

Também adotamos o conceito de identidade proposto por Henri Tajfel, que concebe na identidade o reconhecimento da filiação do sujeito a um ou a vários grupos, acrescido de um significado emocional e de valoração envolvidos na organização singular do sujeito em interação com o ambiente social. Nesta vinculação com um determinado grupo social, “os sujeitos tendem a considerar que esse grupo é uma opção melhor do que outra qualquer, sugerindo uma distinção positiva do grupo, que levaria à imagem ou autoconceito positivo de si mesmos” (CRUZ; AGUIAR, 2011, p.8).

Segundo a Teoria da Identidade Social (TIS) proposta por Tajfel (1982), para haver afiliação grupal, os sujeitos envolvidos precisam se identificar e diferenciar dos outros para pertencer a um grupo e categoria social. Os sujeitos atingem, assim, uma avaliação positiva de seu grupo e a sua pertença a esse grupo, o que permite aos seus membros uma identificação social, relacional e comparativa. A identidade pode ser pessoal ou social, sendo que a identidade social se refere à possibilidade de pensar o “nós” e o “nosso” em oposição ao “eu” e ao “meu” (identidade pessoal). No entanto, o que faz uma pessoa se definir de acordo com a identidade pessoal ou social é o contexto de comparação com outros sujeitos.

Nos processos envolvidos na definição da identidade social os sentidos de pertença são fundamentais. Pertencer a um grupo ou a determinada categoria social, ou às posições que um grupo ocupa em uma estrutura social são os traços sociais que conformam essa pertença. Então, as identidades são partilhadas pelos sujeitos que ocupam posições semelhantes, apresentam pertenças comuns. O que se assemelha é o *nós* e o que se diferencia é o *eles*. Constituindo, desse modo, o *endogrupo*, a partir da semelhança intragrupo e o *exogrupo*, desde a diferenciação entre grupos e categorias (DESCHAMPS; MOLINER, 2009).

De uma perspectiva cognitiva, a categorização é feita através dos processos psicológicos que organizam o ambiente externo segundo atributos comuns em categorias, por exemplo: grupo de pessoas, de objetos ou de eventos (TAJFEL, 1982). Quando o processo de

categorização diz respeito a pessoas ocorre a categorização social e, neste caso, “... os sujeitos estão eles próprios no interior de uma rede de categorias. As pessoas são então ‘sujeitos’ da categorização e ‘objetos’ tratados por este processo cognitivo que utilizam” (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p. 31).

A percepção de traços comuns nas pessoas que pertencem a uma mesma categoria configura a existência de estereótipos, que vem ser, uma simplificação do conjunto de crenças que dizem respeito às características de um grupo. Na categorização social, a acentuação das semelhanças percebidas entre os objetos de uma mesma categoria resulta do efeito de *assimilação* e leva à formação de estereótipos, enquanto que, em um efeito de *contraste*, ou seja, o realçamento das diferenças percebidas entre os objetos classificados em diferentes categorias move os sujeitos em direção à discriminação dos integrantes dos grupos de não pertença.

Na perspectiva da psicologia histórico-cultural os papéis que o sujeito assume ao longo de sua vida participam do processo de constituição de sua identidade, a partir de uma identidade pressuposta que pode ser entendida como o que o outro ou a própria pessoa idealiza em relação ao desempenho de determinado papel. Deste modo, a identidade é significada e ressignificada, continuamente, pois o sujeito vivencia ao mesmo tempo vários papéis, o que o torna um personagem da vida que sempre se metamorfoseia de acordo com as condições históricas e sociais, a que esteja submetido (SILVA, 2009).

Para compreender como se dá a construção da identidade, nesse estudo, levantamos referências acerca da tensão entre o essencialismo e o não essencialismo. Na perspectiva essencialista sobre a identidade tem-se que, existe um conjunto de características que todos os membros de determinado grupo partilham e que não se modificam ao longo do tempo, podendo-se exemplificar por uma coorte formada a partir da idade. Já na perspectiva não essencialista o foco de construção recai sobre as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas, tanto interindividuais quanto intergrupais. Esta definição não essencialista da identidade contemplaria também as mudanças nas características que igualam ou diferenciam os indivíduos/grupos ao longo do tempo. Como exemplo apontamos os sentidos atribuídos ao ‘ser velho’ que assume distintas conotações em determinados tempos e espaços sociais (SILVA; HALL; WOODWARD, 2013).

Nesta pesquisa, fez-se opção pela definição não essencialista da constituição da identidade, por entender que esta contempla com mais precisão a discussão que se empreendeu sobre o processo de atribuição de sentidos à velhice e ao envelhecimento e suas relações com a construção das identidades na velhice, em um contexto de modernidade tardia, em processo desde a segunda metade do século XX (HALL, 2014). Com rebatimentos na construção das identidades dos sujeitos, notadamente do final do século XX, podemos apontar a *globalização* como um complexo de processos e forças geradoras de mudanças que influenciou estes processos identitários. Globalização “pode ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa” (GIDDENS, 1991, p.69), desta forma, torna possível a integração e a conexão de comunidades e organizações sob novas combinações de espaço-tempo, reconfigurando o mundo, em realidade e experiência, como mais interconectado. Uma vez que o espaço e o tempo são dimensões básicas em todo sistema de representação, podemos entender que o impacto da globalização sobre os processos identitários acontece justo por afetar a forma como as identidades são localizadas e representadas.

Um dos aspectos mais relevantes nesta construção conceitual em processo de mudanças diz respeito ao corpo que dá concretude e define a fronteira entre quem nós somos e quem nós não somos, prestando-se, assim, a ser fundamento para a identidade. Todavia, essa dimensão subjetiva não é autônoma e se articula diretamente às influências externas que o corpo e a subjetividade recebem. A este respeito, a contextualização sociopolítica de cada momento histórico contribui com marcadores importantes nessa construção singular. De acordo com Bauman (2005), no atual momento da sociedade, a globalização seria uma imensa transformação externa que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, bem como tem repercussões na subjetividade coletiva, na produção cultural, na vida cotidiana e nas relações entre o eu e o outro. Na sequência, podemos interpretar que “quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, como na ideia de sociedade global, a ‘identificação’ torna-se cada vez mais importante para os indivíduos que buscam um ‘nós’, a que possam acorrer e, vivenciar a sensação do pertencimento” (BAUMAN, op. cit. p.30).

No entanto, se pensamos um mundo que se move em alta velocidade e em constante aceleração, parece não ser suficiente aos sujeitos contar com as referências em comum que os

sustentam em seus grupos de pertença, principalmente, porque tais estruturas de referência podem não sustentar a si próprias, afinal:

[...] essas estruturas não incluem facilmente novos conteúdos. Logo se mostrariam muito desconfortáveis e incontroláveis para acomodar todas as identidades novas, inexploradas e não experimentadas que se encontram tentadoramente ao nosso alcance, cada qual oferecendo benefícios emocionantes, pois desconhecidos e promissores, pois até agora não depreciados. Rígidas e pegajosas, também é difícil livrar essas estruturas dos velhos conteúdos quando chega a sua “data de validade”. No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam (BAUMAN, 2005, p.33).

Podemos mesmo dizer que quanto mais a vida em sociedade se torna mediada pelo mercado global de estilos de vida, de lugares a serem ocupados, de papéis a serem desempenhados, pelas imagens veiculadas através dos sistemas de comunicação interligados globalmente, mais as *identidades* se tornam desvinculadas e descentradas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem se tornar mais *fluidas*. (BAUMAN, 2005). Todavia, essa não parece ser uma consequência única da globalização sobre a definição das identidades, uma vez que, dialeticamente, ao provocar um alargamento do campo de produção das identidades com a proliferação de novas configurações identitárias, possibilita também que haja um aumento da polarização entre elas, levando a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades (HALL, 2014). Tratando-se da velhice, então denominada de “terceira idade”, este conceito se articula às referências que servem de ancoradouro para a construção das identidades nessa velhice e no envelhecimento e que nos parecem mergulhadas, também, nessas fragilidades de referentes.

3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A ABORDAGEM DE FENÔMENOS COMPLEXOS

A escolha da Teoria das Representações Sociais (TRS), como perspectiva analítica-crítica, a partir da qual se procede à análise do objeto velhice e envelhecimento pode ser argumentada pela tradução da experiência do envelhecimento como um fenômeno socialmente construído. Esta circunstância de construção processual confere sentidos à realidade, produz identidades, organiza a comunicação e orienta práticas sociais, o que resulta em sentidos e significados que não são neutros ou descolados do tempo e do espaço em que se situam e, diversamente, são atravessados por elementos contextuais, históricos e socioculturais.

O sujeito constrói e compartilha seus referentes, a partir do campo de conhecimento ao qual tem acesso, o que faz com que o saber científico seja integrado ao senso comum sem, necessariamente, resultar numa contraposição aos esquemas tradicionais de pensamento, tais como a religião ou a política. Pelo contrário, as formas tradicionais de pensamento ajudam a “ancorar” o novo conhecimento em categorias socialmente construídas e, portanto, torná-lo compreensível (ALBA, 2011).

A adoção da TRS para desvelar a realidade construída no senso comum possibilita a compreensão dos aspectos formais que são disseminados, bem como a dinâmica envolvida no cotidiano das práticas sociais. A identificação dos sentidos que circulam e são partilhados no senso comum permite que se reconheçam também as relações, os conflitos intergrupais, intragrúpicos e os processos ideológicos que dizem respeito ao que acontece na dinâmica social, por um lado, e, por outro, ao que ocorre na dinâmica psíquica, ou seja, os processos afetivos e cognitivos. O entendimento desse dinamismo reforça a assertiva de que o sujeito e a sociedade na qual está inserido devem ser tomados como unidades interativas e dialéticas (CRUZ; SANTOS, 2017).

A TRS tem como obra fundante o texto de Moscovici: “A psicanálise, sua imagem e seu público”, de 1961, que representa para a psicologia social um marco que, ainda hoje, mantém uma atualidade incontestável, comparável aos clássicos das ciências humanas e sociais. Neste processo de criação da TRS, Moscovici procedeu a uma releitura da obra de Émile Durkheim sobre o conceito de representações coletivas (RC), à época, século XIX, despertou para o fato de que não apenas o indivíduo, mas as sociedades também pensam e constroem coletivamente as realidades que os seus constituintes conhecem (CASTRO, 2011).

3.1 O LEGADO DAS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS PARA A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Envolvido com a tarefa de construir as bases para a criação da sociologia, Durkheim procede à distinção dos campos de estudo segundo o objeto de interesse, atribuindo à psicologia a responsabilidade de estudar o que implica ao indivíduo e, à sociologia, caberia a explicação dos fatos sociais como fenômenos autônomos e coercitivos que conformariam todo ser integrado em uma comunidade. Porém, ao se processar essa divisão de campos e objetos de conhecimento entre a psicologia e a sociologia, restou uma dimensão inexplorada entre o indivíduo e a sociedade, e que abordaria a relação indivíduo-sociedade. Esta relação seria a questão central a ser tratada no que seria, como disse Durkheim, tarefa de uma sociologia psicológica. Moscovici se coloca no plano dessa disciplina intermediária ao se perguntar: o quanto intervém o social na construção do pensamento? Como estudar processos intrapsíquicos, tais como as representações e a memória, em conexão com o contexto social? (ALBA, 2011).

Ainda segundo esta autora, as RC propostas por Durkheim devem ser entendidas como eventos sociais distintos dos indivíduos, uma vez que o enfoque individual desses eventos sociais reduziria sua especificidade e sua complexidade, já que não estariam completas em cada indivíduo. Desta maneira, as RC são fenômenos sociais exteriores e anteriores aos indivíduos, sendo independentes deles. Nesta perspectiva, a sociedade impõe forte poder coercitivo a partir da regulação que exerceria sobre o indivíduo quando penetra em sua consciência através da educação. A existência de um sujeito autônomo seria praticamente uma ilusão, pois os membros que constituem a sociedade se encontram fortemente determinados por ela.

Para Durkheim, o significado sociológico das RC é traduzido pela capacidade que possuem para manter e conservar o tecido social, se instaurando como formas estáveis de compreensão coletiva. A sociologia, nessa vertente, é fortemente orientada para tudo o que mantenha as sociedades coesas, a salvo de qualquer fragmentação ou desintegração. De forma distinta, na psicologia social proposta por Moscovici, há uma forte orientação para as mudanças que ocorrem na sociedade, ou seja, para aqueles processos sociais através dos quais a novidade e a transformação, a conservação e a preservação tornam-se parte da vida em sociedade (MOSCOVICI, 2009).

De acordo com Alba (2011), a distinção entre RC e RS está na gênese das representações e não em sua natureza. Para Moscovici, a TRS não apenas se propõe a desvelar o conteúdo das representações, mas também está comprometida com o entendimento dos processos de construção da realidade elaborada por indivíduos e grupos, ao mesmo tempo em que ocorrem suas interações, em um contexto social determinado por valores, normas e sentidos compartilhados. A dimensão coletiva das representações está presente neste processo de construção social, porém o foco de análise é a maneira pela qual elas são construídas. Para Moscovici, as RS são, de modo indissociável, produto e processo da construção social da realidade.

De modo geral, se admite uma diferença essencial entre as RC de Durkheim e as RS de Moscovici, e essa diferença diz respeito à estabilidade, atualidade e especificidade das segundas em relação às primeiras. Enquanto as RC apresentam-se estáveis (quase estáticas) e caracterizam principalmente sociedades primitivas, referindo-se a grupos amplos, o argumento é que as RS é o senso comum dos Séculos XX e XXI, período marcado pelo intenso desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Assim, as representações sociais são dinâmicas, podendo sofrer transformações. No que concerne à especificidade, o conceito durkheimiano de representação é muito abrangente, incluindo quaisquer ideias, instituições ou crenças vigentes em uma dada sociedade. Já Moscovici, nomeia como RS o conhecimento que familiariza o novo e incomum para um grupo ou categoria determinado, e que serve de orientação para as práticas sociais (WACHELKE, 2005).

A ruptura proposta por Moscovici acontece quando em contraponto às representações coletivas, assumidas por Durkheim como formas estáveis de compreensão coletiva e com o poder de obrigação a serviço da integração e da manutenção da sociedade como um todo, ele se ocupa mais em explorar a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas. A transição das sociedades pré-modernas ou tradicionais – nas quais as instituições centralizadas da Igreja e do Estado detêm o poder e operam a legitimação do conhecimento e das crenças – para as sociedades modernas que, em contraste àquelas, possuem diferentes centros de poder, que demandam autoridade e legitimação, fazendo com que a regulação do conhecimento e da crença não seja mais exercida da mesma maneira como era processada nas sociedades tradicionais. O fenômeno das representações sociais pode, nessa perspectiva, ser compreendido como a adaptação da vida em sociedade a condições descentradas de legitimação de conhecimento e crenças (MOSCOVICI, 2009).

A passagem para as sociedades modernas também pode ser caracterizada pelo papel desempenhado por novas formas de comunicação, que tiveram sua origem no desenvolvimento da imprensa e na difusão da alfabetização, ampliando dessa forma o acesso ao conhecimento e impulsionando a disseminação das crenças entre os sujeitos. Estas novas vias de comunicação de massa trouxeram, tanto novas possibilidades para a circulação das ideias, quanto oportunizaram que mais grupos sociais integrassem o processo de produção psicossocial do conhecimento (PHILOGENE; COLLEGE, 2011).

Tal releitura de Durkheim tornou possível que a abordagem da vida cotidiana e suas múltiplas complexidades propusessem para a psicologia social e as ciências humanas como um todo, um novo referencial. O cotidiano, para Moscovici, é dinâmico e se movimenta em processo relacional e abrange intensamente as categorias fundamentais: sujeito, objeto, tempo e espaço. Como diz Castro (2011):

[...] A topografia do cotidiano de Moscovici vai do microcosmo ao macrocosmo, e seus limites são estabelecidos nas fronteiras da interação social. Esta espécie de topografia dinâmica supera o dualismo tradicional, introduzindo, pela natureza do objeto, um lugar de reunião e encontro entre distintas situações. O novo objeto da psicologia social é um encontro, muitas vezes indiferenciado, entre indivíduo e sociedade (CASTRO, 2011, p. 6).

As RS têm implicações na vida cotidiana e nos comportamentos adotados por um grupo de sujeitos acerca de um objeto, pois estes são influenciados pelo modo como os atores sociais representam socialmente esse objeto e do significado destes em suas vidas. A teoria, portanto, lida com um marco conceitual que envolve tanto o nível intrapessoal de análise, quanto o interpessoal e o intergrupar. A análise das representações de objetos sociais corresponde, então, a um exame do que se sabe a respeito, de um dado objeto, naquele segmento grupal e contexto particular. Esse exame do que é reproduzido em situação de pesquisa permite ao pesquisador a apreensão dos aspectos compartilhados de uma representação. Assim, toda representação surge da necessidade de transformar o que é estranho, o que não é compreendido, em algo familiar (ARAÚJO; COUTINHO; SANTOS, 2006).

Define-se RS como um tipo de saber, socialmente negociado, contido no senso comum e na dimensão cotidiana, que permite ao sujeito uma visão de mundo e o orienta nos projetos de ação e nas estratégias que desenvolve em seu meio social. Representações sociais são, portanto, conhecimentos mediados pela cultura, que adquirem sentido e significado pleno no

contexto sociocultural e situacional em que se manifestam (JODELET, 2001). Para Moscovici (2009), as RS são:

[...] sempre complexas e necessariamente inscritas dentro de um ‘referencial de um pensamento preexistente’; sempre dependentes, por conseguinte, de sistemas de crenças ancorados em valores, tradições e imagens do mundo e da existência (MOSCOVICI, 2009, p. 216, grifo do autor).

Tanto a elaboração quanto a comunicação das RS se dá na interação social e a relação entre o individual e o coletivo sugere modificações mútuas. O sujeito é construído socialmente, assim como as representações que nascem e permanecem provisoriamente na sociedade, constituindo um movimento resultante do processo de filtragem que os grupos fazem de determinados aspectos de um dado objeto. Mesmo as ações humanas consideradas psicológicas fazem referência a uma construção social compartilhada. Mas, não é suficiente apenas escolher o fenômeno a ser estudado sob a perspectiva da TRS, há que se fazer, ainda, a transposição da apreensão desse fenômeno para a prática social da sua investigação, ou seja, esse processo de investigação vai envolver uma transformação, chamada de construção do objeto de pesquisa (SÁ, 1998).

Arruda (2002), ao situar o contexto científico do aparecimento da TRS, diz que:

[...] A Teoria das Representações Sociais – TRS – operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Partia da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, e define duas delas, pregnantes nas nossas sociedades: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo. A diferença, no caso, não significa hierarquia nem isolamento entre elas, apenas propósitos diversos. O universo consensual seria aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna (ARRUDA, 2002, p. 129-130).

A autora acima segue argumentando que tanto o senso comum quanto o conhecimento científico, mesmo que tenham propósitos diferentes são eficazes e indispensáveis para a vida humana e a mesma validação, enquanto saberes construídos.

Moscovici (2009) confronta o conceito de RS com conceitos de natureza psicológica que lhe são frequentemente associados, como os de opinião, atitude e imagem. Basicamente, afirma que esses conceitos (tal como eram tipicamente tratados à época) pressupunham a existência de um dado estímulo externo, ao qual o indivíduo responderia. Já no caso das RS, parte-se do princípio de que não existe separação entre o universo externo e o universo interno

do sujeito: em sua atividade representativa, ele não reproduz passivamente um objeto dado, mas, de certa forma, o reconstrói e, ao fazê-lo, se constitui como sujeito, pois, ao apreendê-lo de uma dada maneira, ele próprio se situa no universo social e material. Além disso, afirma que as representações sociais, tal como as atitudes e as opiniões, são “uma preparação para a ação”, mas, ao contrário dessas, não o são apenas porque orientam o comportamento do sujeito, mas principalmente porque reconstituem os elementos do ambiente no qual o comportamento se manifesta, integrando-o a uma rede de relações às quais está vinculado o seu objeto.

Desse modo, as RS não são apenas “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações baseada em valores e conceitos, e que determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das ideias compartilhadas pelos grupos e regem, subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas (MOSCOVICI, 2009).

De acordo com Sá (1998), a construção das RS está interligada às situações sociais, em que estão presentes os sujeitos que representam e provocam modificações no real. Essas modificações se dão na construção mental e na produção de alterações que se expressam no objeto representado. Percebendo-se a representação com caráter social, ela é portadora de uma relação, sendo influenciada pelo lugar ocupado pelo sujeito na estrutura social e no conteúdo da representação. O visto e o vivido são contextualizados e, assim, cada lugar corresponde a uma forma específica de ver, de viver e de representar.

3.2 OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: OBJETIVAÇÃO E ANCORAGEM

De acordo com Alba (2011) a relação dialética entre o individual e o social é influenciada pelos processos de *objetivação* que é a dimensão da concretude e da objetividade, e de *ancoragem*, que se traduz na dimensão simbólica e sociocultural. A análise dos processos de *objetivação* e *ancoragem* constitui a contribuição mais significativa e original do trabalho de Moscovici, uma vez que permite compreender como o funcionamento do sistema cognitivo interfere no social e como o social interfere na elaboração cognitiva.

Na análise destes processos responsáveis pela construção das representações, Jodelet (2001) especifica suas características e fases procurando esclarecer como os mecanismos sociais, acima mencionados, interferem na elaboração psicológica que constitui a

representação e como esta elaboração psicológica interfere na interação social. A *objetivação* é definida como uma operação imaginante e estruturante que confere materialidade aos esquemas conceituais, reabsorvendo o excesso de significações, procedimento necessário ao fluxo das comunicações. Distinguem-se três fases nesse processo: a construção seletiva, a esquematização estruturante e a naturalização. A construção seletiva corresponde ao processo pelo qual o sujeito se apropria das informações e dos saberes sobre um dado objeto. Nessa apropriação, alguns elementos são retidos, enquanto outros são ignorados ou rapidamente esquecidos.

Estas informações que circulam sobre o objeto vão sofrer uma triagem em função de condicionantes culturais (acesso diferenciado às informações em decorrência da inserção grupal do sujeito) e, sobretudo, de critérios normativos (só se retém o que está de acordo com o sistema de valores circundante). Na esquematização, uma estrutura imaginante reproduz, de forma visível, a estrutura conceitual de modo a proporcionar uma imagem coerente e facilmente expressa dos elementos que constituem o objeto da representação e levando à sua naturalização, permitindo ao sujeito apreendê-los individualmente e em suas relações. O resultado dessa organização é chamado de núcleo ou esquema figurativo. Na *objetivação*, a intervenção do social se dá no agenciamento e na forma dos conhecimentos relativos ao objeto da representação (JODELET, 2001).

Embora a objetivação tenha sido descrita por Moscovici com referência à representação de uma teoria científica, o processo de construção seletiva/esquematização estruturante/naturalização parece generalizável à formação de qualquer representação. A generalidade da naturalização, sua importância em contextos sociais reais, tem sido amplamente demonstrada. A estabilidade do núcleo figurativo, bem como sua materialidade, confere-lhe o estatuto de referente e de instrumento para orientar percepções e julgamentos sobre a realidade. Tal fato tem importantes implicações para a intervenção social: qualquer ação que pretenda modificar uma representação só terá êxito se for dirigida prioritariamente ao núcleo figurativo, uma vez que este não apenas é a parte mais sólida e estável da representação, como dele depende o significado desta (JODELET, 2001).

O segundo processo descrito por Moscovici, a *ancoragem*, diz respeito ao enraizamento social da representação à integração cognitiva do objeto representado no sistema de pensamento preexistente e às transformações que, em consequência, ocorrem em ambos. Não se trata mais, como na objetivação, da construção formal de um conhecimento,

mas de sua inserção orgânica em um pensamento constituído. Jodelet (2001) retoma esse conceito, procurando mostrar que a intervenção do social se traduz na significação e na utilidade que são conferidas à representação. Ao analisar a ancoragem como atribuição de sentido, afirma que a hierarquia de valores prevalente na sociedade e em seus diferentes grupos contribui para criar em torno do objeto uma rede de significações na qual ele é inserido e avaliado como fato social.

Essa rede de significações externas às quais o objeto é associado se reflete nas relações que se estabelecem entre os elementos da representação: dependendo da perspectiva em que o grupo situa o objeto de representação ele tende a apontar diferentes grupos como seus principais referentes. A escolha de tais perspectivas é ditada pelos valores e crenças do grupo, podendo-se dizer, então, que ele expressa sua identidade pelos sentidos que imprime a suas representações. As representações tomadas como um sistema de compreensão da realidade tem uma função mediadora entre o indivíduo e seu meio e entre os membros de um mesmo grupo, concorrendo para afirmar a identidade grupal e o sentimento de pertencimento do indivíduo ao grupo (JODELET, 2001).

A ancoragem fornece à objetivação seus elementos imaginados a título de pré-construtos, para servir à elaboração de novas representações. Por outro lado, a representação sempre se constrói sobre um “já pensado”, manifesto ou latente. A “familiarização com o estranho” pode, com a ancoragem, fazer prevalecer quadros de pensamentos antigos, posições preestabelecidas, utilizando mecanismos como a classificação, a categorização e a rotulação. E classificar, comparar, rotular, supõe sempre um julgamento que revela algo da teoria que temos sobre o objeto classificado. O processo de ancoragem, relacionado dialeticamente à objetivação, articula as três funções básicas da representação: a função cognitiva de integração da novidade, a função de interpretação da realidade e a função de orientação das condutas e das relações sociais. Assim, esse processo permite compreender: (a) como a significação é conferida ao objeto representado; (b) como a representação é utilizada como sistema de interpretação do mundo social e instrumentaliza a conduta; (c) como se dá sua integração em um sistema de recepção e como influencia e é influenciada pelos elementos que aí se encontram (JODELET, 2001).

Ainda sobre a ancoragem, Doise (2010) propõe serem de três tipos, que condicionariam as tomadas de posição individuais no campo das RS: a *ancoragem psicológica*, que se apoia nos valores, atitudes e opiniões individuais; a *ancoragem*

sociológica, reflexo da pertença social dos indivíduos; e a *ancoragem psicossocial* que se referencia na percepção das relações sociais e nas inserções assimétricas na sociedade. Sendo assim, trata-se de estudar as RS não somente visando identificar os elementos comuns ou consensuais, entretanto, também de “estudar as modulações em função de sua imbricação específica em um sistema de regulações simbólicas”. Esta formulação destaca desde as ancoragens das variações individuais àquelas RS que não sejam consensuais.

3.3 AS FUNÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Na dinâmica das relações e das práticas sociais, as RS exercem várias funções que influem na identidade do grupo, conferindo-lhe o sentido de unidade. Tais funções subdividem-se em: função do saber, função de orientação, função identitária, função justificadora e função mantenedora (CRUZ, 2006; AMBLARD, 2017). O objetivo da função do saber é dar sentido à realidade social, tornando possível aos sujeitos a compreensão e a explicação dos fenômenos complexos e das suas ações, o que significa dizer que as RS dos vários objetos desconhecidos possibilitam aos sujeitos uma aproximação de seus significados, a partir da percepção de determinada situação e pelos processos de construção das RS, a objetivação e a ancoragem.

Na função de orientação, as RS se tornam guias de conduta, por anteciparem o desenvolvimento das ações e apresentarem a possibilidade de orientar práticas sociais, com a prescrição de modos desejáveis de comportamento que tendem a variar, na dependência de alguns fatores como: o contexto no qual o sujeito está inserido, as expectativas geradas pela situação e a antecipação de comportamentos que permitem adequar as demandas da realidade às representações.

A função justificadora possibilita aos sujeitos que se baseiem em suas RS para avaliar, explicar e justificar suas ações. A função identitária aponta o protagonismo das RS na definição das identidades dos sujeitos e dos grupos, protegendo suas características e exercendo papel fundamental nos processos de socialização por eles desenvolvidos. Finalmente, a função mantenedora que facilita a relação entre as representações e as práticas, com o propósito de proteção das diferenciações nas práticas sociais.

3.4 DISTINTAS ABORDAGENS DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Desde Moscovici, quando propõe a TRS como forma de compreender como se dá o processo e construção social da realidade que consequentes desdobramentos teórico-metodológicos foram se impondo aos pesquisadores dessa área. Por conseguinte, tal pluralidade tem impulsionado o avanço da teoria ao implicar nas possibilidades e limitações teóricas em um confronto permanente com os fenômenos sociais estudados. Neste ponto, identificamos três pesquisadores, entre outros importantes, por suas fundamentais contribuições para o desenvolvimento da TRS a partir de suas vertentes teóricas, que proporcionaram profícuos debates no campo investigativo das RS, são eles: Denise Jodelet, Willem Doise e Jean-Claude Abric.

Denise Jodelet apresenta uma abordagem culturalista, em que articula as dimensões socioculturais com as suas características históricas, regionais, institucionais e organizacionais, na construção das elaborações mentais e coletivas. Em sua trajetória como pesquisadora, atende a uma perspectiva teórico-metodológica que ressalta o valor dos discursos que dão sustentação às RS dos objetos, busca a interpretação dos comportamentos e práticas sociais através das RS, procede à análise de documentos e registros que institucionalizam os discursos e, por fim, perscruta a investigação dos discursos difundidos pela mídia, em associação aos desdobramentos na manutenção e transformação das RS (ALMEIDA, 2005).

Willem Doise propõe uma abordagem societal, quando focaliza a intervenção dos sistemas de crenças compartilhadas sobre a organização e o funcionamento cognitivos, ele e o grupo sob sua liderança, articulam as RS com uma perspectiva mais sociológica, dando ênfase à inserção social dos sujeitos como fonte de variação dessas representações. Portanto, o objetivo dessa abordagem é conectar o individual ao coletivo, ou seja, perscrutar a articulação de explicações de ordem individual com explicações de ordem *societal*, tornando evidente que os processos de que os sujeitos dispõem para funcionar em sociedade são orientados por dinâmicas sociais relacionadas às dimensões interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais dos indivíduos em sociedade (ALMEIDA, 2009).

Jean-Claude Abric, a partir da abordagem estrutural, propôs a Teoria do Núcleo Central como uma possibilidade de explicação para a organização interna das RS (ABRIC, 1994, 1998, 2003), a ser aprofundada no item a seguir, uma vez que essa é a vertente teórico-metodológica adotada nesta pesquisa.

3.5 ORGANIZAÇÃO INTERNA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS - A TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL

As RS são tidas como um sistema sócio-cognitivo que pode ser concomitantemente rígido e flexível, estável e dinâmico. Para acolher tais características aparentemente antagônicas, a abordagem estrutural das RS adotadas na presente pesquisa, propõe que uma RS é formada por dois sistemas distintos, porém complementares, um sistema central e um sistema periférico. O princípio fundamental dessa abordagem é que os elementos constituintes de uma RS são hierarquizados e toda representação organiza-se em torno de um *núcleo central* que determina a significação e a organização interna desses elementos que a compõem. Abric (1994) destaca essas duas funções do sistema central: uma função geradora, uma vez que o seu conteúdo se constitui no elemento através do qual se cria ou transforma o significado dos demais elementos; e uma função organizadora, que unifica e estabiliza a representação, possibilitando que caso haja uma mudança em seu núcleo central, haja uma transformação da própria representação.

O sistema central pode ser caracterizado, entre outros aspectos, por seus elementos serem estáveis e o seu conteúdo estar ligado à memória coletiva e à história do grupo. Além das funções de geração e de organização atribuídas ao sistema central, também são relacionadas a ele duas dimensões: uma dimensão funcional, na qual seus elementos estão voltados para a realização de tarefas; e uma dimensão normativa, que envolve aspectos sócio-afetivos, sociais ou ideológicos. O sistema periférico situa-se na interface entre a realidade concreta e o sistema central, sua dimensão é funcional, porque torna possível que a representação seja ancorada na realidade do momento. A flexibilidade do sistema periférico regula e adapta o sistema central a uma situação concreta. Dessa maneira, o sistema periférico é mais afetado por características do contexto imediato (ABRIC, 1994).

A abordagem estrutural das RS ou Teoria do Núcleo Central, proposta por Abric, admite a existência de uma região de difícil acesso nas RS que foi denominada de *zona muda*. Esse fenômeno ocorre, segundo Abric (2005), sobretudo, para objetos mais sensíveis, ou seja, intensamente marcados por valores e normas sociais, como a exemplo dos sentidos dirigidos à velhice e ao envelhecimento. A zona muda é composta de elementos da representação que são “contranormativos”, isto é, cognições ou crenças que não são expressas pelo sujeito em condições normais de produção porque podem entrar em conflito com os valores morais ou normas de um determinado grupo.

Os conteúdos presentes na zona muda se articulariam com as avaliações e com os valores que aparecem como ilegítimos para o grupo de pertença do sujeito que produz a representação e, por conseguinte, não seriam facilmente comunicados. Vale apontar que a zona muda de uma RS é aquela que não é expressa, que não é verbalizada, mas faz parte da consciência dos sujeitos, é conhecida por eles, porém não vem à tona porque o sujeito ou o grupo não quer expressá-la pública ou explicitamente (ABRIC, 2005).

3.6 A TRS E O OBJETO SOCIAL VELHICE E ENVELHECIMENTO – SISTEMAS REPRESENTACIONAIS

Ao evocarmos o objeto social velhice e envelhecimento com o propósito de compreendê-lo, outros objetos foram se misturando ao objeto central da pesquisa. Isto quer dizer que as participantes não se centraram no envelhecimento em si, como foi questionado, elas foram tangenciando os discursos e, a partir do referencial de suas histórias de vida, e também a partir do conjunto de palavras produzido na fase anterior da pesquisa - pelos dois grupos, o dos idosos e o dos não idosos - as participantes foram se remetendo a outros temas que estão embutidos no processo do envelhecimento e que nos oferecem a perspectiva de que nenhum objeto representacional é isolado de outros objetos que se articulam a ele.

Quando outros objetos se articulam com o objeto social estudado, como já indicava Moscovici (2009), reforçam o dinamismo da representação, ou seja, numa representação tem as continuidades e elementos de oxigenação, que os sujeitos experimentam e os refazem de forma peculiar, configurando-se, então, um *sistema de representação*. Assim, as RS são apresentadas como sistemas representacionais, nos quais vários objetos são articulados para compor um conjunto de RS e estabelecer uma rede de significações em torno do objeto (FÉLIX et. al., 2016).

Como afirmam Moscovici e Vignaux (2009), na origem de uma RS podemos identificar discursos, crenças e representações que foram construídas por outros sujeitos e grupos, em distintos contextos sociais e históricos que podem ser interpretados como um princípio ordenador das ideias sobre determinado objeto. Este princípio organizativo ou ‘pensamento preexistente’, denominado de *Themata*, corresponde às ideias centrais contidas nas RS de objetos polêmicos e polissêmicos, o que de alguma forma, vem ser a noção do novo que emerge nas práticas sociais. Em outras palavras, a *themata* corresponde aos *Temas* gerais, a partir dos quais se cria uma RS.

Podemos dizer que a *themata* se ancora na dimensão perceptível da cognição partilhada e popular e na experiência ritualizada que se inscreve na cultura e nos seus ritos, quer dizer, nas dimensões operativas da representação. Ela assume, geralmente, a forma de noções ancoradas em sistemas de oposição, isto é, termos que são contrastados a fim de ser relacionados ao ser, às práticas sociais e ao mundo de modo geral (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2009; AMBLARD, 2017). Sobre o objeto social velhice e envelhecimento incide um sistema de oposição composto, por exemplo, das antinomias: velho/novo, bonito/feio, saúde/doença, independência/dependência, pertencimento/exclusão, atualizado/ultrapassado, rápido/lento.

No desenvolvimento da cognição social os processos de tematização têm por objetivo a estabilização dos sentidos atribuídos ao objeto de representação, a partir das suas características ou adjetivações e sugerem imagens de situações ou modos de ser das coisas e do mundo. As tematizações são, então, processos que associam constantemente o conhecimento comum com o conhecimento discursivo e o construto de formas de ancoragem cognitiva e cultural. Assim, de maneira concreta as representações, as crenças, e os preconceitos são suportados por uma determinada RS.

No que se referem às relações entre identidade e RS, temos em comum a referência de que na construção estas estão envolvidas com experiências coletivas e individuais vividas por indivíduos ou grupos. Essas experiências podem ser percebidas como práticas, nas quais estão inseridas condições sociais, históricas e materiais, além do modo como os indivíduos ou grupos dela se apropriam.

3.7 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PROCESSOS IDENTITÁRIOS

Os sujeitos possuem conhecimentos e crenças sobre si mesmos e sobre os outros, também detém conhecimentos e crenças sobre o mundo que os entornam, sobre a sociedade na qual vivem e sobre alguns objetos relevantes para esta sociedade. Desse modo, as representações poderão ter influência no sentimento de identidade, imbricando-se fortemente nos processos identitários e fazendo-os convergir (DESCHAMPS; MOLINER, 2009).

A construção da identidade somente faz sentido nos contextos relacionais em que ocorre, se constituindo a partir de um grupo de categorias que traduzem os modos de vida, as posições que os sujeitos ocupam na sociedade e os valores que se atribuem às pessoas e aos grupos envolvidos. Tais contextos relacionais são, a um só tempo, espaços de mediação e de

ambiguidade. Essa ambiguidade é do sujeito que representa ou é em relação às diferenças que se aderem ao objeto representado, ou ainda, um fruto desse confronto. Em um encontro com a diferença que causa surpresa, com o inusitado que perturba, surge a necessidade de um terreno conhecido que lhe dê sustentação e condições para a sua incorporação, que conduza ao entendimento de que o outro não é assim tão diferente, apenas é um semelhante que não conseguimos situar. Para Jodelet (2002), a alteridade é o fruto desse duplo processo de construção e de exclusão social.

Portanto, a alteridade “não aparece como um atributo que pertenceria à essência do objeto visado, e sim, como uma qualificação que lhe é atribuída do exterior. É um substantivo que se elabora no seio de uma relação social e em torno de uma diferença” (JODELET, 2002, p. 50). Assim, a alteridade permeia as interações sociais e as suas singularidades podem indicar a diferenciação entre os grupos. A identificação ocorre entre grupos restritos de pares, com quem podem se reconhecer mediante o compartilhamento de determinados valores e papéis sociais e, assim, se enxergarem através de uma lente pela qual fazem a leitura de mundo. A partir desse movimento de autoria, de fortalecimento de identidade, a necessidade que o sujeito social tem do outro se torna premente, seja na identificação em seus grupos de pares ou na diferenciação de outro.

Compreende-se, então, que a identidade não é uma atitude ou crença estabelecida e, sim, é o esforço ou o poder que liga o sujeito ou o grupo a uma atitude ou crença, quer dizer, a uma representação. A identidade é uma luta pelo reconhecimento e a alteridade é construída ao longo dessa luta. Assim, a identidade é, em suma, separação e diferenciação do outro, portanto, a estreita relação entre o eu e a identidade, são ambas construções da diferença (DUVEEN, 2002).

Para Deschamps e Moliner (2009), em termos psicossociais a identidade é um fenômeno subjetivo e dinâmico resultante de uma dupla constatação de semelhanças e de diferenças entre o si próprio, os outros e certos grupos. A identidade não é, pois, aquilo que se é, mas um conjunto de características que se sente ter, que se pensa ter, seja em comum com os membros de um grupo, seja de forma individualmente diferenciada. Ao refletir sobre as representações sociais como produtos identitários, Deschamps e Moliner dizem:

[...] Um conjunto de opiniões e de crenças partilhado pelos membros de um espaço coletivo, as representações sociais (...) desempenham o papel de marcador identitário, suscitando tomadas de posição comuns

ou divergentes a propósito de um objeto que tem valor de aposta. Inversamente, elas podem ser determinadas por identidades: nessas condições elas podem desempenhar o papel de afirmação da distintividade de um grupo. Enfim, elas podem ser reguladores identitários, organizando a percepção do espaço social em congruência com as aspirações e as coações identitárias dos indivíduos (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p. 140).

Para essa perspectiva, a percepção de semelhanças e de diferenças é a base do sentimento de identidade. A identidade social refere-se a um sentimento de semelhança com outros, enquanto a identidade pessoal se refere a um sentimento de diferença em relação aos outros. Os grupos aos quais pertence o indivíduo vão, de alguma forma, servir de quadro de referência na constituição do si mesmo. Entretanto, os diferentes grupos ou comunidades, às quais o indivíduo pertence, contribuem para a constituição do si mesmo, podem ter atitudes, normas contraditórias e até antagônicas (DESCHAMPS; MOLINER, 2009).

Pensando na construção das identidades na velhice, as questões do corpo e os sentidos que lhes são atribuídos são marcadores que oferecem um repertório a ser considerado, pois a forma como o corpo povoa o imaginário sugere práticas e discursos, prescreve comportamentos, regula práticas cotidianas e define padrões de inclusão e exclusão social. Para além de ocupar um espaço no tempo, o corpo tem uma linguagem própria que se institui antes do que entendemos por “falar” e que exprime, evoca e dispara uma profusão de marcas e conteúdos implícitos. Como diz Le Breton (2011) o corpo também é lugar de ancoragem das afetações filosóficas, históricas, econômicas, políticas, artísticas, psicológicas e culturais, ensejando diferentes formas de sociabilidade e espelhando a vida social de determinada sociedade.

Uma cultura que elegeu a juventude e seus signos, como ideal de beleza, torna na atualidade, a velhice ou as marcas corporais desse ciclo da vida, como se fossem vergonha ou deselegância. O olhar perscrutador sobre a aparência associado ao aval da ciência contribui para disciplinar as diferenças e prescrever padrões estéticos, definindo o que seria próprio e impróprio, adequado ou inadequado, normal ou anormal nesse momento da vida. O controle da aparência que o corpo deve apresentar pode ser revelado não somente na definição de características estéticas que devem ser adotadas e que começam a ser adotadas em uma pasteurização de gostos e costumes e profusão de intervenções e procedimentos, mas carregam julgamentos morais e significados sociais. Assim sendo, as práticas corporais voltadas para a eternização da juventude representam um mecanismo de regulação social

sobre o corpo do sujeito, ao mesmo tempo em que promovem a sua inclusão/exclusão identitária.

Os investimentos tecnocientíficos voltados à exacerbada valorização da juventude em oposição ao envelhecimento parecem, pretender por um lado, perenizar a vida na adultez, e por outro, erradicar ou afastar a morte. Tal qual a saturação da gordura, que é tida, atualmente, como uma questão de saúde pública, o envelhecimento e sua estreita relação com a decrepitude e a terminalidade da vida humana, talvez sejam os grandes desafios que a medicina tenta resolver ou pelo menos retardar. Esta luta contra a morte, a dor, o sofrimento e a finitude pode também ser compreendida como uma luta contra a própria condição humana e a finitude que a tem caracterizado.

4 MÉTODO

Este capítulo tratará da organização e dos procedimentos adotados no estudo e também apresentará aspectos da metodologia de pesquisa em representações sociais. Uma representação social se define através de dois componentes: por um lado o seu conteúdo, por outro lado a sua organização, isto é, sua estrutura interna, o campo da representação. Assim, não é apenas o conteúdo em si, mas a organização desse conteúdo que deve ser perscrutada. Tal organização se assenta sobre uma hierarquia entre os elementos constitutivos da representação, determinada pelo o que identificamos como núcleo central.

Assim sendo, o estudo das representações sociais, na perspectiva de Abric, exigirá que sejam utilizados métodos que objetivem de um lado identificar e desvelar os elementos constitutivos da representação, e do outro, conhecer a organização desses elementos e identificar o núcleo central da representação. Adotamos uma abordagem desenvolvida em dois tempos sucessivos e que permitiu a adoção de recursos de coleta e de análise que, por um lado, tem como objetivo aproximação com o objeto, e por outro, é uma tentativa de minimizar as dificuldades que são apresentadas pelos próprios participantes, quando oferecem suas respostas, como estratégias de autoproteção (CRUZ, 2006, p. 137).

A metodologia utilizada, tanto na coleta, quanto no tratamento dos dados, possibilitou o emprego de vários níveis de análise. Nesta abordagem, o pesquisador não se atém apenas aos conteúdos em si, em suas informações, ou em suas crenças e/ou atitudes. O percurso metodológico trilhado passou pela escolha de procedimentos, pela elaboração dos diversos instrumentos, pela organização da análise, pela apreensão de seu conteúdo até à representação. Para esta pesquisa, optamos por esta abordagem, por entendermos que a complexidade que conforma os sentidos de velhice e de envelhecimento e suas implicações nos processos identitários não seria tão prontamente apresentada.

A pesquisa foi realizada numa perspectiva qualitativa, com o propósito de permitir a compreensão e a interpretação do fenômeno social da velhice e do envelhecimento, a partir de uma concepção de sujeito compreendido no processo de interação com o outro e que enfatiza a centralidade do significado, por considerá-lo como produto da interação social. Este tipo de estudo se ocupa dos processos que permeiam as relações sociais e, ainda, possibilita fazer descobertas, identificar novos significados, numa perspectiva em que o conhecimento é constantemente construído (MINAYO, 1994).

Segundo Gaskell (2007) a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas. É explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão. Esta será nossa pretensão: compreender os sentidos das representações sociais de velhice e de envelhecimento e relacioná-los à construção das identidades.

Sob esta perspectiva adotamos um método com instrumentos e procedimentos metodológicos interdependentes (CRUZ, 2006), onde cada fase constituinte do estudo foi cuidadosamente submetida a uma organização prévia, uma vez que cada uma destas etapas se prestou a subsidiar a coleta e a análise da etapa seguinte. Quer dizer, em cada fase e etapa desenvolvida na pesquisa, fomos apreendendo o sentido das representações sociais de velhice e de envelhecimento, para na etapa subsequente buscar o refinamento e a precisão em relação aos resultados. Assim, esta metodologia agiu com o cuidado de testagem e/ou validação dos resultados em cada etapa da pesquisa, pelos participantes.

Descreveremos, a seguir, todos os procedimentos que foram adotados na pesquisa, com o propósito de oferecer visibilidade ao que foi construído. Inicialmente, apresentaremos a configuração dos grupos pesquisados e, em seguida, detalharemos toda a estrutura das duas fases, analisando as etapas e demonstrando o desenho pretendido e a dinâmica vivida no percurso do estudo.

4.1 OS CRITÉRIOS DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Quanto aos participantes da pesquisa, adotamos como critérios para a formação dos dois grupos, idosos e não idosos, a idade e a vinculação à UFPE ou à UnATI. Para a composição do grupo formado por idosos, os participantes precisavam ter idade igual ou superior a 60 anos e estar matriculados na UnATI. Na formação do grupo das pessoas não idosas, os critérios de inclusão foram ter idade entre 19 e 59 anos e estar vinculado a um curso de graduação da UFPE, podendo ser esta vinculação como discente ou docente. A adoção deste grupo funcionou como parâmetro de referência no cotejo com os sentidos construídos pelos idosos.

Na identificação dos participantes dos dois grupos escolhemos alguns marcadores que poderiam ter uma relação mais direta com as representações de velhice e de envelhecimento, quais sejam: sexo, idade e escolaridade.

No grupo formado pelos idosos a abordagem dos participantes se deu após o recebimento da relação dos cursos oferecidos pela UnATI, no primeiro semestre letivo de

2016, quando realizamos a visitação em cada um para fazer o convite para a participação e, consequente, agendamento das entrevistas. O grupo dos não idosos teve sua composição formada por estudantes de cursos da UFPE, bem como contamos com a participação de professores.

4.2 A CONSTRUÇÃO DOS DADOS: A COLETA E A ANÁLISE SIMULTÂNEA NAS DIFERENTES FASES

4.2.1 Primeira fase da pesquisa - Questionário de Associação Livre de Palavras (QALP)

Na primeira fase, objetivamos a identificação do universo semântico das representações de velhice e de envelhecimento nos dois grupos estudados. Admitindo que as representações de velhice e de envelhecimento se articulam à identidade, procuramos apreendê-las através de um sistema integrado composto pelas seguintes expressões-indutoras: *velho é..., o corpo do velho é..., envelhecer é..., meus familiares velhos são..., nós, velhos, somos...* Esta última expressão foi a única que diferiu no questionário de associação livre de palavras para o grupo formado pelos não idosos cuja expressão-indutora foi: *nós, quando formos velhos, seremos..., e, eles, os velhos, são...* (Apêndice A).

Na aplicação dos questionários, cada participante escrevia as suas associações nos espaços destinados. A instrução para o preenchimento do questionário foi dada coletivamente e/ou individualmente para que cada participante escrevesse nas linhas que se seguiam a cada expressão-indutora as quatro primeiras palavras ou frases que lhe viessem à cabeça, prontamente, depois de ler cada expressão-indutora. Esta é uma vantagem atribuída ao questionário de associação livre de palavras, precisamente por não permitir maiores racionalizações, pois a expressão-indutora, e a orientação para que se responda com o que logo venha à cabeça restringe dispersões, levando à diminuição das defesas por parte do sujeito.

Solicitou-se que apenas virassem a página que seguia às expressões-indutoras ao concluir a leitura e dadas as respostas. Na sequência estava a orientação para que retornassem às expressões-indutoras e atribuíssem um ordenamento para as respostas indicadas, atribuindo o número 1 para a palavra/frase mais importante e, assim por diante, em ordem decrescente até completar a hierarquização das quatro palavras/frases.

Esta hierarquização nos permitiu refinar a análise dos dados e aprofundar os sentidos que as palavras expressavam. Como resultado dessa construção dos dados, alcançamos na primeira fase a identificação do campo semântico das representações de velhice e de envelhecimento, após a análise acessamos a diferenciação entre as diferentes representações e pudemos mapear as representações sociais de velhice e de envelhecimento, juntamente com as características dos sujeitos integrantes dos dois grupos estudados. Na hierarquização os elementos constitutivos dessas representações permitiu localizar o núcleo central das representações. Na sequência, realizamos na 2ª etapa da pesquisa, as entrevistas que foram guiadas pelos estímulos que foram apresentados em um conjunto de cartelas com as respostas dadas pelos grupos para cada termo indutor e, então, cada entrevistada comentou livremente sobre suas impressões a respeito das respostas identificadas na primeira etapa da pesquisa.

4.2.2 Segunda fase da pesquisa: as entrevistas narrativas

Quando fizemos a aplicação do QAL no grupo formado pelos idosos, explicamos que haveria outra fase da pesquisa em que seriam entrevistados individualmente e aqueles que se dispusessem a participar indicassem seus números de telefone para que fossem convidados. Dos 60 integrantes do grupo dos idosos, 38 manifestaram interesse em continuar participando do estudo, sendo 37 mulheres e um homem. Os questionários destes 38 participantes foram separados dos demais e gerou-se uma lista com os seus números de telefone. Como estratégia de abordagem definimos que seriam feitas até três tentativas de contato para a realização das entrevistas individuais.

Vale destacar a dificuldade desse processo, pois nos deparamos com números de telefones errados, alguns outros que não atendiam, ainda que os três contatos tenham sido feitos em diferentes horários, outras pessoas com as quais conseguimos falar, apesar de manifestarem desejo de continuar participando da pesquisa, por motivos de saúde, própria ou de algum familiar, não puderam nos encontrar, outras pessoas ainda marcaram e remararam a entrevista várias vezes; e por fim, conseguimos 12 participantes para as entrevistas realizadas, todas do sexo feminino.

Nas entrevistas fizemos a apresentação das lâminas com o resultado obtido na primeira fase do estudo, a partir do software, e solicitamos que a entrevistada indicasse em cada uma das seis lâminas, nas duas colunas de palavras, as quatro palavras que ela julgasse mais

importantes, atribuindo a elas os números de 1 a 4, onde 1 seria a mais importante e 4 a menos importante. A seguir, o exemplo de uma das lâminas:

Lâmina síntese com os resultados da primeira fase do estudo:

VELHO É...

IDOSOS	NÃO IDOSOS
Experiência	Experiente
A estrada	Sabedoria
Carente	Amoroso
Ser feliz	Vida
Sabedoria	Frágil
Cabuloso	Alegre

Interessante foi perceber que quando havia um distanciamento entre palavras que apontaram na primeira fase da pesquisa e as palavras apresentadas nas lâminas, as participantes buscavam interpretar os seus sentidos e levantavam conjecturas e nesse movimento dialógico nos iam esclarecendo sobre a natureza simbólica dos conteúdos. Podemos dizer que isto imprimiu uma dinâmica à organização das análises e um direcionamento para a condução das entrevistas que discorreremos, a seguir.

No que se refere à dinâmica desta etapa da pesquisa, expusemos as lâminas, na mesma sequência em que as expressões-indutoras foram apresentadas, com os resultados da etapa anterior e as respectivas atribuições de níveis de importância pela entrevistada sobre a mesa e, solicitamos que discorresse sobre o que estava ali apresentado, entretanto, salientamos que houve variações no andamento das entrevistas, a partir da interação de cada participante com a pesquisadora e os diferentes ritmos na elaboração de seus argumentos. Algumas precisaram de mais estimulação, enquanto outras, a argumentação fluiu sem que fosse preciso haver interrupções, apenas com a mobilização das expressões-indutoras.

4.3 DIÁRIO DE CAMPO: COMPLEMENTO EM TODAS AS ETAPAS DE COLETA DOS DADOS

Como um recurso complementar de construção dos dados, utilizamos nas diferentes fases da pesquisa um diário de campo, onde fizemos o registro das observações e das impressões percebidas sobre a reação dos participantes ao entrarem em contato com os instrumentos usados para a coleta dos dados.

4.4 ANONIMATO, SIGILO DAS INFORMAÇÕES E CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS

O estudo foi avaliado de acordo com a Resolução CNS/MS nº 466/12, tendo sido submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE), onde lhe foi atribuído o CAAE nº 48715215.1.0000.5208 e após análise, recebeu parecer favorável ao seu desenvolvimento.

Nas diferentes fases da pesquisa foram tomados alguns procedimentos éticos, que puderam assegurar aos participantes o anonimato sobre as informações prestadas, firmando-se o compromisso explícito sobre o sigilo dos participantes.

Na primeira etapa da fase 1, antes da aplicação do questionário de associação livre de palavras, cada participante recebia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), com todas as informações sobre a pesquisa, os riscos e os benefícios previstos, as diversas fases que comporiam a pesquisa, a identificação completa da pesquisadora e da sua orientadora, os endereços da pesquisadora e do local de armazenamento e guarda do material gerado durante a pesquisa, e ao final do documento havia espaço para, se houvesse anuência, firmar a assinatura do participante, para só então dar-se início à aplicação do questionário.

Na segunda fase, na devolutiva dos resultados oriundos da etapa anterior e realização das entrevistas, reapresentou-se às participantes o TCLE assinado pela pesquisadora e participantes, e reiteramos a solicitação do consentimento delas para a gravação do áudio da entrevista.

4.5 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA E SEUS PARTICIPANTES

O campo de pesquisa foi composto por salas de aula na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), campus Recife, por salas de aula na Universidade Aberta à Terceira Idade/UFPE, e também por domicílios de alguns participantes da pesquisa, nos bairros de San Martin, Boa Viagem e Várzea, todos na cidade do Recife. Estes últimos locais foram escolhidos em atendimento à necessidade de contato com os participantes idosos e, ao mesmo tempo, para minimizar as dificuldades encontradas, cotidianamente, por alguns, na mobilidade em uma grande cidade.

A Universidade Aberta à Terceira Idade – UnATI é uma ação extensionista vinculada ao Programa do Idoso (PROIDOSO), da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que foi criada em setembro de 1996, por iniciativa de docentes do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, entre as quais estava a pesquisadora desta tese. A UnATI tem como finalidade a promoção e o incentivo de ações para melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas, entre estas a realização de cursos que facilitem a aquisição de novos conhecimentos e integração na sociedade contemporânea. Além disso, mobilizam docentes, técnicos, voluntários externos à Instituição e alunos de pós-graduação e graduação para a realização de cursos e outras atividades oferecidas ao segmento idoso. Representa, portanto, um espaço de convivência em grupo, com estímulo à participação ativa do idoso, valorização de suas potencialidades e talentos, além de se constituir em um espaço de prática e de *locus* na vida acadêmica para o estudo do envelhecimento, nas diversas áreas do conhecimento.

Os participantes do grupo dos não idosos foram abordados em seus ambientes escolares, ou seja, os participantes foram docentes universitários e estudantes do ensino superior em uma instituição pública que participaram da pesquisa e responderam ao questionário em seu ambiente de trabalho. Alguns, no intervalo de uma reunião, em aplicação do questionário em grupo; e outros, individualmente, em seus gabinetes, no local de trabalho. Os estudantes que integraram esse grupo foram abordados em suas salas de aula, em períodos cedidos pelos professores responsáveis, no início ou no final das aulas.

Os participantes do grupo dos Não idosos foram oriundos dos cursos de Terapia Ocupacional, Arquitetura e Urbanismo, Odontologia, Licenciatura em Música e Pedagogia, adotando-se o critério de disponibilidade em participar do estudo, quando convidado no ambiente da universidade. Os participantes que concordaram em participar do estudo no grupo dos Idosos estavam matriculados nos cursos de Ética e Cidadania, Automassagem, Laboratório da Memória, Alimentação Saudável e Sistema Digestório, Pintura e o de Tricô.

O grupo dos idosos na primeira fase da pesquisa foram contatados em grupo, em suas salas de aula na UnATI, e após apresentação da pesquisadora sobre o estudo e sobre a participação deles foi aplicado o questionário. Fizemos a recomendação que, após aquela fase e conseqüente análise, seria feito outro convite para a continuação da participação, e aqueles que se dispusessem a fazer parte das etapas posteriores que indicassem em seus questionários os telefones para o posterior contato.

4.6 AS IMPRESSÕES DO CAMPO: A APROXIMAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS COM OS PARTICIPANTES

O registro dos eventos que circunscreveram nossa entrada no campo serviu como um mediador para a compreensão das facilidades e dificuldades que os participantes apresentaram ao serem questionados sobre a velhice e o envelhecimento, e nos foram fundamentais para emprendermos a análise dos dados. Os eventos ocorreram em diversos planos, e apresentaremos uma síntese do que consideramos serem mais significativos.

Na primeira fase do estudo, o grupo dos não idosos demonstrou um maior estranhamento à temática da pesquisa, buscavam conferir se suas respostas estavam de acordo com o que a pesquisadora “queria”, quando tentavam justificar suas respostas: Alguns participantes, após a entrega do questionário respondido, continuavam a conversar sobre suas reflexões acerca da velhice, se referindo à própria quando chegasse e/ou a dos seus familiares. Este comportamento de estranhamento não foi verificado na situação de pesquisa com os participantes idosos. Diferentemente do grupo dos não idosos, não foi observado qualquer incômodo, nem preocupação em corresponder a alguma expectativa acerca das respostas apresentadas. Para esse grupo, algumas vezes foi reforçada a solicitação para que indicassem as palavras para cada expressão-indutora, pois aconteceu por diversas vezes, ao recolher o questionário ou em observação da pesquisadora durante o preenchimento, conferimos que os participantes não estavam seguindo as instruções oferecidas pela pesquisadora.

Na fase seguinte, com um grupo de mulheres idosas, cujo critério de seleção foi a participação em cursos da UnATI e a disponibilidade em conceder a entrevista, foi empreendido um tempo maior do que havíamos programado na elaboração do plano de pesquisa. Desde o contato por telefone, em que na maioria das abordagens precisamos escutar por um longo tempo a justificativa para a escolha do lugar onde se daria nosso encontro para a continuidade da participação delas no estudo, até conversas informais da vida que as participantes começavam a discorrer, a partir do nosso contato.

Os encontros para a realização das entrevistas foram individuais e aconteceram em alguns domicílios das próprias participantes, salas de aula em departamentos acadêmicos da UFPE e em lanchonetes no interior do campus da UFPE.

Se durante os contatos anteriores, na primeira fase da pesquisa e no contato telefônico, houve a necessidade de emprendermos uma aproximação com vistas ao estabelecimento de vínculo com as participantes da pesquisa, se tornou ainda mais importante a interação no

momento do contato individual, pois as mulheres idosas que compuseram a segunda fase do estudo demandaram da pesquisadora um tempo maior para que pudessem falar de suas trajetórias de vida familiar.

As entrevistadas não demonstraram nenhum desconforto por estarem sendo registradas suas falas em gravador de voz. Podemos inferir que a forma que as participantes se mostraram agradecidas e valorizadas ao final das entrevistas pode ser creditada ao vínculo criado entre elas e a pesquisadora, e ao crédito que atribuem a uma pesquisa acadêmica a quem associam o reconhecimento social que a universidade representa e que as escuta como protagonistas, como pode ser ilustrado nas seguintes falas:

Eu que digo obrigada por ter me ouvido...(Ent.6 – 70anos)

Foi minha a satisfação de participar, viu? Porque eu... assim... me acho até muito sem qualificação pra isso...(Ent.8 – 64anos)

[...] eu que agradeço, você me escutou... (Ent.2 – 75anos)

A seguir apresentaremos algumas características que compõem o perfil dos dois grupos pesquisados.

4.7 PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Na composição dos grupos tivemos 121 participantes, sendo 60 idosos e 61 não idosos, conforme apresentaremos nas tabelas 1 e 2:

Tabela 1 – Perfil dos participantes: faixa etária e gênero dos IDOSOS participantes

Faixa Etária	Gênero		Total de Sujeitos
	Feminino	Masculino	
60 a 64 anos	16	02	18
65 a 69 anos	14	02	16
70 a 74 anos	13	02	15
75 a 79 anos	09	-	09
80 a 84 anos	02	-	02
85 a 89 anos	-	-	
90 e +	-	-	
	54	06	60

Fonte: elaboração própria.

No que se refere à distribuição do grupo dos idosos por faixas etárias adotamos as referências utilizadas em estudos populacionais, como por exemplo os do IBGE, e teve-se a seguinte composição: 18 pessoas estavam na faixa compreendida entre 60 e 64 anos; 16

participantes entre 65 e 69 anos; entre 70 e 74 anos foram 15 idosos; 9 participantes na faixa compreendida entre 75 e 79 anos e dois participantes na faixa entre 80 e 84 anos.

Dos sessenta participantes que compuseram o grupo formado pelos idosos, 54 eram mulheres e seis homens e essa predominância feminina na composição do grupo se aproxima da distribuição por gênero na população idosa em geral, cujos dados do censo realizado em 2010 pelo IBGE (2014), indicam que para cada 100 mulheres na população havia 96 homens. Todavia, se observarmos a razão de sexo, que é a relação entre a quantidade de homens para cada grupo de 100 mulheres na população, tem-se que nos grupos etários até o grupo de 20 a 24 anos de idade, essa razão de sexo foi superior a 100, indicando que havia excedente de homens na população. Para as idades acima de 25 anos, o excedente passa a ser feminino, sendo que no grupo de 60 anos ou mais, a relação foi de 80 homens para cada 100 mulheres nesta faixa etária. Entre as capitais brasileiras, Recife foi a que registrou o maior excedente feminino, com razão de sexo de 58,1.

No que diz respeito à escolaridade o grupo dos idosos estava assim distribuído: 4 participantes com o ensino fundamental incompleto; também 4 participantes indicaram terem completado o ensino fundamental; com o ensino médio incompleto identificaram-se 3 participantes; com o ensino médio completo foram 28 participantes; com o ensino superior incompleto foram 2 participantes; 16 apontaram terem cursado o ensino superior completo e 3 participantes cursaram até o nível de pós-graduação, conforme apresentado na tabela a seguir:

Tabela 2 – Perfil dos participantes: escolaridade dos IDOSOS participantes

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	TOTAL DE SUJEITOS
Ensino Fundamental Incompleto	4
Ensino Fundamental Completo	4
Ensino Médio Incompleto	3
Ensino Médio Completo	28
Ensino Superior Incompleto	2
Ensino Superior Completo	16

Pós-Graduação	3
TOTAL	60

Fonte: elaboração própria.

Essa distribuição por todos os níveis de escolaridade desde o ensino fundamental incompleto até a pós-graduação traduz uma forte heterogeneidade presente no segmento populacional que adere às proposições de atividades oferecidas por uma instituição de ensino do tipo universidade aberta à terceira idade.

Considerando que o grupo dos idosos participante da pesquisa é formado de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos e, a maioria é formada por mulheres, convém destacar o contexto social e histórico em que se deu a sua escolarização, no século passado, sem a universalização do acesso, sobretudo, para as mulheres. Biasoli-Alves (2000), em estudo sobre as mudanças e as continuidades no papel da mulher, no contexto familiar brasileiro, aponta que as décadas de 30, de 40 e de 50 do século passado foram consideradas como uma transição entre a manutenção de valores, práticas e papéis presentes em diferentes camadas da população (as médias e as populares que foram tratadas no estudo citado) e a mudança na forma como a mulher passaria a ser considerada. Cabe situar que 19 mulheres desse grupo têm ensino superior, o que é incomum nessa faixa geracional.

O marcador social escolaridade no grupo dos não idosos foi assim distribuído: 45 participantes indicaram o nível superior incompleto; um participante o ensino superior completo e 15 participantes pós-graduação. Como os participantes desse grupo eram provenientes de cursos de graduação oferecidos pela UFPE, e a maioria composta pelo segmento dos discentes, isto vem resultar em um contingente maior de participantes que apontaram o nível de escolarização compatível com o ensino superior incompleto. A composição do grupo formado pelos não idosos foi de 61 participantes, sendo 50 mulheres e 11 homens e adotando-se as mesmas faixas etárias do IBGE, o grupo assim era composto: 6 participantes tinham até 19 anos; entre os 20 e 24 anos 31 participantes; 5 tinham idade entre 25 e 29 anos; 3 participantes entre 30 e 34 anos; 5 participantes tinham entre 35 e 39 anos; 1 participante estava na faixa entre 40 e 44 anos; 1 entre 45 e 49 anos e 9 participantes entre 50 e 54 anos.

Tabela 3 – Perfil dos participantes: faixa etária e gênero NÃO IDOSOS

Faixa Etária	Gênero		Total de Sujeitos
	Feminino	Masculino	
18 a 19 anos	06	-	06
20 a 24 anos	24	07	31
25 a 29 anos	04	01	05
30 a 34 anos	02	01	03
35 a 39 anos	03	02	05
40 a 44 anos	01	-	01
45 a 49 anos	01	-	01
50 a 54 anos	08	01	09
55 a 59 anos	-	-	-
	50	11	61

Fonte: elaboração própria.

Nas análises realizadas discutiremos para os dois grupos pesquisados, idosos e não idosos, o sistema integrado de expressões-indutoras que adotamos e qualificam as representações de velhice e de envelhecimento e as relacionam aos processos identitários.

4.8 CODIFICAÇÃO DO INSTRUMENTO, REGISTRO, TRATAMENTO DOS DADOS E ANÁLISE A PARTIR DOS QUESTIONÁRIOS DE ASSOCIAÇÃO LIVRE E A IDENTIFICAÇÃO DO UNIVERSO SEMÂNTICO DAS REPRESENTAÇÕES.

- a) Codificação do instrumento e registro em planilha: O trabalho consistiu em identificar cada questionário, nos dois grupos, e feita a codificação individual da qual constavam: o nome do participante, o sexo, telefone para contato, faixa etária e escolaridade (Apêndice A). Após a codificação dos dados em cada questionário, fizemos a digitalização em planilha Excel. Para cada QALP registramos em planilha excel as palavras associadas a outras, separadas por hífen, sem espaçamento entre elas, formando tabelas em que cada indivíduo constava em uma linha e as palavras dispostas em coluna. A listagem de palavras foi analisada, cuidadosamente, sucessivas vezes, tentando-se identificar as palavras de mesmo sentido que receberam diferentes registros, bem como pudemos localizar os erros na digitalização com objetivo de lançá-las no software de tratamento dos dados.
- b) O software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) é um software desenvolvido por Pierre Ratinaud, que,

[...] viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, desde aquelas bem simples, como a lexicografia básica (cálculo de frequência de

palavras), até análises multivariadas (classificação hierárquica descendente, análises de similitude) (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 515).

A escolha desse software se deveu ao fato do mesmo apresentar rigor estatístico e permitir que se utilizassem diferentes recursos técnicos de análise lexical na identificação do campo semântico. Esta etapa demandou intenso trabalho de preparação e cuidadosa atenção pelo grande número de palavras e a exigência do padrão de apresentação das palavras para inserção nas planilhas. A listagem das palavras foi submetida ao IRAMUTEQ, sendo o programa rodado para cada expressão-indutora, de cada um dos grupos. Cada planilha foi rodada várias vezes até que se chegasse a uma listagem adequada.

Alguns participantes não chegaram a preencher os quatro espaços que se seguiam às expressões indutoras e, nesses casos, a recomendação foi que dessem continuidade à tarefa, a partir da classificação das palavras registradas. Mesmo assim, alguns questionários foram entregues com espaços em branco ou com escrita incompreensível. Em algumas situações, alguns questionários foram entregues apenas com uma resposta para cada frase. Nesses casos, quando não houve disponibilidade para completar as respostas, estes foram excluídos do banco de dados.

Adotamos como critério para validar o instrumento aquele que contivesse, das 24 palavras solicitadas (quatro palavras para cada uma das seis expressões), pelo menos 20 palavras legíveis. Nessa fase da pesquisa tivemos 121 questionários respondidos que atenderam a esse critério de inclusão. Foram excluídos 19 questionários por não atenderem à instrução no que se refere ao quantitativo de palavras a serem associadas.

Num primeiro nível de análise, a partir dos questionários de associação livre foi realizada a identificação do universo semântico através da análise quantitativa de palavras evocadas como ilustra o Quadro 2 (pág. 89), e a posterior análise qualitativa, em que adotamos a classificação em categorias temáticas, de acordo com Bardin (2004). Conforme a similitude semântica que ocorria tivemos muito cuidado para que não operássemos interpretações, com possíveis antecipações de sentidos, uma vez que nessa fase a associação não tinha as explicações dadas pelos participantes. Isto significa, para nós, que a dispersão semântica, devido ao grande número de palavras associadas, poderia mesmo tendo o tratamento estatístico mascarar tendências ou desconsiderar sentidos.

Fizemos uma simplificação com a substituição de termos semelhantes ou que apresentassem o mesmo sentido daqueles atribuídos a outras palavras, com o objetivo de evitar que palavras de mesmo sentido se repetissem e, com isso, não tivessem relevância na análise prototípica que, por sua vez, considera importante a frequência com que as palavras aparecem. Sendo assim, não foram criadas categorias ou novas palavras para descrever os agrupamentos semânticos porque foram escolhidas aquelas com maior número de evocações, identificadas como palavras-chave. Quando aconteceu de não haver diferenças nesses quantitativos, optamos pelo termo que trazia maior clareza ao conjunto de palavras. Como forma ilustrativa, citamos alguns exemplos usados na primeira expressão “Velho é...”: selecionamos a palavra experiência como a palavra síntese para: *experiente, ser mais experiente na vida, fonte de experiência, mais experiente, vivência, ter muita experiência, ter experiência, maduro, maturidade, amadurecimento, experiência de vida, quem tem muita experiência*; sabedoria, no lugar de: *conhecimento, sábio, passar sabedoria aos outros*. Procedemos à substituição dessas palavras que guardavam sentidos semelhantes pelas palavras-chave na planilha Excel e após esse novo tratamento o material foi novamente rodado no software IRAMUTEQ. (APÊNDICE C)

Consideramos que a análise qualitativa realizada consolidou as tendências tratadas pelo software, pelo fato de conferir maior segurança à pesquisadora nas interpretações, e por ilustrar os sentidos capturados, devido à riqueza da língua portuguesa, seu movimento, suas expressões típicas de algumas gerações, e que nos auxiliaram a decifrar os sentidos subjacentes.

Na sequência, cada análise fatorial obtida na utilização do IRAMUTEQ, gerava uma representação gráfica, um plano fatorial, no qual podíamos identificar as diferentes representações e seus elementos constitutivos e, ainda, permitia a identificação de quem as construiu. Identificamos, ainda, qual o conteúdo consensual e quais as tendências e/ou diferenciações de sentidos que emergiam.

A análise que se seguiu demonstrou, graficamente, as palavras pertencentes ao núcleo central e ao sistema periférico das representações sociais de velhice e de envelhecimento. Sendo identificada a ocorrência dos termos evocados e a ordem da ocorrência das respostas registradas. O gráfico construído, a partir deste processamento, permitiu o estabelecimento de quatro quadrantes, representados num esquema figurativo, onde puderam ser identificadas: (a) no quadrante superior esquerdo, as evocações que, possivelmente, constituem parte do núcleo

central, (b) no quadrante inferior direito, as evocações que provavelmente pertencem ao sistema periférico, enquanto que as demais evocações são consideradas como intermediárias e merecedoras de interpretação dentro do contexto dos resultados encontrados.

Entre os elementos periféricos ocorreu o inverso, com as palavras evocadas com menor frequência e de pouca preferência. Os elementos intermediários apresentam variações nesses valores com as palavras contidas no quadrante inferior esquerdo tendo uma frequência de evocação inferior à frequência média das palavras e as mais preferidas, enquanto que o quadrante superior direito possui uma frequência maior que a frequência média, combinada com as evocações menos prioritárias.

A partir dos gráficos gerados para cada expressão-indutora, em cada um dos dois grupos estudados, construímos Lâminas formadas com as seis primeiras palavras que resultaram das evocações nos dois grupos, da seguinte forma: todas as palavras que apareceram no quadrante superior esquerdo, somadas as do quadrante superior direito e se, caso não totalizassem as seis palavras, seria completado com o número necessário das palavras localizadas no quadrante inferior direito. Todas as palavras foram consideradas em ordem decrescente de acordo com o que resultou do tratamento pelo software IRAMUTEQ.

4.9 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS, CAPTURA DO NÚCLEO CENTRAL DAS REPRESENTAÇÕES

As entrevistas objetivaram aprofundar os dados coletados na primeira fase da pesquisa e apurar os sentidos que surgiram. Na etapa 2, fizemos várias leituras do material produzido nas falas, com o intuito de encontrar o sentido dos conteúdos, comparando-os com os dados do QALP na captura do núcleo central. Procuramos, assim, ordenar a lógica que surgia em relação a cada expressão-indutora, decifrando então os conteúdos e seus sentidos, vendo a repetição, a sequência de evocação e capturando o núcleo central e os elementos periféricos das representações de velhice e de envelhecimento, a partir da hierarquização realizada pelas próprias entrevistadas e em articulação com as falas das entrevistas.

No tratamento das entrevistas, que foram longas, em média com duração de uma hora cada, realizamos pessoalmente as transcrições literais dos relatos o que demandou um tempo muito grande, pois a despeito do roteiro de entrevista ser objetivo e demarcado, as pessoas entrevistadas parecem ter sentido a necessidade de recuperar as suas trajetórias de vida. As respostas às perguntas foram marcadas por pausas e expressão de afetos o que tornou a tarefa

de transcrição intensamente laboriosa, pois o cuidado com este segmento não nos permitia durante as falas cortes ou aligeiramentos no sentido de objetivar questões.

Vale destacar que a pesquisadora criou intimidade com os dados, por meio da aplicação e da coleta de todos os questionários de associação livre, impregnando-se das falas das entrevistadas, como também ao realizar pessoalmente a transcrição de cada entrevista realizada.

Por fim, entretecemos os resultados entre as diferentes fases da pesquisa, selecionamos alguns extratos de falas que ilustram as análises e dialogam com os fundamentos teóricos do tema em foco.

5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesse capítulo será apresentado o conjunto dos resultados encontrados na pesquisa. Inicialmente os resultados relativos à *primeira fase do estudo*, com a identificação do universo semântico construído através da utilização do QALP, também discutiremos as similaridades, as oposições e a multiplicidade de fatores das construções, em relação aos dois grupos pesquisados. Em relação à *segunda fase do estudo*, analisamos os dados que apareceram na hierarquização dos elementos constitutivos das representações produzidas na fase precedente e analisaremos as entrevistas individuais que embasaram a identificação dos núcleos centrais e dos sistemas periféricos das representações de velhice e de envelhecimento e as implicações aproximadas em relação aos processos identitários. Procuramos cotejar alguns dos sentidos compartilhados de velhice e envelhecimento construídos pelo grupo de idosos com as referências de um grupo de não idosos. Em princípio, situamos que esse grupo de não idosos, por sua diversidade na composição foi adotado como estudo complementar da primeira etapa. Os dados produzidos por este conjunto de participantes nos permitiu compreender melhor alguns dos aspectos que foram levantados pelo grupo de idosos, sobretudo, as referências identitárias apresentadas pelo não idoso, o **outro** que também construiu referências sobre quem o idoso é.

A seguir, apresentaremos a análise dos dados de todas as fases da pesquisa.

5.1 PRIMEIRA FASE DE ANÁLISE DOS DADOS: MAPEAMENTO DO UNIVERSO SEMÂNTICO DAS REPRESENTAÇÕES DE VELHICE E DE ENVELHECIMENTO

Nessa fase da pesquisa procedemos ao mapeamento do universo semântico das representações sociais de velhice e de envelhecimento por idosos e por não idosos, a partir da análise do QALP. Inicialmente, identificamos as grandes tendências relativas às temáticas abordadas pelos participantes, a partir das palavras com as suas frequências de recorrência que foram associadas a cada expressão-indutora. Em seguida, identificamos as diferenciações entre as representações e analisamos os vários sentidos atribuídos pelos participantes dos dois grupos.

Quadro 2 - Quantitativo de Evocações de palavras produzidas pelos dois grupos pesquisados por expressão-indutora:

	IDOSOS	NÃO-IDOSOS	TOTAL VÁLIDO
Q1. VELHO É...	218	239	457
Q.2 O CORPO DO VELHO É...	202	241	443
Q.3 ENVELHECER É...	213	242	455
Q.4 MEUS FAMILIARES SÃO...	204	243	447
Q.5 NÓS VELHOS, SOMOS... *	205	244	449
Q.6 ELES, OS VELHOS, SÃO...	191	242	433
TOTAL DE PALAVRAS EVOCADAS	1.233	1.451	2.684

Fonte: elaboração própria.

5.1.1 Aproximações e tensionamentos nos processos identitários

A partir das expressões-indutoras *velho é...* e *envelhecer é...*, foi possível compreender as RS de *velhice*, e, relacioná-las à expressão-indutora *nós, velhos, somos...*, que permitiu o reconhecimento e diferenciação dos idosos.

A expressão-indutora *velho é* apresentou uma conotação positiva, nos dois grupos de participantes, embora também tenham sido observados elementos que indicam negatividade como discutiremos a seguir.

Quadro 3 - Palavras associadas pelos Idosos à expressão-indutora *velho é...*

Experiência	37	Paciente	8	Desgastado	4	Batalhador	3
A estrada	29	Capaz	7	Falta de movimentos	4	Respeitoso	2
Carente	19	Privilégio	5	O preconceito	3	Dádiva de Deus	2
Ser feliz	18	Ansioso	5	Amor	3	Conservador	2
Sabedoria	15	Aproveitar a vida que resta	5	Suas ideias	3	Lento	2
Cabuloso	12	Pessoa sem rumo	4	Amigo	3	Organismo de cada pessoa	2
Cuidadoso	9	Exemplo	4	Responsável	3		

Fonte: elaboração própria.

Total de palavras associadas: 218

Por um lado, a maioria das palavras associadas à expressão-indutora *velho é* traz elementos que relaciona a velhice como uma parte do ciclo de vida e da continuidade familiar num sentido positivo. Este sentido pode ser compreendido como a *naturalização do envelhecimento*, expressa pela alta frequência de palavras como *experiente, a estrada, sabedoria, privilégio, aproveitar a vida que resta, exemplo, amigo*. Por outro lado, aparecem também elementos que apontam na direção da preocupação com a *fragilidade e o medo da dependência* associados ao envelhecimento, a partir de palavras como *carente, pessoa sem rumo, desgastado, falta de movimentos* que indicam a faceta negativa atribuída à velhice.

No Quadro 4, os resultados encontrados no grupo dos não idosos, no qual aparece um número mais reduzido de variação de palavras, no entanto prevalecem as marcações de positividade e negatividade, porém, mesmo nos sentidos que apontam negatividade, a referência é a *naturalização do envelhecimento*.

Quadro 4 - Palavras associadas pelos Não Idosos à expressão-indutora *velho é*...

Experiente	49	Frágil	17	Antigo	11	Estereotipado	3
Sabedoria	36	Alegre	14	Solitário	5	Lento	3
Amoroso	35	Desgastado	13	Respeito	4	Última fase	3
Vida	27	Chato	12	Cansado	4		

Fonte: elaboração própria.

Total de palavras associadas: 239

Embora tenhamos identificado similaridade no que se refere ao tensionamento entre positividade e negatividade associados à velhice e ao envelhecimento, no grupo dos não idosos tanto os sentidos atribuídos à face positiva da velhice expressa nas palavras *experiente, sabedoria, amoroso, vida, alegre, respeito*, quanto o aspecto negativo de ficar velho nas palavras *frágil, desgastado, chato, antigo, solitário, cansado, estereotipado, lento e última fase*, se articulam à *naturalização da velhice e do envelhecimento* com um universo mais reduzido do repertório de designação.

As palavras mais recorrentes, *experiência, estrada, conhecimento, sabedoria*, estão em consonância com uma apreciação histórica do “valor” atribuído à velhice e ao seu significado

sociocultural ao longo do tempo. Mesmo a velhice tendo sido reconhecida como fonte de sabedoria, em alguns momentos e contextos, não houve a negação, paralelamente, da sua fragilidade, como pode ser ilustrado nas palavras *frágil, desgastado, cansado*.

Em função da frequência e da ordem de evocação, conforme exposto nas Tabelas 4 e 5, a análise estrutural das RS de velhice mostrou que os participantes idosos atribuem uma mesma característica à velhice: a *experiência*, sendo essa a palavra mais evocada para descrever os sentidos referentes ao ser velho. No grupo dos não idosos o sentido de ser *sábio* também integra o provável núcleo central, sugerindo uma forte associação entre a *experiência* e a *sabedoria* para designar essa fase da vida. Santos, Tura e Arruda (2011) encontraram resultados similares ao perscrutarem as representações sociais de pessoa velha por adolescentes.

A literatura sobre os sentidos construídos a respeito da velhice e do envelhecimento aponta diferenças e aproximações de significados entre diferentes grupos etários. Em estudos sobre representações compartilhadas por não idosos destacam-se conteúdos relacionados a perdas das funções corporais, objetivadas no surgimento de doenças, desgaste, enfraquecimento, incapacidades, dependência, fim, decadência, fragilidade e vulnerabilidade. Também integram essas representações aspectos psicológicos que são expressos em elementos como solidão, sofrimento e desânimo, além de elementos que remetem à relação e às condições de inserção dos idosos nos grupos sociais, traduzidos como discriminação social, abandono, perda de credibilidade, inadaptabilidade, desvalorização social, marginalização e passividade (TORRES, CAMARGO, BOUSFIELD, 2016; CAMARGO, CONTARELLO, WACHELKE, MORAIS, PICOLLO, 2014; SANTOS, TURA, ARRUDA, 2011).

A compreensão de que o envelhecimento traz experiência e sabedoria aos indivíduos é compartilhada pelas pessoas que representam o envelhecimento como um processo no qual as relações sociais (família e amigos) e o envolvimento com as práticas sociais completam a ideia de um momento exitoso no ciclo vital, em que experiência de vida produziu sabedoria diante da vida. Em grande parte das investigações empreendidas, os conteúdos de perdas, desgastes e desvalorização do sujeito que envelhece são contraditados com a experiência, a sabedoria e com o conhecimento conquistados com o envelhecimento, o que enseja uma relação em que sentidos de perdas e de desvalorização são atenuados e compensados por ganhos obtidos ao longo da vida (TORRES, CAMARGO, BOUSFIELD, SILVA, 2015; SANTOS, TURA, ARRUDA, 2011; GUERRA, CALDAS, 2010; MARTINS, CAMARGO,

BIASUS, 2009). Nas Tabelas 4 e 5, a seguir, os dados dos QALP tratados pelo software Iramuteq.

Tabela 4 - Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Velho é... pelo grupo dos IDOSOS

Núcleo Central	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Primeira Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Experiência	37	1,7	A estrada	29	2,4
			Carente	19	2,6
			Ser feliz	18	2,8
			Sabedoria	15	2,5
			Cabuloso	12	2,4
			Cuidadoso	9	3,2
			Paciente	8	2,8
Elementos contrastantes	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Segunda Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Capaz	7	2,3	Ansioso	5	2,6
Privilégio	5	2,2	Aproveitar a vida que resta	5	2,6
Pessoa sem rumo	4	1,5	Desgastado	4	3,2
Exemplo	4	2	Falta de movimentos	4	3,2
O preconceito	3	1,7	Amigo	3	2,7
Amor	3	2,3	Responsável	3	3
Suas ideias	3	2	Batalhador	3	2,7
Respeitoso	2	2	Conservador	2	3
Dádiva de Deus	2	2	Lento	2	3
			Organismo de cada pessoa	2	3

Fonte: elaboração própria.

Tabela 5 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Velho é... pelo grupo dos NÃO IDOSOS

Núcleo Central	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Primeira Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Experiente	49	1,8	Amoroso	35	2,7
Sabedoria	36	2,2	Vida	27	2,7
			Frágil	17	2,7
Elementos contrastantes	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Segunda Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Estereotipado	3	2,3	Alegre	14	2,6
			Desgastado	13	2,6
			Chato	12	3,4
			Antigo	11	2,5
			Solitário	5	2,8
			Respeito	4	2,5
			Cansado	4	3,2
			Lento	3	2,7
			Última fase	3	4

Fonte: elaboração própria.

Na análise estrutural das RS de velho em função da frequência e ordem de evocação, os resultados, das Tabelas 4 e 5, mostram que os idosos e os não idosos compartilham um sentido comum de velhice: a *experiência*, palavra mais evocada seguido da *sabedoria* que

também aparece como elemento do provável núcleo central da representação de velhice. Chama a atenção no grupo dos não idosos, uma valorização da experiência vivida pelas pessoas que envelhecem e o ganho proporcionado por esta trajetória de vida, objetivado no acúmulo da *sabedoria*.

A primeira periferia no grupo dos idosos reforça os sentidos do núcleo central, com os elementos que evidenciam a velhice como o resultado natural da acumulação de experiências ao longo do tempo, que são expressas nas palavras *a estrada, sabedoria, cuidadoso, paciente, vida*. Os sentidos de ser *carente e frágil* na primeira periferia do grupo dos não idosos também foram enunciados com uma frequência alta, o que nos revela um sentido negativo atribuído ao velho. Mesmo que atribuam positivamente a experiência ao velho, os não idosos enfatizam aspectos de vulnerabilidade que apresentam.

Na segunda periferia, encontramos outros sentidos compartilhados por idosos e por não idosos que se aproximam do que, para o senso comum, seja próprio da velhice: *desgastado, lento, conservador, antigo, falta de movimentos, cansado*, ou seja, uma faceta negativa da velhice que, não chegam a contradizer os sentidos positivos do núcleo central, porém, são denotativos da frágil valorização social que é reconhecida à experiência construída.

Ao ser confrontado com a expressão-indutora *o corpo do velho é*, o grupo dos idosos se assemelhou ao grupo dos não idosos na atribuição de sentidos em sua maioria negativos. No entanto, uma discreta positividade também foi observada nos dois grupos, como salientaremos, a seguir.

Quadro 5 - Palavras associadas pelos Idosos à expressão-indutora o corpo do velho é...

Frágil	35	Limitado	15	Precisa de cuidados	10	Belo	6
Saudável	23	Dolorido	13	Depende da pessoa	10	Perda da mocidade	4
Enrugado	22	Deformado	13	Enrijecido	9	Não aceito	3
Cansado	16	Experiente	11	Doente	8	Insônia	2

Fonte: elaboração própria.

Total de palavras associadas: 202

Quando foram solicitados a apresentar como se daria a inscrição da velhice no corpo da pessoa que envelhece, a partir da associação de palavras, os idosos nos forneceram elementos que permitiram estabelecer uma conexão com a dimensão biológica da velhice que

foi expressa nas palavras *frágil, saudável, enrugado, cansado, limitado, dolorido, deformado, precisa de cuidados, enrijecido, doente, insônia*.

Quadro 6 - Palavras associadas pelos Não Idosos à expressão-indutora o corpo do velho é...

Frágil	101	Saudável	26	Limitado	10	Sabedoria	2
Marcado	39	Doente	12	Feio	10		
Velho	26	Diferente	11	Bonito	3		

Fonte: elaboração própria.

Total de palavras associadas: 241

As associações nos dois grupos nos remetem às transformações corporais próprias do processo de envelhecimento, o que se articula com a tematização da *naturalização do envelhecimento*, só que desta feita, num sentido negativo, explicitado nas palavras *frágil, enrugado, cansado, limitado, dolorido, deformado, enrijecido, doente, marcado, velho, diferente, precisa de cuidado*. Nuances positivas relacionadas aos sinais no corpo também foram expressas pelos dois grupos e apareceram nas palavras *saudável, experiente, belo, bonito, sabedoria*.

Tabela 6 – Representações Sociais de corpo na velhice a partir da expressão-indutora O corpo do velho é... pelo grupo dos IDOSOS

Núcleo Central	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Primeira Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Frágil	35	2,1	Saudável	23	2,4
Enrugado	22	2,3	Cansado	16	2,4
Limitado	15	2	Deformado	13	2,6
Dolorido	13	2			
Elementos contrastantes	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Segunda Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Precisa de cuidados	10	2,2	Experiente	11	2,6
Depende da pessoa	10	2,3	Doente	8	2,6
Enrijecido	9	2,2	Belo	6	2,7
Perda da mocidade	4	2,2	Não aceito	3	2,7
			Insônia	2	4

Fonte: elaboração própria.

Tabela 7 – Representações Sociais de corpo na velhice a partir da expressão-indutora O corpo do velho é... pelo grupo dos NÃO IDOSOS

Núcleo Central	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Primeira Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Marcado	39	2	Frágil	101	2,6

Velho	26	2,3	Saudável	26	2,5
Elementos contrastantes	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Segunda Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Diferente	11	2	Doente	12	3,6
Limitado	10	2,3	Feio	10	3,1
			Bonito	3	2,7
			Sabedoria	2	4

Fonte: elaboração própria.

Nos dois grupos, em função da frequência e ordem de evocação, os resultados, conforme Tabelas 6 e 7, mostram que os idosos, distintamente dos não idosos, enfatizam um sentido de fragilidade do corpo para qualificar a experiência corporal da velhice e do envelhecimento. A limitação e as marcas corporais também estão presentes como elementos constitutivos do núcleo central, sugerindo uma marcação negativa no que se refere à inscrição corporal da velhice. Para os não idosos, a condição de ser frágil deixa de ser definidora do núcleo central, e expressa o corpo marcado como consequência natural de ser velho.

Na primeira periferia, identificamos os sentidos de ser frágil, no entanto, outros elementos evidenciam a possibilidade da coexistência com uma forma saudável de vida, presente na palavra *saudável*, apontada na primeira periferia dos dois grupos.

A segunda periferia aponta outros sentidos compartilhados em comum por idosos e por não idosos que se aproximam do que, para o senso comum, seja próprio do que se espera de um corpo envelhecido, doente e, também, anuncia um tensionamento entre aspectos em oposição de acordo com o grupo: enquanto os idosos se veem *experiente, belo, não aceito, insônia*, entre os não idosos predomina que o corpo velho além de *doente é feio*.

Nos elementos contrastantes, o corpo envelhecido é *diferente, enrijecido, perda da mocidade*. Para os não idosos o corpo é *limitado*. No entanto, para os idosos ao dizerem que o corpo *precisa de cuidados e dependa da pessoa*, eles nos dizem que o envelhecimento é um processo singular, portanto, subjetivo. A velhice e o envelhecimento vão sendo construídos de acordo com a história de vida de cada sujeito.

Do ponto de vista da genética, o envelhecimento é um processo de transformações universais determinadas para a espécie humana e para cada indivíduo, porém, a forma como este processo vai se desenvolver, em que ritmo, por quanto tempo irá se prolongar, e quais os seus efeitos estará na dependência das diferenças individuais e dos grupos etários, que por sua vez, estarão sob a influência de eventos de natureza genético-biológica, dos aspectos psicológicos e da interação social e histórico-cultural do sujeito que envelhece.

Diante da expressão indutora *envelhecer é...* os participantes dos dois grupos confirmaram mais uma vez o envelhecimento como um processo natural do desenvolvimento do ciclo de vida. Também aparece nas evocações dos dois grupos um antagonismo entre as dimensões positivas e negativas desse processo.

Quadro 7 - Palavras associadas pelos Idosos à expressão-indutora envelhecer é...

Sabedoria	33	Experiência	9	Recomeçar	5	Ter paciência	4
Viver	28	Privilégio	7	Ter coragem	5	Tentar ser ético	4
Ser feliz	20	Aceitação	6	Recordar	5	Uma doença	3
Com saúde	17	Ruim	6	Amar sem limites	5	Hora de partir	3
Dom de Deus	13	Vencer desafios	6	Perder a mocidade	4	Tristeza	2
Natural	12	Maravilhoso	5	Ter acompanhamento médico	4	Ser esquecido por parentes	2

Fonte: elaboração própria.

Total de palavras associadas: 213

No grupo dos idosos os sentidos partilhados sobre o envelhecimento indicaram uma positividade no que tange à sua naturalização, que foram expressos nas palavras *viver, com saúde, dom de Deus, natural*, contudo, outra dimensão que sugere prazer e contentamento com esta etapa também compõe esses sentidos positivos do envelhecimento e que foram objetivados nas palavras *sabedoria, ser feliz, experiência, privilégio, maravilhoso, amar sem limites*, além de aspectos resilientes como *vencer desafios, recomeçar, ter coragem*.

Por outro lado, uma faceta negativada do envelhecimento também esteve presente nas evocações desse grupo, e que é traduzida nas palavras *ruim, perder a mocidade, uma doença, tristeza e ser esquecido por parentes*. E por último, foram identificados elementos que expressaram uma ligação entre a constatação do envelhecimento e a proposição de atuar singularmente, ou seja, viver o próprio envelhecimento com autonomia e controle, nas palavras *ter acompanhamento médico, ter paciência, tentar ser ético*.

Quadro 8 - Palavras associadas pelos Não Idosos à expressão-indutora envelhecer é...

Viver	76	Doloroso	17	Amar	7	Adoecer	4
Amadurecer	73	Ficar frágil	9	Difícil	7	Morrer	3

Bom	24	Privilégio	8	Desafio	5	Paciência	3
-----	----	------------	---	---------	---	-----------	---

Fonte: elaboração própria.

Total de palavras associadas: 242

Entre os participantes não idosos, de forma distinta dos participantes idosos o universo semântico relativo ao envelhecer é de *finitude*. As associações ao envelhecimento expressam a positividade nas palavras *viver, amadurecer, bom, privilégio, amar e paciência*, e a negatividade pontuada nas palavras *doloroso, ficar frágil, difícil, desafio, adoecer e morrer*. Nas Tabelas 8 e 9, os resultados do universo semântico do envelhecer tratado pelo software Iramuteq.

Tabela 8 – Representações Sociais de envelhecimento a partir da expressão-indutora Envelhecer é... pelo grupo dos IDOSOS

Núcleo Central	Freq.	O.I.	Primeira Periferia	Freq.	O.I.
Sabedoria	33	2,1	Viver	28	2,6
Com saúde	17	2,1	Ser feliz	20	2,5
Dom de Deus	13	1,8			
Natural	12	2,2			
Experiência	9	2,3			
Elementos contrastantes	Freq.	O.I.	Segunda Periferia	Freq.	O.I.
Aceitação	6	1,8	Privilégio	7	2,4
Maravilhoso	5	1,4	Ruim	6	3
Recomeçar	5	2,2	Vencer desafios	6	3
Perder a mocidade	4	2,2	Ter coragem	5	2,8
Uma doença	3	2,3	Recordar	5	2,6
Tristeza	2	2	Amar sem limites	5	3,2
			Ter acompanhamento médico	4	3,2
			Ter paciência	4	2,5
			Tentar ser ético	4	3
			Hora de partir	3	3
			Ser esquecido por parentes	2	3

Fonte: elaboração própria.

Tabela 9 – Representações Sociais de envelhecimento a partir da expressão-indutora Envelhecer é... pelo grupo dos NÃO IDOSOS

Núcleo Central	Freq.	O.I.	Primeira Periferia	Freq.	O.I.
Viver	76	2,3	Amadurecer	73	2,6
Bom	24	2,3			
Elementos contrastantes	Freq.	O.I.	Segunda Periferia	Freq.	O.I.
Ficar frágil	9	2,2	Doloroso	17	2,9
Privilégio	8	1,5	Amar	7	3,1
Desafio	5	2,2	Difícil	7	3,3
Morrer	3	2,3	Adoecer	4	4,3
			Paciência	3	4

Fonte: elaboração própria.

Nos achados, registrados nas Tabelas 8 e 9, o sentido mais representativo do núcleo central foi o da naturalização do envelhecimento relacionado às palavras *natural* e *viver*, no qual identificamos o reconhecimento dos sujeitos quanto ao processo do envelhecimento como consequência esperada de uma existência duradoura. Outra dimensão se soma à naturalização do envelhecimento, que é o *prazer* e o *contentamento* expresso pelos idosos compondo a positividade do envelhecimento e um novo sentido proativo. Na primeira periferia do grupo dos idosos as palavras *viver*, *ser feliz* e *amadurecer* reforçam o sentido do prazer. Na segunda periferia, no grupo dos idosos, o envelhecimento é negativo nas palavras *doloroso*, *difícil*, *adoecer*, *ter paciência*. Algumas palavras presentes na segunda periferia do grupo dos idosos como *ser esquecido por parentes* sugeriram que os idosos temem a exclusão social em face dessa imagem negativa que reconhecem que os outros experimentam sobre seu envelhecimento.

Nos elementos contrastantes, os achados sugerem entre os idosos naturalização do envelhecimento: *aceitação*, *maravilhoso*, *perder a mocidade*, *tristeza* que indicam a admissibilidade do processo de envelhecimento como parte constitutiva do desenvolvimento humano, enquanto os não idosos mesmo apresentando o envelhecimento como *privilégio* apenas reconhecem a *fragilidade*, o *desafio* e *morrer* como aspectos mais reforçadores do envelhecimento.

Na captura dos sentidos atribuídos à velhice e ao envelhecimento do outro, que não a referência à própria velhice e ao próprio envelhecimento, os participantes têm a possibilidade de expressar suas opiniões sem a necessidade de se implicarem completamente nelas, uma vez que a fala traz consigo a “proteção” de ser algo referido ao outro, eximindo dessa maneira, a expectativa de corresponder normativamente ao que se julgue desejável que se represente sobre o objeto. Essas crenças puderam ser capturadas na identificação do universo semântico das representações sociais sobre a identidade na velhice a partir das expressões-indutoras *meus familiares velhos são... / eles, os velhos são...*

Quadro 9 - Palavras associadas pelos Idosos à expressão-indutora meus familiares velhos são...

Chatos	28	Trabalhadores	13	Velhos	8	Conformados	3
Parentes	24	Inteligentes	10	Amados	7	Diferentes de mim	2

Exemplos de vida	21	Experientes	9	Pacientes	7	Ligados a religião	2
Alegres	20	Doentes	9	Inativos	6	Saudáveis	2
Amigos	20	Carentes	8	Respeitados	3		

Fonte: elaboração própria.

Total de palavras associadas: 204

Ao referir-se aos velhos de sua família houve nos dois grupos positividade expressa nas palavras *exemplos de vida, alegres, amigos, trabalhadores, inteligentes, amados, amorosos, pacientes, respeitados e saudáveis*, porém a negatividade associada à velhice, adjetivada como *chatos*, aparece com forte evocação nos dois grupos.

Quadro 10 - Palavras associadas pelos Não Idosos à expressão-indutora meus familiares velhos são...

Alegres	25	Chatos	21	Parentes	10	Diferentes dos não velhos	3
Amorosos	23	Alvo de preocupações	20	Amigos	10	Dorminhocos	2
Sábios	23	Exemplos	17	Doentes	9		
Amados	22	Pacientes	15	Conservadores	5		
Ativos	21	Experientes	13	Esquecidos	3		

Fonte: elaboração própria.

Total de palavras associadas: 243

As Tabelas 10 e 11, a seguir, apresentam o universo semântico produzido à expressão-indutora *meus familiares velhos são* tratado pelo software Iramuteq.

Tabela 10 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Meus familiares velhos são... pelo grupo dos IDOSOS

Núcleo Central	Freq.	O.I.	Primeira Periferia	Freq.	O.I.
Parentes	24	2	Chatos	28	2,7
Alegres	20	2	Exemplos de vida	21	2,8
Amigos	20	2,1			
Trabalhadores	13	2,2			
Elementos contrastantes	Freq.	O.I.	Segunda Periferia	Freq.	O.I.
Inteligentes	10	1,6	Doentes	9	2,6
Experientes	9	2,1	Carentes	8	2,6
Amados	7	2,3	Velhos	8	3,1
Respeitados	3	1,3	Pacientes	7	3
Diferentes de mim	2	1	Inativos	6	2,7
			Conformados	3	3,3

Ligados a religião	2	3
Saudáveis	2	3

Fonte: elaboração própria.

Tabela 11 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Meus familiares velhos são... pelo grupo dos NÃO IDOSOS

Núcleo Central	Freq.	O.I.	Primeira Periferia	Freq.	O.I.
Amorosos	23	2,3	Alegres	25	2,9
Sábios	23	2,3	Chatos	21	2,8
Amados	22	2,4	Alvo de preocupações	20	2,6
Ativos	21	2,3	Pacientes	15	2,7
Exemplos	17	2,1			
Elementos contrastantes	Freq.	O.I.	Segunda Periferia	Freq.	O.I.
Experientes	13	1,8	Amigos	10	2,9
Parentes	10	2,3	Doentes	9	3,2
Esquecidos	3	2,3	Conservadores	5	3
Dorminhocos	2	2	Diferentes dos não velhos	3	34

Fonte: elaboração própria.

Nas Tabelas 10 e 11, o processo de atribuição de sentidos à identidade na velhice na expressão-indutora *meus familiares velhos são* apresentou, nos dois grupos, uma conformação positiva na composição do núcleo central das RS. As palavras *alegres, amigos, amorosos, amados*, reforçam os sentidos de afetividade que facilitam a interação social e as palavras *trabalhadores, ativos e exemplos*, apontam a dimensão da participação social que pode ser associada à expectativa de continuidade do desenvolvimento pessoal nessa fase da vida.

Na primeira periferia, além do reforço positivo que foi atribuído às dimensões afetivas e interacionais positivas presentes nas palavras *exemplos de vida, alegres e pacientes*, também identificamos sentidos que apontam negatividade nas palavras *chatos e alvo de preocupações*. Na segunda periferia além dos sentidos indicados nas palavras *doentes e carentes*, outros aspectos são enfatizados marcando a diferenciação entre si e o outro, como foi expresso nas palavras *velhos, conformados, ligados a religião, inativos, conservadores, diferentes dos não velhos*.

Nos elementos contrastantes dos dois grupos as palavras *inteligentes, experientes, amado, respeitados*, reforçam os sentidos positivos e de desejabilidade associados à velhice que possibilitam a continuidade das interações sociais e do desenvolvimento pessoal.

Quadro 11 - Palavras associadas pelos Idosos à expressão-indutora nós velhos somos...

Discriminados	22	Amados	16	Amigos	8	Exemplos da fé divina	3
---------------	----	--------	----	--------	---	-----------------------	---

Ativos	20	Carentes	14	Tristes	7	Doentes	3
Sábios	19	Impacientes	14	Gostamos de estudar	6	Avós	3
Maravilhosos	19	Sobreviventes	12	Pacientes	5	Não somos iguais	2
Experientes	17	Felizes	11	Cuidadosos	4		

Fonte: elaboração própria.

Total de palavras associadas: 205

O grupo dos idosos apontou elementos predominantemente positivos quando estimulados à atribuição de sentidos à velhice, referenciando-se ao endogrupo *nós velhos somos*, como pôde ser identificado nas palavras *ativos, sábios, maravilhosos, experientes, amados, felizes, amigos, gostamos de estudar, cuidadosos, sobreviventes, exemplos da fé divina, avós e não somos iguais*. O sentido negativo foi objetivado nas palavras *discriminados, carentes, impacientes, tristes e doentes*. A resiliência prevalece e mostra sua força na identidade positiva, a despeito da *discriminação* que experimentam.

Desde uma perspectiva ecológica do envelhecimento, em que se considera o processo de envelhecimento não apenas afetado pelos aspectos psicossociais, mas também pelas relações que as pessoas estabelecem com os seus contextos físico, social, histórico e cultural, estudo empreendido por González (2017) aponta um tensionamento existente nas RS do envelhecimento entre idosos na cidade do México. Por um lado, se as RS do espaço urbano em que vivem são positivas, e se esses espaços estão disponíveis para serem utilizados, existe uma associação entre participação social e envelhecer com qualidade de vida. Por outro lado, se as RS da cidade são negativas e ancoradas nas problemáticas urbanas, políticas e sociais, experimentadas cotidianamente, o envelhecimento foi representado com um sentimento generalizado de fragilidade que teve um impacto direto sobre a qualidade de vida na velhice. Este estudo apresenta resultados diferentes, porque apesar do contexto atual brasileiro em que vivem não favorecer as interações sociais, dadas as condições de dificuldade na acessibilidade, a violência urbana, as participantes apontam uma positividade relacionada com a participação social e a experiência de envelhecer com qualidade e prazer.

Quadro 12 - Palavras associadas pelos Não Idosos à expressão-indutora nós, quando formos velhos, seremos...

Ativos	45	Amorosos	15	Ultrapassados	8	Independentes	4
--------	----	----------	----	---------------	---	---------------	---

Experientes	41	Críticos	14	Diferentes do que somos hoje	6	Lindos	3
Sábios	38	Dependentes	11	Tristes	5	Algo que não posso saber agora	2
Alegres	35	Cansados	9	Gratos	4		

Fonte: elaboração própria.

Total de palavras associadas: 244

Em resposta à expressão indutora que colocou o grupo dos não idosos numa posição de se imaginar no futuro, quando estivessem velhos, foram identificados elementos similares ao que encontramos no autorreconhecimento dos velhos. O estranhamento apareceu nas palavras *diferentes do que somos hoje e algo que não posso saber agora*. Já para os aspectos negativos foram identificadas as palavras *dependentes, cansados, ultrapassados, tristes e críticos* que expressam a débil valorização dos não idosos em relação aos idosos.

Os dados apresentados à expressão “*Nós, velhos somos...*” e tratados pelo software Iramuteq são apresentados na Tabela 12 a seguir:

Tabela 12 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Nós velhos somos... pelo grupo dos IDOSOS

Núcleo Central	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Primeira Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Discriminados	22	2,3	Ativos	20	2,6
Sábios	19	2,2	Impacientes	14	2,4
Maravilhosos	19	2,2			
Experientes	17	2,3			
Amados	16	2,2			
Carentes	14	2,3			
Sobreviventes	12	2			
Felizes	11	2,3			
Elementos contrastantes	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Segunda Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Gostamos de estudar	6	2,2	Amigos	8	3,1
Cuidadosos	4	2,2	Tristes	7	3
Exemplos da fé divina	3	1,3	Pacientes	5	3
Doentes	3	2	Avós	3	2,7
			Não somos iguais	2	3,5

Fonte: elaboração própria.

O autorreconhecimento dos idosos como sujeitos marcados pela *discriminação* nos sugere um sentido de desvalorização social, a despeito de uma *sabedoria* proporcionada pela *experiência* acumulada ao longo dos anos. Mesmo assim, atitudes resilientes levam o idoso e

seu grupo a se reconhecerem valorizados no plano afetivo como *maravilhosos, amados, sobreviventes, felizes*.

De acordo com Albuquerque (2017), se até as décadas de 60 e 70 do século passado era notório que existia um valor, uma deferência às gerações mais antigas, recentemente pela velocidade que comanda o ritmo dos acontecimentos em nossa sociedade predomina o sentido do descartável e o que o velho diz não tem mais nenhum sentido. Assim, o referencial da *experiência* não faz mais sentido frente ao presente, então o idoso é descartado junto com a sua *experiência*. Se o velho tinha um *saber*, e isso valia para compreender o tempo presente, então, ele era respeitado, no momento em que esse *saber* não se constitui mais como uma ferramenta de compreensão/explicação desse novo tempo, com tantas informações e tecnologias, em que tudo cai em obsolescência. O velho está *ultrapassado*, porque o que ele sabe, a sabedoria dele não vale, e não possuindo as ferramentas necessárias para pertencer ao contexto, pode sentir-se exilado no passado e deslocado no presente.

Em relação aos não idosos, quando estimulados com a frase indutora *nós, quando formos velhos, seremos...* os dados foram também tratados pelo Iramuteq e geraram a Tabela 13:

Tabela 13 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Nós, quando formos velhos, seremos... pelo grupo dos NÃO IDOSOS

Núcleo Central	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Primeira Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Ativos	45	2,4			
Experientes	41	1,9			
Sábios	38	2,2			
Alegres	35	2,5			
Elementos contrastantes	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Segunda Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Gratos	4	2,5	Amorosos	15	2,6
Algo que não posso saber agora	2	2,5	Críticos	14	3,4
			Dependentes	11	3,3
			Cansados	9	3
			Ultrapassados	8	2,8
			Diferentes do que somos hoje	6	3
			Tristes	5	3,2
			Independentes	4	3,5
			Lindos	3	3,2

Fonte: elaboração própria.

O autorreconhecimento dos não idosos quando chegarem à velhice é positivo e está apresentado no núcleo central através das palavras *ativo, experiente, sábio e alegres*. A

exclusão e discriminação do outro contrasta com a auto-valorização de si e do seu grupo. A faceta positiva apresentada na segunda periferia se reconhecendo que serão velhos *amorosos, independentes, lindos* se antagoniza com o sentido de *cansados, ultrapassados, tristes*, o que certamente trata a velhice com referência aos velhos que conhece hoje.

Numa outra expressão, *eles, os velhos são*, respondida pelos dois grupos nos mobiliza a reflexão acerca dos sentidos compartilhados sobre a velhice, construídos no distanciamento do envolvimento com a situação. No Quadro 13, o que os velhos associaram:

Quadro 13 - Palavras associadas pelos Idosos à expressão-indutora eles, os velhos, são...

Chatos	37	Sábios	10	Metidos a jovem	6	Merecem respeito	3
Carentes	29	Doentes	10	Terceira idade	6	Religiosos	2
Experientes	26	Tristes	10	Trabalhadores	4		
Amigos	12	Curiosos	7	Descuidados	3		
Alegres	11	Privilegiados	6	Desrespeitados	3		

Fonte: elaboração própria.

Total de palavras associadas: 191

Os dois grupos pesquisados apresentaram similaridade nos elementos que indicaram uma negatização dos sentidos atribuídos à identidade de ser velho, pois ao serem confrontados com a expressão indutora **eles, os velhos, são...** apresentaram as palavras *chatos, carentes, doentes, tristes e desrespeitados*. Quando se referem ao exogrupo, *eles, os velhos são*, o grupo de idosos experimentou a liberdade de dizer palavras negatizadas da condição de velhice ou mesmo, como acredita que os outros encaram a velhice, porém estes referentes não se adéquam à sua condição. No que corresponde ao sentido positivo, o grupo dos idosos indicou uma maior diversidade de repertório linguístico expressa nas palavras *experientes, amigos, alegres, sábios, curiosos, privilegiados, trabalhadores e merecem respeito*, enquanto no grupo dos não idosos, as palavras que trouxeram o sentido positivo de ser velho na velhice foram *experientes, carinhosos, sábios e felizes*.

Quadro 14 - Palavras associadas pelos Não Idosos à expressão-indutora eles, os velhos são...

Experientes	48	Felizes	24	De outro tempo	7	Diferentes entre si	4
Carinhosos	35	Chatos	19	Doentes	6	Místicos	2

Sábios	34	Desrespeitados	12	Tristes	6		
Carentes	25	Seres humanos	10	Temerosos	4		

Fonte: elaboração própria.

Total de palavras associadas: 242

Tanto no grupo dos idosos quanto no grupo dos não idosos, identificamos alguns elementos ambíguos indicadores simultâneos de positividade ou negatividade e que se relacionam aos processos identitários na velhice expostos nas palavras *metidos a jovem*, *terceira idade e religiosos* no grupo dos idosos e *seres humanos, de outro tempo, diferentes entre si e místicos*, no grupo dos não idosos. Ao se referirem aos outros, o exogrupo, os participantes nos dizem sobre o que eles não são ou não querem ser, ou ainda, como acreditam que a sociedade atribui a este segmento. Entretanto, ao se referirem aos outros, simultaneamente, negam atributos representados como pertinentes à velhice, mas que não veem como exclusivos da velhice, tais como a religiosidade e o misticismo.

Na análise da frase “*Eles, os velhos são...*”, os resultados com o universo semântico das respostas tratado pelo software Iramuteq foram apresentados nas Tabelas 14 e 15:

Tabela 14 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Eles, os velhos são... pelo grupo dos IDOSOS

Núcleo Central	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Primeira Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Experientes	26	1,8	Chatos	37	2,5
Amigos	12	2,2	Carentes	29	2,4
			Alegres	11	2,4
Elementos contrastantes	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Segunda Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Privilegiados	6	2	Sábios	10	2,6
Metidos a jovem	6	2	Doentes	10	2,8
Descuidados	3	2	Tristes	10	2,5
Desrespeitados	3	1,7	Curiosos	7	2,9
Merecem respeito	3	1,3	Terceira idade	6	2,5
Religiosos	2	1	Trabalhadores	4	2,5

Fonte: elaboração própria.

Tabela 15 – Representações Sociais de velhice a partir da expressão-indutora Eles, os velhos são... pelo grupo dos NÃO IDOSOS

Núcleo Central	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Primeira Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Experientes	48	2,1	Carentes	25	3,3
Carinhosos	35	2,4	Chatos	19	3,1

Sábios	34	2,3			
Felizes	24	2,2			
Elementos contrastantes	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>	Segunda Periferia	<i>Freq.</i>	<i>O.I.</i>
Desrespeitados	12	2,2	Doentes	6	2,5
Seres humanos	10	2,1	Dinâmicos	6	3,3
De outro tempo	7	2	Tristes	6	3,2
			Temerosos	4	2,8
			Diferentes entre si	4	2,5
			Místicos	2	3

Fonte: elaboração própria.

Ao responderem ao estímulo *Eles, os velhos são...*, os dois grupos trazem um sentido novo à representação social de velhice relacionado à religiosidade, traduzido nas palavras *religiosos* e *místicos*. O que nos provocou a indagar sobre o que ocorre nesse entardecer da vida que encaminha o sujeito a outra dimensão que não seja a material. Embora eles estejam sintonizados com as novas aprendizagens, pareceu-nos que a velhice leva os idosos a se ligarem ao transcendente, tanto eles próprios, quanto os não idosos também dizem dessa religiosidade.

De acordo com Baker e Nussbaum (1998), a espiritualidade é um fenômeno natural que acompanha o processo de desenvolvimento e de envelhecimento. Trata-se de um recurso interno do sujeito que pode ser utilizado através do contato com a natureza, com as artes, com a experiência de doação de si ou com o engajamento em causas que visam ao bem coletivo. A espiritualidade remete a uma questão universal relacionada ao significado e ao propósito da vida. A noção de espiritualidade diferencia-se da religião. As religiões possuem um código de ética que rege o comportamento e dita os valores morais; contemplam a relação entre o homem e o poder sobre-humano no qual ele acredita ou do qual se sente dependente. A espiritualidade não implica, necessariamente, na crença em um deus judaico, cristão, islâmico, e a crença em um deus não constitui *per si* a espiritualidade (GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2005).

Os resultados obtidos nessa pesquisa corroboram Gutz e Camargo (2013), ao verificarem que a espiritualidade foi representada como uma dimensão importante da existência humana, sendo que na velhice ela aparece vinculada ao enfrentamento de situações do cotidiano e como fonte de preparação para a morte. Ao considerar a exploração, por parte das idosas, das capacidades adaptativas e de reserva na velhice, segundo o modelo de envelhecimento bem-sucedido, a espiritualidade aparece entre as participantes deste estudo

como recurso de enfrentamento diante de situações de perdas e mudanças e como mecanismo de preparação para a morte que sabem ser inevitável.

A espiritualidade e o envolvimento com religiões parecem um reforço à continuidade da vida no senso de definir propósitos e sentidos à vida, objetivados em uma maior capacidade do sujeito para atender de forma positiva às demandas do cotidiano na velhice. Na fala das participantes da pesquisa, suas crenças e tradições religiosas nos apontam para a busca de uma explicação e um enfrentamento dos problemas que acompanham o processo de envelhecimento e o confronto com o limite da vida humana,

[...] eu sou assim... não sei se é por causa da doutrina... quando a coisa chega no nosso conhecimento é porque a gente tem condição de resolver, aí quando eu num posso... me aguarde, eu fico agoniada, fico perguntando como é que faz pra resolver, quando a pessoa me diz aí eu sinto que eu posso resolver, deixa que eu desenrolo... eu sou assim... (Ent.7 – 71 anos)

[...] Do envelhecimento... é assim... é assim eu não tenho medo de envelhecer, medo de morrer, agora eu só queria assim, quando adoecer ir logo... (Ent. 2 – 75 anos)

[...] eu me cuido, sigo a tradição espírita, sei que quando eu tiver de partir, o corpo tem aquele prazo né? Pronto... aí, dormindo, acordado, na rua, onde for... a hora chegada vai mesmo... aí pronto.(Ent.7 – 71 anos)

[...] Não tenho medo da morte, a hora que ela chegar, ela chega muito bem pra mim! Isso eu digo desde jovem e num é agora de velha que eu digo isso, nunca tive medo da morte, eu acho que eu vim pra realizar alguma coisa na terra, quando Deus ver que eu realizei... chegou minha hora de partir. (Ent. 5 – 76 anos)

Os resultados se assemelham aos de Santos et al. (2013) e aos de Gutz e Camargo (2013), ao investigarem pessoas idosas sobre o papel desempenhado pelas crenças religiosas no enfrentamento das transformações provocadas pelo envelhecimento. As participantes de diferentes contextos nos dizem que são utilizados recursos cognitivos, emocionais e sociais para lidar com essas transformações. As crenças compartilhadas entregam ao divino as decisões cruciais da existência, suaviza os medos e fortalece o seu enfrentamento. A certeza da finitude humana sugere uma entrega total ao outro divino, diante da impotência frente à morte, por exemplo.

As entrevistas, a seguir detalhadas, complementaram os sentidos de velhice e de envelhecimento apresentados nos resultados da fase 1 da pesquisa e recortes das falas das participantes ilustram os sentidos compartilhados que conseguimos acessar.

5.2 SEGUNDA FASE DA ANÁLISE DOS DADOS: SENTIDOS DO ENVELHECIMENTO E DA VELHICE

Na organização dos resultados, na tentativa de aprofundar a compreensão conjugamos os questionários com as entrevistas e identificamos três grandes blocos temáticos: **a naturalização do envelhecimento como ciclo de vida, continuidade familiar e finitude; os medos do envelhecimento e o enfrentamento resiliente desses medos; o cuidado de si.** Embora o foco fosse compreender os sentidos da velhice e do envelhecimento, as representações sociais desses objetos sociais se entrecruzaram como um *sistema representacional* por outros objetos sociais (MOSCOVICI, 2009; CRUZ, 2006) que emergiram quando os participantes foram estimulados pelas expressões: *o corpo do velho é; nós velhos somos; eles velhos são* e a tematização de gênero que não foi estimulada e se apresentou como um marcador das mulheres idosas e articula a questão de gênero ao processo de envelhecimento e à velhice, tanto nos medos e seus enfrentamentos, quanto no cuidado de si.

5.2.1 A naturalização do envelhecimento, como ciclo de vida, continuidade familiar e finitude.

O primeiro bloco temático, a *naturalização do envelhecimento* foi apresentado no conjunto dos resultados e tem o sentido de ciclo de vida, continuidade familiar e finitude. Este sentido apareceu objetivado na *sabedoria* e ancorado nas *experiências* vividas que traduzem o valor atribuído à existência e à construção de vínculos, à construção de sua continuidade pela descendência, ao mesmo tempo em que os velhos reconhecem sua finitude e expressam tranquilidade diante da morte. Em grande medida depreende-se na análise dos questionários de associação livre um sentido positivo atribuído ao envelhecimento, avaliação confirmada na fase das entrevistas e que pode ser ilustrado na fala de uma participante, quando descreve sua trajetória de vida. A participante foi tecendo suas relações interpessoais vividas e analisa como experimenta os resultados de suas escolhas, a alegria de sua continuidade e, nesse processo de reflexão, nos diz que, além da compreensão da vida como um processo finito antevê a morte como parte indissociável da vida:

[...] aí vem o quê, a parte é... boa também... que é o quê... a família, os netos, tá entendendo? Porque aquilo tudo ali é alegria, alegria de um idoso é ele ter a felicidade de ter netos, de chegar ater bisnetos, não é? E ser acariciado, ir pra festinha de aniversário, ser bem quisto por eles e por outras pessoas mais... A gente tem que ser assim... levar a vida na valsa e saber levar... viver é uma sabedoria, né? E uma sabedoria e, como o envelhecer também é uma sabedoria porque você vive, tem as fases... nasce, cresce, aí

tem as vivências e morre, nasceu, tem que ir, agora qual o dia, qual a hora ninguém sabe, é uma incógnita, incógnita da vida... e é até bom, porque se soubesse a pessoa... ficava tudo doido! (Ent.4 – 73 anos)

Estudos realizados no Brasil (FIN; PORTELLA; SCORTEGAGNA, 2017; TORRES; CAMARGO; BOUSFIELD; SILVA, 2015) e também em outros países (ABOIM, 2014; GUTIÉRREZ et. al.; 2014; WACHELKE; CONTARELLO, 2010; VERA, 2007), foram similares aos resultados encontrados nessa pesquisa, apontaram para o conformismo com o processo de envelhecimento, e com a finitude que, de alguma forma, contraria os ideais de “eterna juventude” disseminados pela mídia e outras formas de prescrições sociais. A inevitabilidade da velhice parece causar, mais conformismo do que rebelião, como demonstraram as narrativas apresentadas pelas mulheres entrevistadas.

Os achados nos permitem apontar a aceitação do envelhecimento e da velhice enquanto finitude, e, ao mesmo tempo, atitude de transgressão à normatividade, em particular, dependência financeira que seria esperada socialmente para as mulheres dessas gerações. Quando as participantes nos dizem, por exemplo, que se divorciaram – em um contexto social e histórico que em nada encorajava essa prática - buscaram a independência através da busca pela escolarização e pela entrada no mundo do trabalho. As que não conseguiram estimularam suas filhas a trilharem caminhos diferentes do que se preconizava como sendo próprias do papel feminino no mundo privado das relações sociais. Elas sinalizam esse enfrentamento e lamentam quando se sentem dependentes:

[...] mamãe dizia: minha filha procure fazer seu pé-de-meia, você não sabe o dia de amanhã... chegou. E como chegou! Eu sei que é triste viu? Porque você envelhecer sem ter nem uma independência, você num queira nunca sentir na pele e procure fazer a cabeça da sua filha (Ent.9 – 64 anos)

[...] eu dizia faça tudo pra num ter um filho minha filha! Procure estudar pra primeiro ter seu emprego, ter sua liberdade, sempre eu disse isso a elas... tá entendendo? Eu vi que aquele regime que meu pai me criou aquilo ali num levava à frente... (Ent.6 – 69 anos)

[...] Eu me sinto vitoriosa sobre minhas filhas... a minha maior vitória vai ser quando ver minhas... minhas netas formadas, também... porque eu dependia só do meu marido e você num queira saber coisa pior, que você depender de homem! ... as minhas filhas desde a hora que eu tava grávida, que eu descobri, quando eu tive minha filha... eu disse ela não vai ser motorista de fogão... eu nunca trabalhei... ele nunca deixou... então eu tinha na minha cabeça que minhas filhas iam ser independentes! Se eu morrer hoje eu morro feliz, porque pelo o que eu lutei... minhas filhas hoje são tudo independente de homem! .. olha a mulher que for esperta ela deve ser independente... porque ela é respeitada! Ela conquista seu lugar no mundo! E foi isso que eu fiz com as minhas filhas, lutei pelas minhas filhas e graças a deus, hoje elas dizem mamãe tudo o que eu sou eu agradeço a você... sei que foi o mérito

delas, porque se elas não quisessem ser nada, elas num seriam nada... oxeee, eu mostrava a elas... (Ent.9 – 64 anos)

Essas mulheres mães anunciam a pauta feminista para as filhas quando sugerem a elas adiar a maternidade, fazer o pé de meia, ter emprego e não depender de homem. Elas não puderam viver a liberdade de escolha, mas apontam para as filhas e netas liberdade possível, assim, identificam o estudo e a inserção no mundo do trabalho como fontes de independência e realização pessoal, distanciadas da relação com o macho provedor e os valores do patriarcado desse momento histórico em que viveram a juventude e a adultez.

Na mesma perspectiva do envelhecimento como um processo e, como tal, atravessado por interações entre o sujeito e o contexto, identificamos uma relação entre as palavras *experiente, depende da pessoa, belo, perda da mocidade* e a singularidade dos corpos na velhice, indicando um contraponto à normatividade de um corpo determinado exteriormente para representar a velhice e a plenitude experimentada por alguns, como pode ser destacado nas falas a seguir:

[...] o envelhecimento é um negócio natural, vem naturalmente né? Da vida, porque nascemos, crescemos e temos a fase melhor que é a velhice, porque é a experiência da vida, felizes aqueles que envelhecem e envelhecer com sabedoria é a coisa melhor do mundo (Ent.4 - 73anos)

[...] Então eu acho que a velhice é quem se entrega à velhice, porque pra mim velhice não existe, existe um desgaste físico, entendeu? E é como uma fruta, a fruta vai... o caule dela vai acabando, ela vai murchando... é como eu me sinto, entendeu? (Ent. 5 – 76anos)

Identificamos nos trechos acima uma ambiguidade quanto aos sentidos atribuídos ao corpo que envelhece, ora esses sentidos assumem uma conotação positiva quando associam a velhice à ‘melhor fase da vida’, e, o que se vão experimentando no corpo e com o corpo aponta na direção da naturalização da velhice. Ainda que haja um deslocamento dos atributos do envelhecimento ao corpo para aspectos subjetivos como a ‘experiência de vida’ e o envelhecer com ‘sabedoria’, mesmo assim, há uma indicação do mecanismo de aceitação dessa fase da vida. Ora, percebe-se negação do próprio envelhecimento quando dizem que ‘a velhice não existe’, ao mesmo tempo em que se deparam com as limitações no próprio corpo, ‘pra começar é o corpo’, (...) ‘você querer fazer uma coisa e não conseguir...’. A ambiguidade negação e a aceitação da velhice são decorrentes do corpo que não acompanha as participantes no gosto por viver, ainda intenso e jovial.

5.2.1.1 O corpo dos idosos: limitações, adequações, resistências

Aqui também se pode divisar o saber biomédico atravessando os sentidos atribuídos às condições de saúde na velhice, ao se relacionar os hábitos que conformam determinados estilos de vida adotados em toda sua extensão, com aquelas condições de saúde, indicando haver uma escolha deliberada do sujeito, o que, de algum modo, se configuraria num processo de autculpabilização por seu atual estado de saúde. Moraes et. al (2016), apontam achados similares.

Welling (2009) diz que o discurso das ciências biológicas e médicas é de tal forma impactante na cultura, que grande parte dos sentidos atribuídos às alterações orgânicas na velhice estaria circunscrita como fato natural e universal, como pode ser traduzido, também, quando discorrem nas entrevistas sobre esse corpo, como nas seguintes falas:

[...] a pele tá ficando enrugada, enrugada, que as bochechinhas estão ficando descidas, entendeu? E outras coisas mais, então... é natural da vida. Natureza, é a natureza que vence, é o decorrer dos anos, aí você vai e apaga tudo? Pra mostrar o quê? Se sua fisionomia é uma e sua cabeleira é outra... porque você com o passar do tempo você vai... tudo vai se modificando, modificando, até um dia... (Ent.4 – 73 anos)

[...] Às vezes eu quero ultrapassar meu limite e fico de cama, quero fazer coisa que eu não posso fazer e faço! Que eu tenho vontade de fazer... e é isso que você luta contra isso e não adianta, o corpo não acompanha a vontade... nada, nada, nada... aí você fica com insônia, você fica cansada, você não pode caminhar bastante... eu faço caminhada, mas devagar... num faço mais aquela caminhada que eu fazia... você muda tudo! (Ent.9 – 64 anos)

[...] Aí ele riu, ele disse, num acredito que a senhora tem esse, essa idade? Eu digo, tenho, com muito prazer! Entendeu? E não, quer dizer, cada dia eu agradeço a Deus, porque eu me levanto, tudo bem, às vezes tem uma dorzinha aqui, ali, que é normal, né? (Ent.3 – 74 anos)

A associação entre a velhice e o adoecimento e corpo do velho em declínio pode ser creditada à influência exercida pelo modelo biomédico de explicação da vida humana que institui um campo de argumentação de natureza biológica, apresentada com uma linguagem e técnicas, configurando-se como detentor do conhecimento sobre os processos da vida e sobre o sofrimento e o adoecimento.

O adoecimento pareceu-nos ser incorporado à subjetividade da pessoa idosa para justificar as transformações que acontecem no seu ciclo de vida. Nos relatos, quando as participantes dizem que “... é a natureza que vence”; “o corpo não acompanha a vontade”; “eu agradeço a Deus”, estão ancorando na naturalização do envelhecimento as transformações corporais que acompanham o envelhecimento e objetivam a aceitação desse processo. Apontam a renúncia aos artifícios que mascarem as transformações do ciclo da vida e, de

modo leve vão anunciando que esse desapego ao corpo e a naturalização das dores corporais as prepara para a morte, quando dizem: “mudando até um dia...”; “a pele tá ficando enrugada... eu não gosto de pintar meu cabelo”; “uma dorzinha aqui, ali, que é normal...”.

Dessa maneira, a convivência da velhice com o adoecimento e a debilidade do corpo parece ser tão potente que, se o sujeito apresenta boas condições de saúde e estiver interagindo com o meio social, este sujeito não é considerado velho, conforme dizem as participantes:

[...] e assim eu vou levando a vida... tá entendendo? Acho que envelhecimento quem faz é a gente, que se você se acha inútil, você é inútil! Mas se você acha que num é inútil, só é a idade que pesa... acho que quem faz o envelhecimento é a gente... eu mesmo me sinto jovem, lhe juro!(Ent.6 – 70 anos)

[...] envelhecer né? Bem, eu envelheci, não é? Apesar das pessoas acharem que a minha aparência física não é com a idade que eu tenho (Ent. 10 – 73anos)

[...] Pra começar é o corpo! Vem o cansaço, a dificuldade pra tudo... você querer fazer uma coisa e não conseguir... você fez tanto, mas hoje você não chega lá mais como você quer... você tem um limite né? (Ent.9 – 64 anos)

[...] olhe, pra mim tem sido ótimo! Eu ser velho porque sou... tenho saúde e não dependo de ninguém, vivo minha vida, tenho... tenho de que viver! Não dependo de família, entendeu? (Ent.12 – 80 anos)

Se por um lado existe o envelhecimento como um processo que vai se instalando lenta e sutilmente no corpo, por outro lado, o sujeito enfrenta as marcas nele inscritas, e apesar do confronto com as transformações e as limitações, mesmo assim esse sujeito segue adiante na busca por novas e combativas estratégias de sobrevivência e independência.

Ainda na perspectiva das marcas corporais que acompanham o envelhecimento vale destacar o que discute Neri (2001), quando diz que a analogia que se faz, entre o desenvolvimento das plantas frutíferas e o desenvolvimento humano, comporta três temas centrais para a psicologia do desenvolvimento. O primeiro tema é o desenvolvimento como trajetória de mudanças contínuas e ordenadas, da semente nasce a planta que origina a flor, que vai gerar o fruto, que por sua vez produz outras sementes que irão dar origem a novos seres e assim permitem a perpetuação da espécie. O segundo é o tema da culminância, o fruto dá sementes num momento ótimo de seu curso de vida, para o qual acorrem todos os esforços do desenvolvimento, visto que da produção de novas sementes irá depender a manutenção da

espécie. E o terceiro tema é o do declínio, uma vez concluída sua tarefa de perpetuação da espécie, e sem outra justificativa para continuar existindo, o organismo envelhece e morre. Elementos dessa construção teórica podem ser reconhecidos nos seguintes extratos de fala da participante da pesquisa:

[...] Eu vou assim... como é que eu descrevo? Como uma fruta! A fruta nasce, ela vai crescendo, chega ao ponto de ser colhida que é o velho, o velho que é colhido, e depois ela murcha, ou você come ela, a fruta né? Ou você faz o que achar que deve fazer com ela, um remédio, o que for... e depois ela... chega ao ponto final dela. Eu tenho o velho como isso, como uma fruta, que Deus botou no mundo, só que foi diferente, foi de carne, osso, perna, com sabedoria, com experiência, é o que eu penso da minha velhice... (Ent. 5 – 76 anos)

[...] Eu acho que, é como eu lhe disse, é uma fruta, eu sou uma fruta, eu fui jovem, fui menina, fui jovem... hoje eu fico só chupando o dedo... eu num posso mais, eu estou dentro dos meus limites, é quando a fruta já está perto... quer dizer, partilhando ela na bandeja, aí ela vai murchando na bandeja, porque aí o que ela vai fazer, a fruta? Ela vai chegar o ponto de não prestar mais pra se utilizar numa comida, se for uma verdura, uma tomate, uma coisa... e... vai pro lugarzinho dela que é a... o cemitério, entendeu? (Ent. 5 – 76 anos)

O envelhecimento objetivado no processo do fenecimento da fruta é representado como uma inescapável situação pessoal, irreversível e incontornável que assume traços negativos e é atravessado por adoecimento crônico, por dependência, fragilidade, incapacidade e sentido de espreita diante da proximidade da morte (FIN, PORTELLA, SCORTEGAGNA, 2017).

Apesar de não estarem presentes no núcleo central das representações sociais de ser *velho*, os sentidos de *carente* e *chato*, fazem parte do sistema periférico e, como tal, ligam-se aos elementos centrais, assegurando que a RS seja um “guia” de leitura para a realidade. Da mesma forma, também, adicionam características que dizem respeito às experiências cotidianas do sujeito e surgem como aspectos definidores da identidade na velhice. O autorreconhecimento dos velhos como *chatos*, a partir do que o exogrupo lhes atribui aparece nas falas que se seguem:

[...]...na realidade apesar da gente tentar ter sabedoria, ter... é, é, ser alegre, ou outra coisa qualquer, mas primeiro de tudo, a pessoa velha é uma pessoa chata, entendeu? Isso aí eu não me conformo com isso de jeito nenhum, eu posso até ser também, pra outras pessoas eu posso até ser chata, mas eu tenho essa mentalidade comigo, entendeu? De que velho é uma fase da vida de gente chata, de gente que não compreende muito as pessoas, entendeu? (Ent. 1 – 68 anos)

[...]...ser velho é a pessoa... assim... ser velho? O que é ser velho né? É a pessoa rabugenta, chata, reclama com tudo, entendeu? Eu acho que é velho, às vezes a gente é assim também né? (Ent. 2 – 75 anos)

[...] Olhe, tem coisa aqui que eu olhei e... e eles tinham razão, tem véi que é chato mesmo, tem dias que a gente vai, um velho vai dar lugar ao outro e eles num querem aceitar... no ônibus mesmo, ocorre isso... num é?(Ent.7 – 71 anos)

[...] sou crítica, mas procuro na medida do possível não criticar tanto... mas dentro de mim eu to sempre criticando, mas eu procuro... e outra coisa, eu procuro, se quando eu sou chata, dou fora, eu procuro me desculpar... (Ent. 10 – 73 anos)

Ao mesmo tempo há, nas falas acima, uma admissibilidade dos sentidos de ser *carente*, *chato*, reconhecendo-se, a partir do que lhes dizem ser. O outro referencia a construção do eu, mesmo em atributos que se gostaria de excluir e/ou revisar como a ‘chatice’.

De acordo com Tajfel (1982), quando o pertencimento ao grupo oferece satisfação, a identidade social do grupo se fortalece, mas, quando essa satisfação não ocorre, ou seja, quando o grupo não usufrui de um status social positivo, os membros tendem a abandoná-lo. Nos fragmentos das entrevistas, a seguir, podemos ilustrar a crise geracional de valores e referências entre jovens e velhos que leva os segundos ao isolamento e exclusão, o que materializa e dá concretude à chatice, diante da crise de referências que se instala na dinâmica relacional,

[...] Olha, ele vê assim, depende do idoso, não tem como ver... sempre tem um, uma coisa assim, que num bate direito com ele, com os adolescentes, porque ele... a vida dele é uma, a gente, quer dizer, eu mermo fui criada da maneira que hoje não são os jovens criado, porque minha criação foi uma... é diferente, e muito! Isso traz muita coisa... é difícil... a convivência. A comunicação... com certeza. (Ent.12 – 80anos)

[...] essa lei do adolescente deu muito poder ao jovem mas não deu os deveres das crianças e dos adolescentes, entendeu? Então é um erro muito grande da nossa sociedade e eu acho muito difícil mais tarde esses velhos que vão ser o futuro serem ajustados, tá entendendo? Não sei se estou certa se estou errada... essa é minha maneira aqui na terra até quando deus quiser... pronto. (Ent.5 – 76anos)

[...] chega um hora você cansa... porque você chega num canto você é excluída! Você num canto lá quetinha, os outros conversam, solta uma brincadeira... você num tem assunto, seu assunto é ultrapassado, eu vou discutir o que com uma jovem? Conversar o que? Se ela disser uma coisa, tem coisa que ela diz que a gente num aceita, num é? Hoje parece tudo é válido! Natural, é normal! Oxee, se faz, ah vó! Isso é normal... sabem tudo... (Ent.9 – 64anos)

[...] Você acha que sabe, mas não sabe! E mais tarde, ali na frente você vai se arrepender, e como vai! Que os jovens tem experiência... que experiência? Não... minha filha, experiência o tempo vai dar... (Ent.9 – 64anos)

A inter-relação entre gerações é complexa e conflitual. Por um lado, se tem a atribuição ou construção de uma categorização identitária e, por outro lado, os rebatimentos sociais e políticos consequentes a essa inter-relação. A esse respeito, Albuquerque (2017) comenta que, se no passado das sociedades ocidentais os velhos eram valorizados pela experiência e pelos conhecimentos acumulados, e prontamente eram reconhecidos como fontes de sabedoria — o que, aliás, continua a acontecer nas culturas orais, que se baseiam nas narrativas e memórias coletivas —, nas sociedades ocidentais atuais, preponderantemente competitivas e tecnológicas, esse prestígio parece diluir-se e o presente, em contínua transformação e superação, ocupa o lugar de um passado distante e julgado ultrapassado. A configuração das relações entre pessoas e entre gerações baseia-se não apenas nas tradições e costumes em um determinado espaço/tempo, mas também nas possibilidades e dimensões políticas próprias de certo “regime intergeracional”.

Entendemos a intergeracionalidade como uma dimensão da interação social que valida ou constrói espaços de coexistência, de diálogo, de partilha e de troca de experiências entre coortes geracionais num determinado contexto histórico e social. Neste ponto, Albuquerque (2017), alerta para o risco de se tecer comparações de teor maniqueísta, ao se estabelecer um paralelo entre sociedades do passado, pretensamente mais coesas e solidárias nas interações intergeracionais, e as sociedades atuais, que se apresentariam mais individualistas e repletas de situações de conflito entre as gerações. De fato, as sociedades têm experimentado ao longo do tempo, intensas transformações sociais e econômicas o que, por conseguinte, traz consigo a necessidade de um processo de readaptação cultural e reestruturação da interação entre os sujeitos. Apesar disso, as relações intergeracionais continuam a constituir-se como um meio fundamental de partilha de afetos e cuidados, de valores, de reciprocidade nas relações de ajuda e de garantia de proteção material, embora haja exemplos de relações conflituosas e violentas.

A literatura aponta haver prevalência da violência praticada contra idosos no ambiente familiar, em relação a outros contextos sociais dos quais o idoso participe e, também, descreve como sendo a mulher o alvo mais frequente dessa violência (APRATO JÚNIOR, 2010; MORAES; APRATO JÚNIOR; REICHENHEIM, 2008; MELO; CUNHA; FALBO, 2006). Em estudo sobre os arranjos domiciliares nos quais se deu a violência doméstica contra

idosos na cidade do Recife/PE, Duque e colaboradores (2012), identificaram uma associação entre as variáveis sexo e quantidade de pessoas morando em um mesmo domicílio, havendo evidência de maior ocorrência entre os idosos que moravam com seis ou mais pessoas e entre as mulheres idosas.

O que parece ter se transformado nas sociedades contemporâneas não é, pois, precisamente a essência dessas interações, mas, sobretudo, as formas e os processos em que são forjadas. Como pode ser ilustrado pelo relato que diz: “Muda sua vida! As suas amizades, os locais que você ia, você já não vai mais, você não se enquadra... você não se enquadra nas conversas, você fica ali, eu chego, chego num canto e fico calada, num canto... eu vou fazer o que?” (Ent.9 – 64anos). Decerto que, paralelamente, ao isolamento experimentado por parte das pessoas idosas, eles e elas também se identificam, como outra visão do momento social, um aumento, em quantidade e em intensidade das relações intergeracionais, marcadamente entre avós e netos, justamente para fazer frente às transformações dos contextos sociais contemporâneos. Em realidades mais distantes dos centros urbanos, muitas vezes, os avós são a referência social e econômica das famílias, constituindo-se como provedores.

Segundo Porciúncula e colaboradores (2014), o arranjo familiar da maioria dos idosos entrevistados em Recife/PE, que não vivem sós, mostra que as mulheres moram com os filhos e os netos, enquanto os idosos moram com as esposas, possibilitando o aumento da rede de apoio. Apesar de o arranjo familiar se constituir de maneira diferente ao comparar o contexto masculino e feminino, o apoio se fortalece para ambos os sexos com a proximidade dos familiares. Nesse sentido, no Brasil o arranjo multigeracional parece receber mais influência do aspecto econômico do que cultural. Apesar de experimentar o declínio da renda com o avanço da idade, de forma geral os idosos continuam participando significativamente do orçamento doméstico, sobretudo, as mulheres idosas.

Essas oportunidades de convivência intergeracional possibilitam outro nível de partilha de conhecimentos, de histórias e de experiências, em uma lógica de via dupla, isto é, também os avós aprendem outras linguagens e outras referências culturais com os filhos e os netos, integrados nas sociedades cada vez mais tecnológicas, como nos aponta a fala seguinte:

[...] se você sai de sua casa, e vai frequentar no meio de pessoas assim mais ou menos da sua idade, mais ou menos, é bom... é bom, aí se você, em determinada matéria, vai ouvir, vai entender, coisa e tal, e você vai se aprimorando, um aperfeiçoamento, você vai entendendo até coisas que você nem entendia, nem sabia que existia, e eu gosto muito do desconhecido... ir

conhecendo, tá entendendo? Abrir a mente, pra gente aprender, passar até para os filhos, filhos, netos... (Ent.4 – 73 anos)

Chama-nos a atenção, o sentido de aprendizagem permanente dos velhos que é objetivado na busca por novas possibilidades de aprendizagem que se dirigem à resolução de problemas ou projetos específicos: “... e você vai se aprimorando... vai entendendo até coisas que nem entendia... Abrir a mente, pra gente aprender, passar para os filhos, netos...”. Em um primeiro momento o sujeito realiza seu desejo de conhecer, de se aperfeiçoar, ampliando sua visão de mundo e, depois, este aprendizado vem aumentar as possibilidades de interação social, pois melhoram as ferramentas de comunicação entre as gerações, conseqüentes à melhor apropriação dos recursos culturais e tecnológicos disponíveis na sociedade. Além disso, como sugerem Ferreira, Teixeira e Neves (2014), a necessidade dos idosos de retomarem os processos de ensinar e aprender pode estar relacionada, também, com os sentidos de ainda não se considerarem completos, concluídos, necessitando desse modo de mais conhecimento, mais liberdade e mais autonomia para o agenciamento de suas vidas.

O sujeito adquire assim, por esta via, na família e na comunidade, não apenas um papel instrumental, de suporte e de cooperação com os mais jovens, mas também a recuperação do estatuto da sabedoria, de oralidade e de memória que, como já foi referido, se encontra associado a uma representação positiva da velhice. De acordo com Albuquerque (2017), a qualidade das relações entre as gerações, sejam marcadas pela solidariedade, sejam marcadas pelo conflito, está relacionada conceitualmente com a coesão social que, por sua vez, é construída na articulação entre um nível macro, ancorado em políticas que promovam a equidade entre as gerações, e em práticas sociais que oportunizem trocas intergeracionais. E em um nível micro, a promoção e a garantia das condições para interações com qualidade entre diferentes gerações.

A representação da velhice ancorada na ideia de atividade e de responsabilidade social está relacionada à ideologia da terceira idade, com os seus sentidos de independência, liberdade e capacidade para a ação. Ou seja, o que Debert (1999) nomeia de *reprivatização da velhice*, em que o sujeito envelhecido assume a responsabilidade pela própria condição de saúde na velhice, traduzida na ideia de doenças autoinfligidas que seriam o resultado de abusos corporais outrora cometidos, tais como o uso de bebidas alcoólicas, o tabagismo, a falta de exercícios, conforme nos diz uma participante de 76 anos:

[...] na minha maneira de ser a minha velhice... se não fosse a doença eu estaria bem, mas a doença é consequência da vida mesmo, das cabeçadas

que foi dada quando eu era jovem, das cervejadas que eu tomei... das gorduras que eu gostava de comer... então veio as consequências, veio o AVC... e depois tive que fazer uma safena e uma mamária, tudo isso são consequências... entendeu? (Ent.5 – 76 anos)

Tratar a velhice como consequência da falta de envolvimento com práticas sociais estimulantes e adoção de padrões de consumo e estilos de vida inadequados, a transforma em uma monolítica questão de negligência corporal que, pressupõe como única alternativa a busca por instrumentos de combate às marcas do envelhecimento, ainda que para isso, sejam negados os estranhamentos experimentados pelos limites biológicos do corpo (DEBERT, 1999).

Concepções de velhice que a associam às perdas e incapacidades são construções que atravessam milênios da história humana. Para Sêneca, “a velhice seria uma doença incurável”, e imortalizado por Terêncio outra concepção na mesma direção, “a velhice seria ela mesma uma doença”. A cultura ocidental repercute essa visão milenar da velhice vinculada às doenças e, nesta direção, os estudos realizados por Garcia e colaboradores (2005) e Moraes e colaboradores (2016), apresentam similaridades com as falas das participantes da pesquisa:

[...] o idoso já é cardíaco... a gente fica arrudiando a quadra no sol, eu digo meu Deus do céu! Como pode ser uma coisa dessa! Meu médico disse que eu não posso ter torção nenhuma, nenhuma fratura, que eu tenho osteoporose em todos os ossos, tenha cuidado com o que você pode, que eu posso levar 2 anos pra consertar uma besteira... (Ent.5 – 76 anos)

[...] Inquieta? Assim, com problema de saúde, que impossibilita, por exemplo eu fiquei com artrose nos joelhos, então o que foi que eu fiz? O médico disse olhe você... meu neurologista não, meu reumatologista, você está com artrose, e eu, o que é artrose? Que eu não conhecia na época, então ele me disse o que era, então é uma doença que você não fica mais boa, você pode é... tratar pra ter uma vidinha melhor, então se você pode ter uma vida melhor, então tenha (Ent.4 – 73 anos)

[...] pra mim está sendo difícil, sabe? Porque já começa as limitações não é? No andar, apanhar um ônibus, isso tudo fica mais difícil, o ônibus para num determinado assim... às vezes eles param em locais que a gente num consegue subir... porque o ônibus fica muito alto, então... e pra mim tá sendo muito difícil sabe? Eu num me adaptei muito não... (Ent.8 – 64 anos)

[...] Envelhecer é como se... eu posso dizer... é triste. Porque a gente geralmente quer fazer as coisas e num consegue fazer as coisas, fica difícil, tudo pra gente é difícil, né? (Ent.9 – 64 anos)

Esses extratos apresentados corroboram o processo de naturalização da velhice que, ao mesmo tempo, mantém e reforça os estereótipos cristalizados pela cultura ocidental que vinculam a velhice ao corpo adoecido, com profundas fragilidades, mesmo que os sujeitos ainda desejem a vida plena, como expressaram. É importante destacar que o saber calcado no

modelo biomédico de explicação da velhice e do envelhecimento atualiza o argumento científico da senilidade que vem ser o conceito que dá nome ao envelhecimento com doenças, ensejando dessa forma as doenças na velhice como consequência natural e própria do avanço da idade.

O envelhecimento pode ser expresso por duas dimensões, uma negativa e outra positiva. As pessoas que consideram a velhice como uma fase negativa da vida, possivelmente o fazem por relacioná-la com a degeneração física e mental, bem como à inatividade, à incapacidade e ao isolamento, por um lado, aspectos geradores de tristeza, solidão, depressão e mau humor. Por outro lado, as pessoas que associam a velhice a uma etapa positiva de vida, destacam a autonomia física e mental, a independência, a participação social e ressaltam a beleza da experiência vivida (FIN, PORTELLA, SCORTEGAGNA, 2017).

Podemos sugerir, a partir da interpretação dos dados, que o reconhecimento da possibilidade da fragilidade, do adoecimento e da dependência que podem acompanhar o processo de envelhecimento cursa com as atitudes de resistência e redesenho de seus papéis sociais, atualizando dessa forma, a condição real e a operação do desejo. As participantes falando sobre suas experiências pessoais de velhice nos apontam uma atitude de resistência frente às limitações do corpo próprias do processo de envelhecimento, quando relatam que,

[...] Eu tenho problema de coluna, que isso me incomoda demais, agora eu insisto, entendeu? Eu insisto, se eu pudesse, se eu quisesse, se fosse pela minha vontade, eu ficava em casa dormindo o dia todinho, entendeu? Mas eu saio, procuro uma coisa, eu procuro outra, porque eu acho que se você envelhecer, você entra numa depressão, entendeu?(Ent. 1 – 68 anos)

[...] Tem que viver né? Também a velhice não é pra gente se encostar, ai eu tô velha, não posso fazer nada... não. Eu faço... (Ent. 2 – 75 anos)

[...] O que eu tô achando assim, ruim não porque às vezes eu digo assim ruim e peço perdão a deus, se ele tá me dando isso é porque eu mereço ter... são as consequências de saúde, somente que traz dificuldade... não o envelhecimento em si... só a saúde, mas eu procuro... não me entrego... eu procuro fazer bastante coisa, minhas atividades, tá entendendo? Às vezes num tô muito disposta num vou fazer... aí quando termino digo eu fiz, eu consegui... aí agradeço a deus, que sou muito apegada a ele e ele me ajuda (*risos*)então pronto. (Ent.6 – 70 anos)

No conjunto das falas podemos afirmar que é o contexto do desenvolvimento, em que se desenrola a história de vida dessas mulheres que vai traçando o seu envelhecimento e a sua velhice. E elas nos apresentam que independente do corpo que envelhece e que possuem suas fragilidades, existe um ser que insiste, pensa, que sente, que resiste, que quer fazer e luta por

suas vidas. O enfrentamento resiliente desses eventos limitantes resulta da interação entre a história pessoal, os fatores sociais e os processos psicológicos dos sujeitos, quando pedem ajuda a forças divinas para conseguirem enfrentar os obstáculos do envelhecer a espiritualidade na velhice pode ser compreendida como um dos recursos desse enfrentamento (GUTZ; CAMARGO, 2013).

Um dos marcadores dessa naturalização do envelhecimento se expressa nos sinais do corpo, revelados nas associações feitas pelos participantes em todas as fases da pesquisa, e que ora se apresentam de modo positivo, ora se traduzem numa forma negativa de apontar as marcas corporais impressas ao longo da vida. Para aquelas mulheres idosas, envelhecer é natural e pressupõe uma aceitação das rugas, dos cabelos brancos e de outros sinais visíveis do envelhecimento, que se manifestam no corpo, na aparência física. Envelhecer é, afinal, aceitar o inevitável, como ilustra a fala, a seguir:

[...] Eu aceito, aceito porque eu sei que me preparei pra isso, eu sei que você vai chegar a uma idade que você não é mais a mesma coisa, num tem 15 anos, tá entendendo? Vem o enrugamento, flacidez, tá entendendo? O cabelo branco porque faz parte da vida, e a gente tem que pintar pra... ter charme né? (*risos*) mas... eu aceitei numa boa. (Ent.6 – 69 anos)

Apesar de haver um “disfarce” para os sinais do envelhecimento no corpo por meio dos cuidados como pintar os cabelos, os achados apontam para uma direção diferente do que foi identificado por Fin, Portella e Scortegagna (2017). Essas autoras entendem que as ações que visam “disfarçar” esses sinais seriam demonstrativas de esquivo da velhice, e na interpretação pelo conjunto das falas, esses cuidados com a aparência sugerem aceitação através da naturalização do processo de envelhecimento e suas consequentes transformações corporais, embora lidem com ludicidade e bom humor as tentativas de inserção social com mais aceitação, segundo os referenciais dos outros. Estudos apontam que, no Brasil, o fato de deixar o corpo na sua aparência natural, para a sociedade foi sinônimo por muito tempo de desleixo e falta de cuidado, principalmente, se esse corpo for gordo ou envelhecido. Assim, nas últimas décadas, a preocupação das brasileiras de se manterem jovens por maior tempo possível cresce fortemente em razão do padrão imposto pela sociedade que enfatiza a juventude como ideal (NOVAES, 2010; MORAES, 2011; FIN, PORTELLA, SCORTEGAGNA, 2017), embora as marcas da velhice no corpo comecem a ser aceitas com mais naturalidade.

Em estudo realizado por Casotti e Campos (2011), a decisão de mulheres velhas por não pintar os cabelos brancos foi compreendida mais como uma busca por autenticidade e originalidade, do que por uma postura contestadora de contraposição aos padrões normativos circulantes na sociedade. Quando uma das nossas entrevistadas nos diz que “é natural, agora, por exemplo, eu não gosto de pintar meu cabelo porque eu acho que o natural é o importante, natural é o bom, entendeu?”, entendemos que além do caráter diferenciador que envolve a decisão de não mascarar os sinais do envelhecimento, também há a ancoragem na *naturalização do envelhecimento*.

Assim, fomos compreendendo que os sentidos atribuídos pela mulher idosa ao seu corpo são influenciados pelos costumes contemporâneos, que anunciam que o “corpo belo necessita aparentar juventude e ser magro, daí as roupas serem adequadas para esconder as imperfeições e as marcas que o tempo vai imprimindo no corpo que envelhece. A roupa será então, a embalagem apresentada e disfarça, simula e dissimula o que é necessário esconder” (FIN, PORTELLA, SCORTEGAGNA, 2017, p. 81). O cuidado com a aparência coerente com sua idade fica notório nas falas, como se a escolha adequada fosse um sinal de equilíbrio entre a experiência vivida e o que a norma social aceita para as distintas gerações. As participantes falam do movimento que fazem para essa adequação, da autocensura que se impõem e, de modo subjacente, emerge o controle social e a repressão que fizeram parte dessa geração de mulheres:

[...] Tem gente que tá conservada... mas quando eu vejo chegam com a carteira na mão, eu digo olha que chique! Eu tenho que me ajeitar mais... eu sou assim risonha, bricalhona... eu reivindico por mim e pelos outros... vou ajudando a coletividade, num é? (Ent.7 – 71 anos)

[...] cada um tem seu pensamento, agora o que eu acho que se a pessoa idosa tentar se vestir como um jovem... fica ridículo! Eu acho, eu não quero me vestir como jovem porque eu acho ridículo, entende? A gente tem que ver que o idoso precisa... não precisa estar só de roupas compridas, de mangas compridas, atacada até em cima, não precisa disso, mas roupas mais adequadas pra idade! E tem, tem idosas que num se tocam com isso... elas acham porque é idosa pode vestir a roupa da neta, desde que dê no corpo dela, às vezes nem dá... às vezes fica uma coisa horrorosa! Porque o corpo, o corpo de uma idosa, só se ela for muuuuuuuuu magrinha! Mas se ela num for... a roupa de uma filha ou de uma neta num vai cair bem nela... porque há transformação no corpo e a pessoa tem que ver aquilo! (Ent.10 – 73 anos)

[...] Não adianta, nem pense que vai comigo pra aquelas lojas comprar aquelas roupas horrorosas, horrorosa no meu caso, pra uma pessoa jovem que tem um corpo todo no lugarzinho é lindo... mas não numa pessoa já idosa com pele sobrando de um lado e do outro, é ridículo aquilo! Só porque

tem que botar aquilo que tá bonito? Mas eu num boto de maneira nenhuma!
O meu conforto em primeiro lugar! (Ent.10 – 73 anos)

As entrevistadas nos sugerem que são afetadas por pressões normativas que dizem o que é adequado e o que não é adequado para representar imagetivamente o corpo da mulher idosa, e como aponta Novaes (2010, p. 34): “... esse controle da aparência traduz-se não somente na atribuição de características estéticas, mas as investem de julgamentos morais e significados sociais”. A objetivação do que é apropriado para ser usado ou apresentado por essas mulheres está, conforme apontam Berger e Luckmann (2012), em permanente interação com o sentido subjetivamente constituído e com o repertório de suas experiências individuais. Caso não haja a disponibilidade de uma reserva de sentidos, compartilhada universalmente e adaptada às necessidades de referentes próprios, partilhas de sentido podem ocorrer dentro das comunidades de vida, como podemos reconhecer nos extratos de fala acima, em que identificamos sentidos de normatização sobre o que vestir um corpo idoso ou um corpo jovem, que, por sua vez, comportam ambiguidades e consensos em acordo com as relações sociais estáveis e duradouras que sustentam tais comunidades de vida.

Contrapondo-se a essa conformidade com o processo de envelhecimento, também se identificou nas falas das entrevistadas um sentido de resistência ao fatalismo da velhice, alternando entre uma atitude de insatisfação ou de recusa da designação de ser velho e um desejo de ressignificar a velhice a partir do envolvimento com atividades, preponderantemente exteriores ao espaço doméstico, como podemos divisar nas seguintes falas,

[...] Já viajei, tinha muita vontade de conhecer o Rio de Janeiro, eu tinha medo de avião, de andar de avião, eu disse, eu não tenho que ter medo de andar de avião, eu tenho que passear, então fui no avião como se tivesse normal num ônibus, num carro de passeio e fui embora [...] é você não se entregar, é você lutar, suportar, vou sobreviver... é assim que a gente deve pensar... (Ent.4 – 73 anos)

[...] porque aí a gente tem que tocar a vida... e tem que assumir as suas coisas, porque eu voltei pra casa dos meus pais, mas num queria mais que ele tivesse despesa comigo, né? Eu já tinha saído, como é que eu ia voltar pra ele dar a despesa? Eu tinha que assumir. (Ent.8 – 64 anos)

[...] Aí depois eu digo... hoje em dia quando vem a da idade, eu já passei por tantas coisas e venci! Porque eu vou me entregar agora? Aí tiro... saio, procuro tirar do meu pensamento aquilo, sabe? Tem que fazer assim né? (Ent.8 – 64 anos)

Os trechos acima exemplificam como as entrevistadas lidaram com as experiências desfavoráveis e outras exitosas no percurso de suas vidas, que as levaram ao enfrentamento

dos medos decorrentes da repressão experimentada em seus casamentos e antes, sob o jugo de pais e irmãos opressores, nos sugerindo que essas mulheres anunciam que o seu papel na família e na sociedade seria diferente do exercido por suas mães e avós. Uma vez que elas começaram a superar a imagem da mulher dócil e submissa às ordens paterna, dos irmãos e dos maridos, e passaram a assumir maior protagonismo em suas próprias vidas. Resultados semelhantes foram identificados por Cruz e Santos (2017), ao investigarem a inserção pública de mulheres no período da ditadura militar no Brasil.

Nas narrativas das entrevistadas não identificamos sentidos de revolta ou desconforto contra os imperativos do envelhecimento, em contraposição, encontramos um certo afastamento do ideal da manutenção estetizante de um corpo aparentemente mais jovem. Já a representação de pessoa ativa pode ser reconhecida nas falas de muitas dessas mulheres. Isso nos sugere que as participantes idosas dizem que podem aceitar um envelhecimento no corpo, mas, dificilmente aceitariam a perda da atividade social e das novas conquistas no espaço público que começaram a acompanhar a experiência de sua vida mais longa. De certa forma, reproduz-se, aqui, a clássica dicotomia entre interioridade e exterioridade, ou, se quisermos, entre público e privado.

Quando questionada sobre sua experiência de envelhecimento uma de nossas participantes, de 71 anos nos sugere haver certo estranhamento com os sinais inevitáveis da perda de juventude, operando uma cisão entre a velhice que se “sente” e a velhice que se “mostra” quando nos diz:

[...] No corpo... eu fico tiste (*infantiliza a voz*) eu fico tiste, fico... a gente já começa a perder massa aos 31... né não? Aí essas pelanquinha assim a gente fica tiste... vai fazer o que? A fase é assim mermo... meu deus! os dedos... que dedo mais feio... onde topa arranha... e por aí vai... mas fora disso, mas dentro eu sou diferente, eu posso me apresentar assim, dentro eu sou ativa, muito ativa! [...] fora se nota, se nota, mas dentro não tá velho, sinto que não está velho... (Ent.7 – 71 anos)

O tensionamento entre a ‘velhice de dentro’ e a ‘velhice de fora’ não anula a associação – ainda que não necessariamente de acordo com o ideal de uma aparência que possa disfarçar as marcas da passagem do tempo impressas no corpo – entre envelhecimento e declínio do corpo e da saúde física. O confronto com os primeiros sinais de envelhecimento e de perda de vitalidade e saúde são normalmente vividos com estranhamento e pesar, em face dos imperativos de um tempo que virá e que é inevitável. A naturalização do processo de

envelhecimento que encontramos nas falas dos participantes da pesquisa não se dissocia, afinal, de algum desconforto com a decadência biológica do envelhecimento.

De forma geral, no registro discursivo das entrevistas, o confronto com os sinais da passagem do tempo que vão sendo impressos no corpo parece ser o primeiro anúncio do processo de envelhecimento. A despeito de enfatizarem a sua progressiva aceitação das rugas, do embranquecimento dos cabelos e das formas que antes definiam seus corpos jovens, a perda ou a transformação dessas características físicas não deixa de ser lembrada e vivida com algum desprazer, isso pode ser ilustrado na fala das entrevistadas,

[...] Não, eu continuo lutando por tudo! Eu luto por tudo. Eu envelheci mas minha cabeça não, ela é nova. Eu envelheci assim, o corpo, por isso que eu sofro... porque você envelhece, mas você num envelhece... a sua mente continua funcionando, você tem seus desejos, você tem sua, você quer ter sua vida, eu num envelheci assim... eu envelheci só o corpo... que a mente não! (Ent.9 – 64 anos)

[...] eu me entreguei muito! Eu era muito vaidosa... há 10 anos atrás eu fiz plástica, eu fiz plástica de barriga, foi minha filha que me deu de presente... fiz minha plástica, fiquei bem feita! Bonitona... depois fui tendo desgosto, aí fui relaxando... me entreguei... acabou. A gente chega uma hora que a gente se entrega. Mas oxente, eu tinha um corpo visse? Hoje não, hoje eu to acabada! Aí a gente fica triste, quando a gente se vê assim... aí a velhice traz isso... a mudança do seu corpo. acaba muito com você, você vaidosa, você... eu usava 40, hoje eu to usando o que? 46! Tô um boi! Era 40, 38, 40, hoje eu tô um boi! Aí pronto. (Ent.9 – 64 anos)

O estranhamento com as transformações impressas no corpo no qual a mulher não se reconhece provoca sofrimento, como nos revelam as falas acima. Todavia, esse sentimento pode diminuir à medida que o envelhecimento é acompanhado por uma mudança de prioridades, como ressaltam Fin, Portella e Scortegagna (2017), a saúde e a afirmação da sua identidade e a liberdade, por exemplo, podem se tornar mais importantes do que a aparência, atributo que tipificava as mulheres do passado. O novo modo de vida, com outras prioridades, nos pode sugerir que por um lado, a velhice, aprisiona, pelas limitações do corpo, e por outro, liberta, o que pode ser compreendido, a partir das conquistas de progresso pessoal e autonomia do que nos dizem experimentar,

[...] É, é uma conquista, pra mim é uma conquista, é um orgulho! (*risos*) pra quem eu era... e pra quem eu sou hoje, tá entendendo? Queria eu que no passado eu fosse o presente de hoje... mas tudo é no seu tempo...pra tudo tem seu dia e tem sua hora... tem que aceitar. Dou graças a Deus que melhorou, não piorou nem estacionou, progrediu, eu progredi! Eu progredi muito! (*risos*) (Ent.6 – 69 anos)

[...] isso, isso é da vida, é a vida, a vida é isso, a vida só não é mocidade, a vida só não é prazer, a vida só não é essas coisas todas que o mundo oferece (Ent.4 – 73 anos)

[...] eu digo gente idoso faz o que quer! Num é? Conquistou o direito de ser idosa e querer fazer do jeito que quer né? Não é o que o filho diz que tem que fazer assim, que vai fazer assim, não gente! Por favor! (Ent.10 – 73 anos)

Estas mulheres nos dizem que se sentem livres e independentes para finalmente experimentar uma vida que estava encoberta ou subjugada pelas obrigações sociais de esposa e mãe, da mesma maneira como está apontado por Goldenberg (2011). Nesse sentido, o envelhecimento pode ser vivido como uma fase pontuada por uma série de perdas, tais como aquelas que dizem respeito ao corpo, à sexualidade e à conjugalidade, mas também pode ser uma etapa da vida em que se sentem libertas das pressões sociais e da descoberta dos próprios desejos e, até mesmo, da verdadeira sensação de autonomia.

Para Aboim (2014), o recurso à indústria da beleza e do rejuvenescimento, carregado de esperanças nos resultados milagrosos que seriam produzidos por cosméticos ou intervenções estéticas, pode ser entendido como a objetivação de uma inconformidade com o declínio do corpo e ao mesmo tempo, uma tentativa de apagamento das marcas que o tempo vai inscrevendo nesses corpos. Essa tensão entre os ideais de uma juventude prolongada e as transformações concretas que vão sendo plasmadas no corpo pode ser interpretada nos extratos abaixo:

[...] Meu marido gostava de mulher bonita, arrumada, eu só vivia arrumada... Mas eu me entreguei, não queria mais lutar contra nada! eu deixei, eu era muito vaidosa, hoje eu não sou... fui muito vaidosa... a única coisa que eu faço ainda é as unhas, pintar o cabelo, por causa do marido, porque ele num quer ver os cabelos brancos... mas por mim ficava branco, ficava alvinho, alvinho... mas ele não, num sei que... (Ent.9 – 64anos)

[...] bote na cabeça de sua filha, porque homem é hoje, num é amanhã, amor de homem passa! Homem hoje só vê corpo! do novo ao velho, passa uma mulher, o que é que eles observam? O corpo. Você envelhece, acabou-se! (Ent.9 – 64anos)

Estas idosas ainda se fixam na ideia da mulher ser desejada pelos homens, por seu corpo. Esta visão patriarcal do homem dono da mulher soa estranha na atualidade, todavia a ideia permaneça com outras embalagens. Embora a beleza corporal não seja um dos atributos que seja prontamente associado à velhice, na percepção das mulheres idosas estudadas por Fin, Portella e Scortegagna (2017), a beleza está na forma de como as pessoas se comunicam,

na comunicação do “olhar doce”, da “simpatia através do olhar”, da “educação”, do “saber tratar as pessoas” ou, então, do “bom humor”, naquilo que chamamos de bom e agradável.

A mudança do corpo sedutor para a atitude de ser bem-humorada nos parece uma estratégia interessante e expressiva nas relações entre as gerações, como no exemplo que se segue,

[...] o velho tem que sorrir, o velho tem que mostrar-se alegre, não tá falando só de doença... sabe por que? Porque o velho, dificilmente uma pessoa envelhece bonita... é muito raro você ver um velho bonito, na fisionomia, as feições, não só pelas doenças, mas os problemas da vida tudo... e por que a gente ainda ser mal humorado, tá respondendo a tudo, não ter paciência, não ter simpatia com os outros, tem que ter gente! Porque isso faz bem ao coração da gente...(Ent.10 – 73 anos)

As participantes nos dizem com essas falas que por meio da linguagem, o corpo se apresenta como portador de sentidos. O corpo em seus vários sentidos é, antes de tudo, resultante de fatores socioculturais, cuja construção se faz de modo interdependente com o meio de interação, desse modo, reflete a beleza ressaltada num determinado contexto. Se as idosas pela sensibilidade captam os sentidos presentes, no momento contemporâneo de culto ao corpo jovem, é de se imaginar que o corpo velho seja estigmatizado. Dessa maneira, o juízo de gosto acerca da beleza corporal não está alinhado ao que a sociedade estabelece como modelo de beleza corporal: o corpo jovem, escultural e de formas bem definidas. A beleza na velhice parece estar naquilo que se julga agradável de ver, sentir e observar (NOVAES, 2010; MORAES, 2011; FIN, PORTELLA, SCORTEGAGNA, 2017).

Entre as participantes identificamos um predomínio de bem-estar relacionado ao processo de transformação do corpo na velhice, em contraposição ao descontentamento com as marcas e sinais refletidas no corpo. Resultados semelhantes foram encontrados por Fin, Portella e Scortegagna (2017), ao investigarem a percepção de idosas sobre si mesmas a respeito das modificações corporais ocasionadas pelo envelhecimento.

Segundo Aboim (2014) a atitude de resistência ao envelhecimento do corpo das pessoas idosas pode mesmo pautar-se pela recusa do envelhecimento em si, de não se sentir velho. Outras formas de resistir à normatização do envelhecimento como um tempo de inatividade e recolhimento refletem-se na ênfase dada pelas participantes às suas atividades, ao fato de permanecerem ativas nessa fase da vida. Nesses casos, pode-se até aceitar a inevitabilidade do envelhecimento, desde que a atividade e a participação social se mantenham. Não se trata propriamente da maturidade e da experiência – que são usadas para

descrever uma interioridade renovada pelo maior conhecimento da vida –, mas de envelhecer ativamente, em consonância, aliás, com o ideal do “envelhecimento ativo”. A aceitação do envelhecimento é objetivada na realização de atividades, na participação e interação social:

[...] eu fico dizendo pra ela, olha eu agora tô fazendo academia, tô me sentindo é bem, tô mermo (Ent.6 – 69 anos)

[...] Mas enquanto eu puder viver dentro da órbita certa, eu fico! Eu não me entrego... (Ent.5 – 76 anos)

[...] ando só pra todo canto, eu ainda dirijo sabe? E num dirijo ruim não viu? Eu dirijo bem e vai me atender... porque se pedir pra passar, passa, se num pedir, ele vai ficar na dele esperando, né deu sinal e vai logo entrar não... eu tô na minha! A minha carteira num foi de... num foi comprada não... eu sei minha regra, aí é tudo parabéns, é tudo nada consta! Tá vendo? Nada consta. Então eu dirijo desde 87, não, desde 82 que eu dirijo, quer dizer faz 34 anos... que eu deixei de fumar, deixei de beber e tempo que eu dirijo... pronto, tô assim né? Graças a deus, minha vida é uma vida ativa (Ent.7 – 71 anos)

O ato de mulheres dirigirem automóveis implicam no reconhecimento da autonomia e da liberdade na velhice, sobretudo, nas camadas médias e urbanas, substancialmente distintas das experiências vividas pelas gerações que as antecederam, as suas mães e avós, que, aos 40 anos, ou por ocasião da viuvez, passavam a vestir-se de preto e raras vezes saíam de casa. Tal mudança pode ser relacionada não apenas à conquista de independência pelo acesso ao divórcio e à profissionalização, mas também por transformações consideráveis em termos de expectativas e alterações na inserção ao espaço público pelas mulheres.

Situando historicamente temos que dos anos 1950 em diante o Brasil iniciou seu processo de industrialização e como um dos rebatimentos se deu a crescente participação da mulher no mundo do trabalho formal, momento em que algumas das entrevistadas passaram a vislumbrar tal iniciativa como uma possibilidade de exercer outro papel, que poderia se somar ao tradicional desempenhado na esfera da vida privada. Contudo, o traço discriminatório incidente sobre o gênero manteve-se associado à mulher trabalhadora como se esta fosse uma oposição à naturalização que se esperava como atributo do gênero masculino (CRUZ; SANTOS, 2017).

O início da profissionalização da mulher se deu de forma incipiente e entre as raras possibilidades de trabalho formal a docência ganhou destaque como formação e prática profissional preferencial, em especial, pela associação que se fazia entre a ação docente e a tarefa de educação das crianças, claramente um sentido doméstico aí atribuído. Ainda que não houvesse a entrada formal no mundo do trabalho, essa formação docente era prestigiada como

um atributo feminino ou ainda como uma forma de enfrentamento ao poder masculino que porventura tenha sido obstáculo para a continuidade dos estudos das mulheres (CRUZ; SANTOS, 2017), que pode ser interpretado no relato de uma participante quando nos diz que:

[...] quando eu parei de estudar eu tava sem ter o que fazer aí eu digo eu vou fazer magistério, ele disse pra você ensinar? ... eu digo olhe eu não pretendo exercer não, mas pra num tá parada, que era uma coisa mais próxima de casa, eu podia ir a pé e voltar a pé, aí eu fui fazer magistério e aí a gente dava psicologia, né? Pra mim eu só tirava 10! (*risos*) (Ent. 8 – 64 anos)

A escolarização das mulheres dessa geração, além de abrir-lhes a possibilidade de inserção no mundo do trabalho, também pode ser entendida como a objetivação do empoderamento feminino no enfrentamento da ordem estabelecida como prerrogativa naturalmente masculina. E, ainda, que elas não tivessem à sua disposição uma matriz feminista de sustentação, elas anunciam desde então um devir diferente para as próximas gerações (CRUZ; SANTOS, 2017).

Na medida em que fomos procedendo às análises dos resultados sobre o objeto social *velhice*, outros objetos foram se mesclando e se entrelaçando a ele, configurando então, um *sistema de representação* que, para Moscovici (2009), indica que esses vários objetos se articularam para formar um conjunto de representações sociais e apresentar uma rede de sentidos em torno daquele objeto. Apesar de não termos solicitado às participantes da pesquisa que falassem de casamento, de sexualidade, de direito dos idosos, de gênero, elas apresentaram essas tematizações em suas falas. Identificamos, assim, um entrelaçamento dos objetos sociais da *velhice* e do *envelhecimento* com a questão de gênero.

5.2.1.2 Questão de gênero e o processo de envelhecimento e a velhice

A imagem de ser frágil e carente de proteção, por ser mulher, não apareceu nos extratos, entretanto, ficou evidente a iniciação em relação ao papel esperado da mulher na sociedade com atuação na intimidade do lar e presa aos cuidados com a prole. A aprendizagem da maternagem e da função de dona de casa era iniciada na família e pode ser identificada nas falas de participantes da pesquisa,

[...] eu com 10 anos, com 12 anos eu já fazia almoço, cuidava de tudo, era, lavava roupa, que não tinha máquina, era 8 irmãos... Aí depois eu comecei a trabalhar, aí comecei a estudar mais, porque era assim, antigamente, hoje não estuda quem não quer... minha mãe não tinha como me botar pra estudar porque não tinha dinheiro, aí me deixou em casa cozinhando feijão... (Ent. 2 – 75anos)

[...] eu fui a mais velha, eu que tinha que ajudar a mamãe, dar comidinha na boca do meu irmão mais novo, tinha que passar as fraldinha dele... ele nasceu 7 anos depois... essas coisas assim... aí eu ficava... gostava do meu lar, eu gostava da minha família, né? (Ent.4 – 73anos)

Ao contrário do que abordam sobre seus processos de escolarização, ao mesmo tempo, surgem nesse mesmo contexto, outras possibilidades de vir a ser além do papel da maternidade, possibilitando à mulher constituir-se em busca de seu desenvolvimento e realização das suas potencialidades. Estes relatos estão no presente emoldurando a vida das participantes da pesquisa, conforme nos sugerem quando dizem a dificuldade atual de sair do papel da maternagem, continuando também com os netos:

[...] eu tava me libertando mas assim... ainda muito ligada assim a neto, a filhos, num pensava totalmente em mim, hoje eu penso totalmente em mim... tá entendendo? Primeiro eu, segundo eu, terceiro eu! Depois... criei, eu digo a elas, criei vocês três, tá entendendo?(Ent.6 - 70anos)

Os excertos sugerem que no tempo histórico em que estavam situadas essas mulheres, sobretudo, no nordeste brasileiro, havia o domínio do patriarcalismo tradicional, com o predomínio da autoridade masculina e a subjugação feminina ao homem. A ruptura dessa continuidade de maternagem também com os netos não é fácil, porém elas investem nessa liberdade para viver outras experiências.

Todavia, encontramos, também, entre algumas dessas mulheres uma atitude de resistência. Elas romperam a norma machista e foram estudar, trabalhar e construíram uma teia de significados que se contrapõe à ordem estabelecida:

[...] eu quero coisa agora pra aprendizado para o túmulo! Que o que a gente aprende... Aí eu digo olhe aprendizado ninguém toma! Não é verdade? Ninguém toma! A gente leva para o túmulo! Leva pra outra vida! Ninguém toma. Outras coisa todo mundo pode tomar... mas aprendizado minha filha, de jeito nenhum! Então eu quero ir culta! (*risos*) já que num consegui, né? Eu tinha muita vontade assim, de estudar, mas por motivos diversos num deu...(Ent.8 – 64anos)

[...] eu já tava maiorzinha, quis estudar de novo, fui trabalhar no comércio, estudar de noite, aí depois fui trabalhar na Cilpe, na contabilidade, eu era interessada, metia a cara, fazia tudo, entendeu? Trabalhei nove anos na Cilpe, aí foi quando me casei, eu tinha vontade de fazer o segundo grau, só que me casei, não fui estudar mais... (Ent.2 – 75anos)

[...] eu tinha começado o segundo grau e tinha parado, foi na época do casamento, etc. e tal, aquele transtorno todo... e eu parei né? E aí eu digo eu tenho que concluir o segundo grau, porque ficar assim sem um segundo grau também não dá, né? Mesmo eu pretendia assim, estudar alguma coisa, mas não deu... só na próxima encarnação! (*risos*)(Ent.8 – 64anos)

Elas anunciam que as mulheres podem transitar entre as duas esferas, podem sair da exclusividade da vida doméstica e podem ir trabalhar no espaço público, desenhando, então, um novo papel social para a mulher. Como apontam Cruz e Santos (2017), criou-se naquele momento um tensionamento entre a norma e a ação efetivada por elas. Para outras, traçadas as suas resoluções, quando decidiram romper com as normativas de gênero.

Se, por um lado, as participantes pareciam submissas à dominação exercida pelo pai, esposo, e até mesmo irmãos na juventude, por outro, o fato de se rebelarem, buscando alternativas parece ser uma forma de proteger sua integridade pessoal e sua capacidade de ser livre e operante de seus desejos, conforme expressam essas participantes ao nos relatarem,

[...] Sempre eu fui, sempre eu fui, meu pai dizia assim, você não pode, eu dizia não pode? Por que não posso? Naquela época o regime era bem diferente, não pode, eu disse não pode por quê? Se o senhor me explicar o porque, porque fulana, fulana, você tá vendo tudo sentadinha na cadeira, na frente das calçadas, tudo com namorado, então porque que eu sou diferente delas? Eu não posso ser diferente, eu sou igual! (Ent.4 – 73 anos)

[...] Eu, eu tenho um limite que eu não admito que ninguém ultrapasse meu limite... (*risos*) eu sempre fui assim... eu não admito. Eu fiz algumas concessões, na época dos filhos pequenos, com o marido, com o casamento, porque pra manter aquela coisa que em mim eu sempre achei que é necessário, né? Então aí eu deixava invadir um pouco, mas sabendo que aquilo estava errado, e que um dia eu ia cortar aquilo... como eu cortei... (*risos*) cortei! (Ent. 10 – 73 anos)

[...] E aí começou a... as brigas (*risos*) eu brigava muito, que às vezes papai me batia porque ele não queria que eu brigasse, mas eu brigava mesmo, na rua! Com menino! E pior que era com menino, aí papai dizia eu num quero... só via a saia subindo... (*risos*) aí é, andou me dando uns esquentes pra acalmar... (Ent.8 – 64 anos)

A busca pelos direitos de “namorar”, de ser respeitada, e a luta pela igualdade ia sendo conquistada por essa geração de mulheres mesmo enfrentando a violência paterna. Em um duplo movimento de romper com a dominação exercida pelo pai e o reconhecimento da autoridade a ele outorgada, elas vão transitando no que Biasoli-Alves (2000) nomeou de *continuidades* e *rupturas* no processo de construção da mulher como sujeito social livre e autônomo. A transgressão à ordem estabelecida se dava pelo diálogo e pela ação, às vezes no confronto para assumir um lugar no mundo,

[...] como é que se diz... não é moça de namorar em rua, antigamente ficava falada... eu digo eu num tenho satisfação a dar a ninguém! Se eu não posso em casa, vou fazer na rua, mas que eu vou fazer, vou! Vou namorar, vou, vou dar beijo, vou! Vou dar abraço, vou! Entendeu? (Ent.4 – 73 anos)

[...] Mas eu não gostava era de conviver ali dentro com aquele problema e outros problemas que tinham, então aí eu procurava conversar, ele gostava muito de mesa redonda e era nessa hora que eu falava, entendeu? Aí você pensa assim mas não é assim, eu digo bem, o senhor acha... por exemplo, se aqui for pedra, não, se o senhor diz que aqui é pedra, eu tenho que dizer que isso é pedra, porque o senhor tá dizendo? O senhor tem a sua opinião, eu tenho a minha, aqui é plástico! Então não é pedra! O senhor procure verificar o porquê de tá dizendo que isso é pedra, o senhor não tem o conhecimento da causa... (Ent.4 – 73 anos)

[...] Eu não admito que os filhos digam o que eu tenho que fazer... eu admito que eles me mostrem que eu estou errada, me ajude, entende? Que aquilo não está certo, que não deve, que isso, que aquilo, aí eu admito, agora não diga por onde eu devo ir não... que aí eu num vou não! Mas num vou mesmo! Não vou mudar mais nessa idade (Ent. 10 – 73anos)

As proibições, os limites à vivência da sexualidade e as interdições às “verdades” são exemplos dessa luta cotidiana. No confronto com o outro as mulheres parecem se reconhecer como capazes de assumirem elas próprias o protagonismo de suas vidas. Relatam, ainda, os modos de vida diferentes que assumiram com seus filhos, objetivando na forma diferente como os educaram, principalmente as filhas, um anúncio das distintas possibilidades de desempenhar os vários papéis que lhes sejam atribuídos,

[...] Aí... a gente fazia que tava dormindo, quando ele chegava, cadê os meninos? Tá dormindo... quando ele saía era que a gente se levantava, mas eu sempre dizia assim não vou criar meus filhos como eu fui criada, (Ent. 9 – 69 anos)

[...] eu digo pra minhas filhas, nunca diga pros seus maridos o que se passou entre eu e seu pai, pra num dar cabimento... (Ent.6 – 69 anos)

[...] E assim, quer dizer, eu sou muito feliz, me sinto realizada, eu fiz só contabilidade, na minha época minha mãe disse só casa quando se formar, eu obedeci. (Ent.7 – 71 anos)

[...] graças a deus casaram tudo bem, moram nas suas casas, cada uma... uma delas, o noivo passou em engenharia civil, depois num era o que ele queria, desistiu, aí fez, eu vou fazer vestibular pra medicina, aí fez, na primeira vez passou, aí tá fazendo medicina, mas aí ela tem que trabalhar e ele ensina e faz todo sacrifício pra ajudar em casa, mas quem assume é ela, mas tá bem... e ele tá gostando do curso, né? O importante é ele gostar, né? Todo sacrifício é pouco... (Ent.12 – 80anos)

[...] Mora só nós duas... tem um irmão que separou-se da esposa, o caçula, aí veio lá pra casa, mas ele passou só uns oito dias, aí arranjou uma e ficou assim ele ia pra casa dela, passava a noite e o dia passava lá em casa, ainda agora, é assim... depois ele essa que ele arranjou não deu certo, aí ele arranjou outra agora faz um ano que ele casou, aí mora lá com ela, mas vem todo dia, sabe? Ele é... o carro que ele usa é o dela, dessa minha irmã, e aí ele vem almoçar lá em casa, que a esposa dele trabalha e tal e aí ele faz as refeições lá em casa (Ent.8 – 64 anos)

Ao relatarem a existência de mulheres como cabeças de família, ao lado de homens não provedores, a conciliação da profissionalização da mulher com os afazeres domésticos, as entrevistadas estão, também anunciando, a sua implicação neste processo. A transformação nos papéis atribuídos e desempenhados pelas mulheres possibilitou às entrevistadas um contexto social no qual puderam ser dialeticamente, agentes e sujeitos dessas mudanças.

5.2.1.3 Casamento / Descasamento / Viuvez

Parece haver um tensionamento entre a ‘segurança’ proporcionada pelo casamento e a necessidade de liberdade que traz em si, e é compartilhada por mulheres que testemunham um mesmo contexto histórico e social.

Um aspecto, entre as características das participantes, que nos chamou especial atenção foi que do total das 12 entrevistadas, a metade era divorciada. Se considerarmos que essas mulheres partilharam um contexto histórico e social em que não era comum a prática do divórcio, e que a forma como a diluição do matrimônio era representada e tinha fortes implicações sobre a decisão de romper ou manter uma união, ainda que suas consequências se fizessem sentir de forma intensa em suas vidas elas romperam, conforme nos apontou uma participante quando nos diz: “(...) No início eu sofri muito, sabe? Porque naquela época (*começa a embargar a voz*) eu assim... a discriminação com quem se separava era muito grande, era enorme! E eu enfrentei muita coisa, sabe?” (Ent.8 – 64 anos).

Vimos também em suas falas que a separação para essas mulheres pode ser compreendida como liberdade e ruptura com o poder de mando masculino: “(...) Faz uns 20 anos que eu me separei... eu sou feliz, aproveitei muito a vida depois que me separei, tinha casa em praia e num ia... viver o que eu não vivi! Que eu era castrada... então agora eu tô procurando viver... não quis mais ninguém, eu não! Melhor é só!” (Ent.6 – 70 anos). Esta fala nos sugere que a dor e o sofrimento que elas viveram no casamento, em alguma medida, as impediu de buscar outras parcerias amorosas.

Ao romperem com a normatividade que orientava suas práticas, essas mulheres iniciam um processo de redefinição dos seus papéis na sociedade, anunciando uma abertura que possibilitou questionamentos e rupturas com aqueles papéis tradicionais destinados às mulheres daquela época. A situação de viuvez e separação para estas idosas foi muito dolorosa. Mesmo que, para algumas, tenha existido certa preparação construída em uma relação conjugal diferenciada:

[...] Quando meu marido estava ao meu lado, ele me deixava muito atualizada com as coisas lá fora... eu desenrolei tudinho, liguei pro seguro do carro, o dpvat, com tudo, eu num fui besta não viu?... eu me senti só... pra defender meus filhos, as coisa que filho (*o marido*) me falava... tinha que resolver, porque ele me orientou, tudo isso tava na minha cabeça... uma missão! (Ent.7 – 71 anos)

Ainda assim, a dor foi intensa porque para algumas mulheres que dedicaram a vida a serviço do esposo, estiveram envolvidas inteiramente com as atividades domésticas e, viviam em função do desejo do outro, do marido, era como se vivessem pelo outro e não por si. Elas foram se anulando na sua identidade:

[...] a janta na mesa... a toalhinha, o chinelinho... minha mãe dizia você num vai conseguir fazer isso, deixe de botar seus denguinhos... quando chegar menino aí você num vai poder fazer e ele vai lhe cobrar... mas num adiantou... o meu amor, meu desejo era fazer tudo pra ele, ele ia tomar banho e dizia, filha apronta minha roupa, a comida dele quem botava era eu... quer dizer eu senti bastante... eu dizia meu deus isso tá acontecendo? Tá acontecendo isso mesmo? Eu entrei assim... em pânico! (Ent.7 – 71 anos)

Outras mulheres já anunciavam que no casamento viveram o início da liberdade, de modo que hoje é uma geração que mostra também a mudança social. As narrativas nos sugerem uma questão híbrida, tanto tinha aquelas mulheres que foram bem reprimidas como já tinha aquelas com alguma perspectiva de mudança:

[...] Abel (*marido*), tô com vontade de ir pro Maranhão, ele diz: vâ, eu digo: vou passar uns 30 dias lá, ele diz: vá. Meu marido, ainda bem que meu marido num é enjoado, nesse negócio de ciúme, de besteira, de ir pra lá, porque se casasse com um homem ciumento... eu tive um namorado que era ciumento demais... se eu tivesse casado com fulano eu tava... eu num ia viver com ele não porque eu gosto de liberdade! (Ent.3 – 74 anos)

As narrativas dessas mulheres estão situadas entre a conformidade com a norma representada pelo casamento, em um modelo tradicional com posições hierárquicas definidas, com o homem na posição de mando, e a busca pela libertação da mulher, a partir da problematização da rigidez na hierarquia entre os gêneros no casamento. Todavia, ainda que reconheçamos nesse movimento de reconstrução da identidade feminina uma busca pela igualdade entre os gêneros, deve ser destacado que havia permanências, quer dizer, continuidades no seguimento de valores tradicionais associados ao feminino e ao masculino (BIASOLI-ALVES, 2000).

Desse modo, a identidade feminina transita entre continuidade e rupturas. Uma participante nos diz sobre a sexualidade reprimida por experiências difíceis “(...) Porque eu fiquei com receio assim de refazer minha vida, e aí eu acho que me prejudicou nesse canto,

só.”, e ao mesmo tempo aponta que “... eu não deixo ninguém interferir naquilo que eu quero! Por isso que eu casei e não vivi com o marido muito tempo porque eu não aceito, entendeu?”.

Nas falas das participantes os achados sugerem que as entrevistadas, mesmo sem ter clareza, apontam as demarcas do feminismo em suas histórias de vida, como pode ser interpretado nos trechos seguintes:

[...] o homem da maneira que está hoje em dia, que muitas vezes não respeita, muitas vezes diz certas coisas que a pessoa não quer ouvir, então eu tenho um temperamento muito forte, aí se disser a primeira vez eu digo por favor... a segunda, eu digo por gentileza... a terceira eu meto a mão na cara... é... porque eu já fui maleável demais... como é que eu vou pra um lugar pra me divertir e eu vou procurar encrenca? Eu num gosto... ah... fica dizendo gostosa, é gordinha mas é num sei que... num tem esse negócio não! Me respeite tanto quanto eu lhe respeito, por isso que eu digo respeito é bom e eu gosto! (Ent.4 – 73 anos)

Sugerimos a partir do extrato acima que a participante nos comunica a reivindicação de ser respeitada na forma como se apresenta no mundo, ou como diz Le Breton (2011), traduzida na materialidade corporal. Se ela repele observações quanto ao volume e aparência do seu corpo, está, também, delimitando fronteiras entre si e o outro.

[...] olhe eu com segundo grau eu tinha motorista quando era solteira. Fui trabalhar numa vendinha perto de casa, porque o que ele dava num dava pra sustentar minhas filhas, fui trabalhar, num tive vergonha não, os vizinhos iam lá na venda, ia comprar, me dava a maior força, eu num tava me prostituindo, era honesto, num to roubando, fui trabalhar... eu saí de lá porque o homem disse que num tava mais podendo pagar, tá entendendo? (Ent.6 – 69 anos)

Identificamos traços feministas nesta ampliação da ocupação de espaço, a mulher acrescenta ao mundo privado da família a sua inserção no mundo público. A busca por autonomia e independência para gerir a própria vida através do trabalho também pode ser compreendida como uma confirmação identitária de sujeito social (BIASOLI-ALVES, 2000; AMAZONAS, VIEIRA, PINTO, 2011).

5.2.1.4 Violência contra a mulher no passado e no presente

Tratar a violência na velhice como uma questão geral, que se explica pela vulnerabilidade física e psicológica dos mais velhos, pode resultar em uma visão estereotipada acerca da velhice. Esta redução/simplificação dificulta a identificação dos marcadores sociais, econômicos e políticos, nos quais, provavelmente, se encontram os diferentes agentes geradores de violência, que em princípio estão relacionados com a violação dos direitos

humanos. Sendo assim, Sanches, Lebrão e Duarte (2008), propõem que a violência impetrada aos mais velhos deve ser analisada de forma mais ampla, de modo que se evite vitimizar de imediato os mais velhos, e assim, reforçar uma representação social da velhice como uma fase da vida *naturalmente* vulnerável e desprotegida, que pode ter como consequência o mascaramento dos problemas de exclusão e injustiça social, que por sua vez, são os principais agentes geradores de violência.

De acordo com Minayo ,

[...] Violência é um conceito referente aos processos, às relações sociais interpessoais, de grupos, de classes, de gênero, ou objetivadas em instituições, quando empregam diferentes formas, métodos e meios de subjugação de outrem, ou de sua coação direta ou indireta, causando-lhes danos físicos, mentais e morais (MINAYO, 2003, p. 785)

Sanches, Lebrão e Duarte (2008), refletem sobre outro aspecto da violência contra idosos, a partir de um estudo realizado por Phillips (2000), em que se discute a questão da violência contra as mulheres, em especial as que já sofriram violência doméstica antes de envelhecerem ou as que cuidam de cônjuges ou familiares mais idosos e são agredidas por estes. Dessa perspectiva se pretende chamar a atenção para a vulnerabilidade da mulher em todas as faixas etárias e sua maior suscetibilidade para a violência, com uma tendência a se manter ou se agravar cronicamente esta situação de fragilidade com o envelhecimento.

As participantes da pesquisa relatam episódios de violência que sofreram ao longo de suas vidas, ora apresentando-se como ação física, como diz a participante: “É assim que quando ele tomou conhecimento que eu tava namorando ele me deu uma surra que eu fiquei com o olho roxo” (Ent. 4 – 73 anos), referindo-se ao pai, ora a violência simbólica sendo exercida através de processos complexos e nem sempre visíveis,

[...] Não tinha emprego porque ele num quis que eu trabalhasse... meu marido disse pra eu escolher o emprego ou ele... eu disse depois a ele que nem que eu pertencesse a ele eu devia ter feito isso, porque foi aí que ele montou em mim, viu a minha fraqueza... eu já tinha minhas três filhas... e ele não deixou... dava em mim... eu disse da próxima vez que você der em mim eu fazer uma com você que você vai ver... não vai se esquecer mais nunca! Faça! Aí ele olhou pra mim... Minha vida foi essa... a gente vê ainda hoje, em pleno século XXI as mulheres sofrendo com marido, se omitindo... eu fico revoltada...(Ent.6 – 70 anos)

A participante reconhece que se submeter à dominação do marido, em nome das atribuições maternas, criou as condições para ela própria ter o seu crescimento pessoal prejudicado, adiando assim, a sua participação no mundo do trabalho. Mesmo que estivesse

sob a égide da ordem social vigente, que sugeria que este era o principal sentido formativo da família, como apontam Cruz e Santos (2017), ao recuperar esse ponto de sua trajetória pessoal, a entrevistada nos indica que a experiência de opressão também a preparou para o seu enfrentamento.

O reconhecimento das atitudes do outro em relação a si mesmo, marcadas por humilhação e desrespeito, a manifestação corporal de viver “com muita dor de cabeça” e o comportamento do outro que a desconsidera e exhibe ostensivamente o seu prazer,

[...] eu vivia com muita dor de cabeça, que ele me menosprezava muito, aí me botou num sétimo andar, quem morava em residência, em casa... aí fiquei isolada mesmo, aí era uma dor de cabeça, uma dor de cabeça, que ele chegava, aquilo ali eu num tinha apetite... e ele comia e alisava assim a barriga dizendo vixe como eu enchi! (Ent.6 – 69 anos)

Pudemos compreender, a partir dos achados, que a violência vivida por essas mulheres assumiam diversas formas, dentre elas, a tirania exercida pelo pai ao se negar terminantemente a adquirir uma casa própria para a família, salientando-se que este se constitui em um sentido normativo primordial do contexto sócio-histórico da época. Ancorado no modelo patriarcal, a negação dos apelos e ações da esposa e filhas, ilustra a forma como a subjugação da mulher pelo homem afetou o percurso de vidas dessas mulheres,

[...] e ele também não tinha interesse... ele dizia sempre eu morro... deixar a casa pra viúva morar com outro! Eu num vou deixar nada pra ninguém... às vezes saía um tal dos atrasados, era um dinheiro extra, e geralmente não era tão pouco não... aí mamãe dizia vamos procurar, mamãe andava, andava, quando levava as pessoas pra fazer negócio, ele desfazia... ele num tinha interesse... ele sempre disse que num queria deixar... (Ent.8 – 64 anos)

A tirania exercida pelo cônjuge se manifesta na dependência econômica, quando há um controle total das ações realizadas por essas mulheres, não havendo espaço para o exercício da realização de seus anseios e desejos, como diz a seguinte participante,

[...] ainda mais eu dependia dele, depois aí ele, eu pedia dinheiro pra fazer uma unha, cortar o cabelo, fazer num sei o que... me sustentar, tudo isso eu aguentei...(Ent.6 – 70 anos)

Na fala desta entrevistada podemos inferir que a violência cotidiana foi objetivada na dependência financeira a que estava submetida, que tanto pode ser relacionada ao marido, como também pode ser testemunho de um tempo anterior ao casamento, aí sob o mando do pai, ou até mesmo de irmãos.

No presente, ao assumirem o espaço público as mulheres nos dizem as expressões da violência em respeito à vida urbana e à circulação dos sujeitos pelas cidades, enfatizando-se a questão dos transportes públicos e do trânsito. Apesar da ordenação legal que existe em relação à vida do idoso na sociedade, a experiência cotidiana de circulação pelos espaços públicos, relatadas pelas entrevistadas, contradiz o propósito da legislação construída,

[...] então você não tá sabendo dos meus direitos... por que os meus direitos... o meu direito é sentar nesta cadeira, ou nessa, ou nessa! Então você, ou peça a outra pessoa pra me dar... a cadeira, tá certo? A gente num briga, a gente num discute, mas eu to reivindicando os meus direitos, e o meu direito é esse! Sentar na cadeira aí, tem escrito ali ó...leia, entendeu? Então... eu sempre fui assim, sempre, e também é... tem idosos que não se respeitam, por exemplo, é... coisas assim que faz que eu acho que num é, que num fica bem... sabe? (Ent.4 – 73 anos)

[...] existe poucos que entendem o velho, o idoso né? Que respeitam, por exemplo, no ônibus, tem o lugar do idoso e tem até escrito, eles sabem ler, num é? E o que não sabe, entende, a idade permite que sente naquele lugar... aí muitas vezes fica dormindo, quando acontece comigo (...)eu batia assim (*demonstra batendo na mesa*) na, no ombro e dizia: olhe você está sentado no meu lugar, então você levante e me dê o lugar (Ent.4 – 73 anos)

[...] aí a gente vê o desrespeito que tem o motorista, não são todos, de 100 se tira um, um.. vamos supor uns 10% que tenha respeito, que a gente só vê eles falando do idoso, ele reclama quando o idoso apanha um ônibus... eu observo muito isso, apanha o ônibus numa parada e desce na outra, às vezes eles passam, não para, acontece muito isso... eu fico observando isso tudinho, (Ent.3 – 74 anos)

De acordo com Machado, Gomes e Xavier (2001), em estudo com idosos na cidade do Rio de Janeiro, essa forma de violência urbana começa no design dos ônibus com escadas de acesso muito altas e roletas apertadas ou difíceis de mover, e continua no desrespeito, sobretudo, na insensibilidade de motoristas e cobradores. Muitos não param nos pontos quando os veem; partem e freiam bruscamente, afetando diretamente o equilíbrio das pessoas e colocando-as em risco de acidentes. Por vezes, os outros usuários dos transportes não lhes oferecem lugares de assento aos que, pretensamente, teriam prioridade. Resultados semelhantes foram identificados nas falas das participantes acima.

Essas mulheres que na sua história pessoal lutaram por direitos, na velhice elas entendem que esses direitos só são conquistados como um direito coletivo, para todas as pessoas, para todo cidadão,

[...] eu digo não, num aguento, vou ter que falar mesmo, eu digo você tem a carteira de idosa? Fica sentado é idoso, né ela não! Deu pra entender? Quem tem que ficar sentado é o idoso! Tem umas que ficam caladas, num reclamam... eu falo por mim e por elas... eu sou assim. (Ent.7 – 71 anos)

[...] onde é que fica o governo nisso? Num tá... a delegacia do idoso... num é necessário você ir dar parte não, quando você chegasse no hospital que o idoso ficasse, com uma fratura, uma coisa... teria uma pessoa ali da delegacia do idoso, ou qualquer assistente de saúde, de qualquer coisa, que viesse conversar com você, e saber como foi aquilo... então daria o que? Um respaldo (Ent.5 – 76 anos)

[...] eu não entendo o que eles entendem, mas eu respeito, porque o respeito é bom e eu gosto. Gosto muito de respeito, agora quando vem me desrespeitar eu digo peraí... devagar, que o andar é de barro... você tem essa sua, é, é, a sua, você tem a sua concepção e você acha... se você pensa assim, parabéns e siga, agora depois num se arrependa, né? Num se arrependa... (Ent.4 – 73 anos)

[...] Porque é interessante você saber sobre política, você saber em quem vai votar, você saber o que é, tudo aquilo é importante... (Ent.1 – 68 anos)

Vale destacar esse espaço da idosa cidadã que se reconhece na participação social e que, embora tenha lutado na sua história de vida, por conquistas pessoais, ela agora entende o que é o direito coletivo. A condição de sujeito social se traduz na reivindicação de direitos para si e para todos.

5.2.2 Medos do envelhecimento: O enfrentamento desses medos

O segundo bloco temático é o do *medo do envelhecimento*, que vai se expressar de diferentes formas que surge como medo da dependência, como medo da solidão, como um estranhamento ao desconhecido, no entanto também aparece o enfrentamento desses medos. A partir das falas das participantes podemos identificar essas ambiguidades:

[...] Me preocupa assim... é... eu ter um problema, um problema de doença e ficar dependendo dos outros, entendeu? É só o que me preocupa, mais nada, ficar assim sempre dependendo, porque a gente quando não é, quando desde juvenzinha que a gente faz tudo, faz tudo e aí acontecer um negócio desse deve ser muito trágico, num é? Muito difícil pra você ficar... aceitar... mas ao mesmo tempo tem que aceitar né? Porque são coisas da vida... a gente num controla... aconteceu, aí a gente tem mais é que... porque tem gente que num se conforma, vamos dizer, pra ficar dependendo de um, de outro, também muita gente fica assim revoltado porque sempre fez, fez, por aquelas pessoas e na hora que precisa... é difícil... o comportamento é diferente... (Ent. 3 – 74 anos)

[...] pedir a Deus que ele não me bote em cima da cama como botou meu pai, que deu muito trabalho e sofreu muito...(Ent.5 – 76 anos)

[...] E eu soffro porque num sou independente. O meu maior, olhe o meu maior... os velhos, a maioria dos velhos, a maioria da tristeza deles é não ser independente! (Ent.9 – 64 anos)

[...] É, é, e não tem como você... eu vivo sozinha, entendeu? Eu moro só, não tenho família, eu já tive muito problema com família, hoje eu não tenho

praticamente ninguém, mas é, eu procuro passar por cima de tudo isso, entendeu? (Ent. 1 – 68 anos)

A representação da velhice, como uma fase da vida em que aumentam as probabilidades de perda de controle sobre o que acontece consigo mesmo, parece justificar o temor que surge, sob as diversas modalidades, nos relatos das participantes, quando apontam a preocupação por não sentirem a segurança em poder contar com apoio de pessoas próximas em caso de necessidade, e se sentem ameaçadas por uma solidão que podem experimentar justo em um ponto da trajetória de vida em que teria maiores expectativas de reciprocidade: “... fez, fez por aquelas pessoas e na hora que precisa... é difícil... o comportamento é diferente...” (Ent. 12 – 80 anos). Ainda que a solidão tenha sido o resultado das escolhas feitas ao longo da vida, e como tal seja vivida como uma conquista, a preocupação com as situações de maior vulnerabilidade associadas ao envelhecimento dispara o temor de não ter com quem contar: “... eu me preocupo assim, em tá só, num é?” (Ent. 12 – 80 anos).

O medo da dependência em uma geração que lutou por independência nos pareceu coerente e justificável, porque se para algumas mulheres que nasceram nas gerações anteriores às delas, que podiam até experimentar os mesmos sentimentos de submissão e de opressão pela dependência, não parece ter tido o peso que foi sentido pela geração que se segue à década de 40 do século passado, que podemos dizer que foi uma geração da “passagem”, elas lutaram para serem independentes. E como aponta Lins de Barros (2011), foi uma geração que acompanhou as implicações dos movimentos feministas, problematizou a hierarquia, as assimetrias de gênero e questionou a fixidez dos papéis atribuídos à mulher no espaço doméstico, e ainda tem acesso ao controle da natalidade e ao mundo do trabalho, no entanto, compreendemos também que,

[...] entre uma geração e outra de mulheres há demarcações geracionais que distinguem os universos femininos, mas não como mundos sociais intransponíveis, uma vez que as mudanças relativas às condições de gênero combinam-se com as permanências ao longo dessas décadas (LINS DE BARROS, op. cit., p. 57).

As participantes falam dos diferentes medos que experimentaram e se expressaram tanto em relação à figura paterna quanto ao marido e, na velhice, o medo de perder a independência conquistada:

[...] mas antigamente, era só dentro de casa, dentro de casa, da casa pra escola, tinha hora pra chegar... cada vê que tinha um atraso papai reclamava por causa da hora... eu num respondia mas ficava nervosa, sabe como é? Ficava com medo de papai... ele ia almoçar, eu e o caçula íamos nos deitar, fazia que tava dormindo, papai chegava, papai era... eu amava, amo ele

ainda, mas era ignorante, eu sempre perdoei ele, era um homem que num tinha cultura, tás entendendo?(Ent.4 – 73 anos)

[...] nunca digo às minhas filhas o que eu fazia, o que eu aprontava, ia para o clube perto de casa, aí papai chegava, papai era muito conhecido onde a gente morava, ele ficava procurando a gente e a gente embaixo da mesa, a toalha da mesa cobria e ele num via... se não a gente ia pro banheiro dos homens e ficava uma na porta pra ninguém entrar, que a gente ficava escondida no banheiro dos homens (*risos*) pra dançar... pra dançar... aí quer dizer, eu tive uma prisão do meu pai, encontrei um homem que eu dizia a ele, menino eu nunca vi tão parecido! (Ent.6 – 69 anos)

Primeiro, sentiam o medo do pai e a rigidez de horários e o rigor na convivência, mas também vão indicando atitudes de transgressão,

[...] Se fosse hoje eu ia varrer rua, fazer faxina, qualquer coisa, mas num ia sujeitar a homem não minha filha! Ao que os homens tão fazendo hoje não! Eu acho ainda que eles fazem isso porque vê que as mulheres são submissas, tá entendendo? As mulheres ainda são muito submissas! Muitas prestam queixa, depois vão tirar queixa... aí é isso também que eu passo pras minhas filhas... num entre nessa não! Num entre nessa!(Ent.6 – 69 anos)

[...] depois disso tirei minha habilitação, ele não deixou eu pegar no carro, tá entendendo? Aí eu vi minha capacidade quando eu fiz psicotele no DETRAN, tá entendendo? Mas tirei minha habilitação, mostrei a ele, ele só faltou engolir a minha menina, a mais velha porque... quando ele chegou e soube que eu tinha passado né? (Ent.6 – 69 anos)

Identificamos nos achados os sentidos de libertação objetivados no ato de dirigir, mesmo diante da impossibilidade de ter acesso ao carro do cônjuge, a participante nos diz do seu enfrentamento quando procura “tirar a habilitação” como forma de legitimar suas habilidades, que haviam sido colocadas sob suspeição desde o comportamento opressor do marido. Sentidos de liberdade também estão objetivados nas falas que ilustram como essas mulheres fizeram e fazem a gestão da própria vida, e no reconhecimento de seus desejos e implicação com a sua realização.

Após o casamento o medo era do marido e da violência doméstica e o enfrentamento desse medo se dá pela busca da autonomia financeira quando diz que iria ‘varrer rua, fazer faxina’, qualquer coisa para se desvencilhar da submissão aos maridos, ou através das ações que confirmassem suas capacidades, postas em dúvida na situação de opressão vivida no casamento, como ilustrado na aquisição do documento que a autorizava a dirigir automóveis. Estes sentidos vão delineando a construção da liberdade dessas mulheres.

Outra expressão do medo que as participantes apresentaram foi o de não ter independência na velhice,

[...] Minha vó mermo, quando ficou muito idosa... tinha muitos filhos, tinha sete mulheres e dois homens, ela passava dois meses na casa de uma filha, dois meses na casa do outro, num tinha seu lar! É muito diferente! Porque pelo avô eu num sei dizer mas por minha avó materna, ela ficava dois meses numa casa, dois meses... num é vida! A gente tem que ter o cantinho da gente... com as coisinhas da gente... como a gente gosta... é muito diferente. (Ent.12 – 80 anos)

Quando rememoram histórias das gerações que as antecederam, as participantes parecem compreender que a hierarquia entre os gêneros ao mesmo tempo em que justificam a desigualdade e consequente opressão/dominação exercidas pelo masculino sobre o feminino, também as preparam para a ação de transgressão a essa normatividade, que são objetivadas ao apontarem formas de contraposição à submissão vivida pela mulher.

Apesar do medo que elas experimentaram com os pais, no casamento e, depois, na velhice e, mesmo assim, não conseguiram efetivar tal resistência, manifestaram o desejo de transmitir às filhas e netas as suas experiências, para que não reproduzissem a opressão a qual elas próprias foram submetidas, conforme ilustrado neste depoimento,

[...] ele disse eu num quero mulher minha na rua não... eu era tão besta, tão besta, que eu pensava que isso era amor... é isso que eu passo pra elas! Digo minha gente que minha vida sirva de exemplo pra vocês, vocês viram, presenciaram, mas eu era presa por meu pai, aí eu num tinha conhecimento do mundo lá de fora... né? E elas não... elas viram dentro de casa né? Aí pronto. (Ent.6 – 70 anos)

A preocupação com o que não são mais capazes de fazer, o que antes se fazia sem dificuldade, é muito presente na fala das entrevistadas e traduz a percepção do envelhecimento marcado por maior dependência física e ameaça à autonomia. É o que entendemos quando nos dizem que:

[...] envelhecer e ficar muito dependente... meu deus! A dependência física... e pior, que se a pessoa tiver, não tiver mais com a mente... por exemplo, minha sogra morreu com 103 anos, mas a cabeça dela já não tava agindo mais nada, então pra ela tanto fazia como não, não é? Mas se a pessoa ficar com a mente ainda lúcida, e depender fisicamente dos outros... isso deve ser um horror! Eu temo muito, muito, muito isso mesmo. Eu temo. (Ent. 10 – 73 anos)

[...] O que me preocupa é ficar em cima de uma cama, isso me preocupa, eu peço muito a deus que ele me tire assim vupt! Que eu durma e não acorde... porque você já de idade, ficar em cima de uma cama dando trabalho aos outros, seja ela quem for.. não é bom... essa é minha maior preocupação é essa. Eu acho que é de todo mundo. Todo velho tem medo. (Ent,6 – 64 anos)

A sensação de impotência diante da doença e do declínio do corpo é partilhada pelas participantes da pesquisa e é corroborada por outros estudos que objetivaram identificar as representações de velhice e de envelhecimento entre pessoas idosas e ressaltaram essa preocupação com a fragilidade e a consequente perda de autonomia e dependência na velhice (SILVA, 2016; COELHO; GIACOMIN; FIRMO, 2016; ABOIM, 2014; GUERRA; CALDAS, 2010). A convivência com familiares que demandaram cuidados intensivos reforça essa preocupação com a possibilidade de dependência na própria velhice: Esse medo da dependência se manifestou quando as entrevistadas foram estimuladas a falar sobre como projetavam o seu futuro,

[...] a gente cuidou de uma mãe, de uma tia, tudo já com a saúde, com a idade de noventa e poucos anos, quase 100! 93, uma assim... morreu com 94, a outra morreu com 95 pra 96... assim... quer dizer que é tudo perto de completar 100 anos... e então a gente protegeu toda a casa, tirando tapete né? A gente botando os, as proteções no banheiro, aquelas proteções no banheiro... e tudo... alargando as coisas, o espaço, dando espaço pra passarem, coisa de vidro, assim centro né? (Ent.7 – 71 anos)

[...] E aí eu saí porque fui cuidar de minha mãe que ela teve um AVC, aí eu cuidei seis anos, e aí depois que ela morreu eu num consegui mais trabalhar, por causa da idade, etc. num consegui nada! (Ent.8 – 64 anos)

[...] meu pai mermo passou 4 anos numa cama e numa rede, era da cama pra rede e da rede pra cama, porque nem numa cadeira podia ficar... ele caía... aí você viu isso tudinho, você fica com medo... (Ent.9 – 64 anos)

[...] eu tenho que ter paciência... eu tenho várias obrigações, ser paciente com ela porque primeiro é minha mãe, segundo que ela foi uma pessoa muito sofrida na vida né? Então eu tinha que ter muita paciência e muita dedicação, né?(Ent.10 – 73 a nos)

A implicação com o cuidado dos pais, todavia, não diz respeito apenas à solidariedade que se espera das gerações mais velhas, mas também enuncia um conflito intergeracional, objetivado na responsabilização do tempo dispendido na prestação de cuidados dos familiares mais velhos o que ocasionou não ter conseguido a inserção ou a reinserção no mundo do trabalho. Outra situação de conflito foi ilustrada pela auto-obrigação em ser paciente, ao mesmo tempo em que sinaliza o temor de não ter com quem contar, caso venha a demandar por cuidados semelhantes. Decerto que, como aponta Albuquerque (2017), a solidariedade e o conflito intergeracional não são dimensões que se antagonizam, mas são compreendidos como aspectos, de um mesmo constructo, que se articulam em um processo de construção social, cultural e política das relações entre coortes geracionais. Dessa maneira, ao se tomar a velhice e o envelhecimento como constructos socioculturais, avançamos no entendimento das

condições e condicionantes das relações intergeracionais, ora da solidariedade, ora do conflito.

5.2.3 Cuidado de si na velhice

O terceiro bloco temático vai comportar o *cuidado de si*, que, de forma distinta de como vimos o envelhecimento naturalizado e os medos, quase como um produto da velhice, vai ser tratado como processo e acompanhamento especializado, permanente.

De acordo com Foucault (1985), cuidar de si durante toda a vida caracteriza-se como um princípio formador do sujeito, deve ser exercitado em todo o ciclo da vida. Na velhice esse cuidado pode assumir contornos distintos, ora de reação contra os sinais do envelhecimento, ora como um processo contínuo de aprendizagem, de crescimento intelectual, emocional e psicológico, associado aos sentidos de prazer e satisfação pessoal, juntamente, com os cuidados com a saúde pelo próprio processo de envelhecimento. Em relação aos cuidados com a saúde os idosos nos dizem da multiplicidade de exames, de consultas e de especialistas, medicações e atenção aos hábitos e costumes que passam a compor a rotina na velhice, como ilustram as falas:

[...] aí eu saí boa de tudo, fui pro neurologista, inda vou pro cardiologista, esse ano ainda vou marcar, cardiologista eu vou particular, sabe? Mas tá tudo certo! Tomo meu remédio, hoje mermo eu vou atualizar o exame de rotina, né? Hoje eu vou... atualizar pra fazer, marcar o clínico, médico geriatra e levar os exames... (Ent.12 – 80 anos)

[...] Olhe, eu estou vivendo com alegria, eu estou vivendo me cuidando, cuidando da minha saúde, que, olhe é dois ou três exames por dia que eu faço... e me alimentando bem, depois que, que pela internet eu vejo as coisas que são boas, aí eu procuro fazer, e como bastante verdura, bastante fruta, eu tenho assim um cuidado (Ent.7 – 71 anos)

O arranjo cotidiano que comporta uma atenção especial com a saúde pode estar ancorado em um *themata* de normalidade, um padrão normativo a ser cumprido por quem deseja viver uma ‘boa velhice’ e que é disseminado, amplamente, nos meios de comunicação: “... pela internet eu vejo as coisas que são boas, aí eu procuro fazer...”.

Outro sentido que identificamos relacionado ao *cuidado de si* foi a busca do prazer, que compreendemos como uma atitude de resistência e enfrentamento no que tange aos desafios apresentados na velhice. Sentir prazer é algo possível e desejável para essas mulheres que em seus relatos nos apontam que, a despeito de todas as dificuldades que enfrentaram em

suas trajetórias de vida são capazes de identificar e ansiar por experimentar situações que lhes proporcionem bem estar e prazer:

[...] eu agora to sabendo o que é me botar em primeiro lugar... e é muito bom... (*risos*) o que vier eu... tando dentro das minhas condições eu faço... eu já disse a elas eu vou fazer dança de salão... disse que aqui tem... eu sempre tive vontade de fazer dança de salão, sempre eu tive loucura (Ent.6 – 69 anos)

[...] Aí fui me embora e passei um mês no Canadá com ela, passei que só... foi assim... de vez em quando eu dou umas fugidas... já viajei de navio várias vezes com minhas amigas, ele num podia ir, na época ele ainda tava trabalhando, agora não, que já tá aposentado, mas ele num é... eu vou dizer eu vou viajar com as minhas amigas que ele conhece, vou com Ivanise pra tal lugar assim... a gente vai fazer uma viagem de navio tá? Vai... (Ent.3 – 74 anos)

[...] passiei, passiei, aí depois a perna começou a doer, aí eu disse pro meu filho eu só vou até aqui, que aqui é a minha condição, meu limite é aqui, aí ele achou muito interessante, deixou todo mundo que participou, ela não tá aguentando mais, e ficaram tudo olhando pra mim assim, e disseram eu não estou sentindo nada, eu disse você, mas eu tô sentindo que a minha perna tá doendo e vou deixar chegar ao extremo? Meu direito é esse, então vou para o hotel, aí nós fomos para o hotel, chegando no hotel tomei um banho, desci, almocei e fui dar uma dormida muito boa (Ent.4 – 73 anos)

[...] E ainda faço ginástica, faço caminhada, tai chi chuan ali no CIS... (Ent. 2 – 75 anos)

A velhice permite, pela situação de distanciamento das obrigações da labuta com a criação de filhos, com os serviços domésticos, voltar-se para a própria vida. O cuidado de si também se expressa na busca por experiências de aprendizagem diversas – dançar, viajar, passear – que visem o desenvolvimento de novas habilidades e conhecimentos e que são empreendidos pelos sujeitos na velhice, desde a perspectiva do envelhecimento ativo, asseguradas as condições básicas para a sobrevivência, e em oportunidades de participação integral na sociedade, respeitadas as limitações.

Em especial as participantes nos dizem que é o dinamismo com a participação social que as mantém lúcidas e sem dificuldades cognitivas,

[...] quero estar a par de tudo... num invente de me deixar encostada não... eu sou assim...(Ent.7 – 71 anos)

[...] É porque eu faço com que minha mente seja bem... num sabe? Todos nós temos problemas, aí quando vem os problemas eu digo tem que resolver imediatamente pra esse negócio não me atingir, não é? Porque possa ser que me atinja e aí eu fico borocoxô... não gosto de ficar borocoxô de jeito nenhum, quando acontece um negócio assim, eu vou-me embora lá pro shopping... eu passeio, vejo as vitrines, tá entendendo? (Ent.4 – 73 anos)

[...] eu acho que o conhecimento ajuda muito, porque à medida que a gente tem conhecimentos, assim, culturais, né? Ajuda a gente a compreender, a aceitar muitas coisas... e um conhecimento vai puxando outro né? (Ent.8 – 64anos)

Estes sentidos de aprendizagem de novos conhecimentos e culturas focam a dimensão cognitiva. Interpretamos nesses trechos de fala que essas pessoas envelhecem sem perder a conexão com o mundo que as cercam, e empreendem uma busca contínua pelo conhecimento, reforçando os sentidos de ser *experiente* e *sábio* que são características atribuídas à *velhice* e ao *envelhecimento*.

[...] eu gosto de, de tá assim com grupo e aprender cada dia mais alguma coisa, entendeu? Porque sempre a gente nunca, vamos dizer... nesse curso mesmo que é que a gente, o, o objetivo da gente é aprender alguma coisa mais, e sempre deixa, a gente contribui né? É isso. (Ent.3 – 74 anos)

[...] procuro aprender muita coisa na velhice, coisas que eu não tive tempo ou num tive oportunidade de aprender quando era mais jovem, e procuro ser muito feliz na medida do possível (Ent. 10 – 73 anos)

[...] Eu aprendi tanta coisa... pelo menos eu peguei mais segurança, eu num era uma pessoa segura, hoje eu me sinto uma pessoa segura, hoje eu me sinto assim... em condições de eu dar força a uma pessoa que tá precisando... eu num tenho medo, enfrento as coisas, tá entendendo? (Ent. 6 – 69 anos)

O traço distintivo desse grupo de participantes é que esses sujeitos se veem no lugar de reconhecimento e valorização social, levando as idosas a reconfigurarem sua imagem como também de sucesso. Em suas falas as idosas demonstram sentir orgulho deste empoderamento que a universidade confere. Outro aspecto a ser destacado é que a participação em atividades de aprendizagem permanente pode ser entendida como uma medida protetiva contra prejuízos cognitivos na velhice e, como tal, configura-se em uma estratégia importante para a manutenção da participação social na velhice.

Também identificamos que há nessa procura por aprendizagem permanente uma busca pela socialização, pelo contato interativo, uma aproximação com as tecnologias, uma vez que a utilização das ferramentas digitais, como os computadores, por exemplo, pode ampliar as experiências, as amizades e proporcionar uma forma de lazer segura e instigante,

[...] a gente procura viver o melhor possível... eu, eu to vivendo os momentos, eu vivo o momento. Eu acho que a maioria do pessoal idoso é assim, vive o momento, procura viver... isso aqui que a gente faz (*referindo-se às atividades desenvolvidas no curso que frequenta na UnATI*) é muito bom! Esse espaço... que a gente vem com problema, a gente brinca, a gente

se distrai, e deixa lá... cada um com seus problemas, eu não trago problema pra aqui, entendeu? (Ent.9 – 64 anos)

[...] Às vezes eu saio de casa aborrecida, mas converso com um aqui, converso com outro e assim você se distrai, você faz um trabalho, e isso é muito bom... isso aqui para os idosos foi ótimo esse espaço, tem, num tem coisa melhor que esse espaço pra gente! (Ent.9 – 64 anos)

[...] eu já não tava mais querendo nem lutar contra nada! eu não saía do quarto, isso aqui (*referindo-se à UnATI*), porque... aí foi quando disseram Edileuza, procura lá... a federal, que tem um negócio dos idosos... aí eu vim pra cá. Eu melhorei muito! Tomei muito tempo remédio controlado... hoje eu num tomo nada, que eu to liberta disso aí... primeiramente deus, né? Segundo aqui! Me libertei! (Ent.9 – 64 anos)

Não é só a dimensão cognitiva do envelhecimento que aparece como um propósito para a busca por atividades de aprendizagem permanente, também é a interação que se revela como fundamental para o dinamismo da aprendizagem e da convivência social.

Em um sentido desafiador, Banhato e colaboradores (2007) discutem que assim como o acesso à tecnologia pode ser um indicador de pertencimento a um tempo e a um contexto social, também pode, paradoxalmente, ser fator de exclusão, visto que as pessoas mais velhas enfrentam algumas dificuldades no acesso à tecnologia, que podem ser explicadas por certa incompatibilidade no manuseio dos artefatos tecnológicos, como nos informam as participantes,

[...] Eu acho superimportante, entendeu? Eu sou uma pessoa centrada, eu gosto de, de... é..., tudo que tem de novidade eu to sempre buscando, eu já fiz não sei quantos cursos de informática, ontem eu comecei outro, entendeu? (Ent.1 – 68 anos)

[...] num sei por que, eu num sei por que começou esse negócio de celular, e eu num gosto de celular, o meu é pequenininho, normal, sabe? Aí eu num gosto não, aí a tecnologia tá muito, correndo muito e eu num corro muito, não posso correr (*risos e me mostra seu aparelho de celular*) (Ent.4 – 73 anos)

[...] Eu fazer... bem, por enquanto eu queria fazer informática, já fiz, mas queria fazer de novo, eu tenho computador, mas não sei usar direito, minha filha não tem paciência de ensinar, às vezes eu pego nele coisa e tal, mas não sei mexer mesmo não, acabo me aperreando, minha cabeça não tá... feito celular, mas eu consigo usar o whatsApp... (Ent. 2 – 75 anos)

Os dados nos permitem inferir que a convivência com esses dispositivos tecnológicos confronta as entrevistadas com uma limitação para atender com presteza os ditames da complexidade e da rapidez, que são associadas à tecnologia. De acordo com Kachar (2010), desde o momento em que se adquire um equipamento tecnológico, já se admite que a sua validade seja breve, não exatamente por incapacidade de execução das ações para as quais

foram programados, mas porque outra versão já está em fase de desenvolvimento e logo será colocada no mercado de consumo.

Essa mesma autora indica o telefone celular como um exemplo desse apelo à renovação vigente em nossa sociedade, o celular com seus novos formatos, interfaces e recursos, que incluem novas funções, antes distribuídas por outros dispositivos, como a câmara fotográfica, a filmadora, o videogame, o GPS, o computador para acessar a internet. De um meio de comunicação, o celular se transformou e agregou as funções de informação, de “navegação”, de entretenimento, de orientação espacial e tantas outras possibilidades que ainda possam lhes ser atribuídas. A incorporação desses novos recursos é um exemplo de evolução tecnológica e torna mais sofisticado o objeto e mais complexos o seu domínio e manejo, com repercussão na sua incorporação, por parte dos mais velhos.

Enquanto os jovens e as crianças, nativos digitais, transitam com desenvoltura entre botões, teclas, ícones, imagens e assimilam facilmente as mudanças, pois já convivem desde tenra idade, explorando os brinquedos eletrônicos e/ou brincando com os dispositivos eletrônicos dos pais, a geração adulta e mais velha, de origem anterior à popularização do universo digital e tecnológico, não consegue incorporar e desfrutar dos benefícios dessas evoluções na mesma prontidão de assimilação dos jovens e referem um estranhamento ou alguma dificuldade no manuseio dessas ferramentas tecnológicas, e isto tem repercussão direta no uso de celulares, no acesso a terminais eletrônicos em instituições bancárias, no agendamento de consultas médicas ou no acesso a eventos culturais e de lazer (LINDÔSO, et al., 2011; KACHAR, 2010; BANHATO, 2007).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa identificou as representações sociais de velhice e de envelhecimento segundo um grupo de idosas e objetivou analisar nestas representações traduções dos processos identitários das participantes. A partir das narrativas das idosas obtivemos uma visão multifacetada da velhice e do envelhecimento que nos foi apresentada em um processo de reconstrução das suas trajetórias de vida, além da articulação que pudemos estabelecer entre a forma como elaboram o passado e o presente e, desse modo, nos aproximamos de como vão (re)construindo suas identidades em um contexto social atravessado por tensões e normatividades, e também com muitas expressões de resistência.

A filiação teórica dessa pesquisa à perspectiva psicossocial nos possibilitou a compreensão do velho como sujeito social, construído pela/na relação e interação. A adoção da TRS como referencial teórico nos conduziu à compreensão da singularidade como as idosas vão tecendo suas trajetórias de vida, afetadas pelas interações que ocorrem nos diferentes contextos nos quais circulam, e que vão se imbricando em um permanente processo de atribuição de sentidos aos objetos que estão no mundo. Os sentidos compartilhados nas RS dos idosos e dos não idosos apontam tensionamentos e ambiguidades presentes nas ideias centrais de RS de objetos polêmicos e polissêmicos.

De acordo com a articulação proposta pela TRS e a TIS as identidades são influenciadas pelo contexto social e histórico onde se constroem e se partilham os sentidos atribuídos aos objetos sociais. Desse modo, os processos identitários nessa pesquisa foram considerados como em constante movimento de construção e reconstrução, revelando-se em resposta às representações que são elaboradas pelos sujeitos ou às representações que os contextos dispõem sobre esse sujeito.

Apesar de a *naturalização* ter sido a principal representação de velhice e de envelhecimento, outras tematizações surgiram como reveladoras dos sentidos que se entrecruzaram e revelaram um contexto no qual os processos identitários são acionados.

A participação das idosas entrevistadas nas atividades oferecidas pela UnATI nos possibilitou que compreendêssemos uma postura resiliente como traço da velhice vivida por elas. Os sentidos de reconhecimento social e valor ao conhecimento atribuídos ao ambiente universitário legitimam a positividade que foi identificada na experimentação da velhice. Apesar do reconhecimento das limitações e desafios inerentes ao envelhecimento, elas

referem-se à interação oportunizada pelas atividades na UnATI como um espaço de ressignificação e redefinição identitária e de empoderamento diante da vida. O empoderamento que a universidade possibilita pode ser compreendido como um traço distintivo desse grupo de participantes. Esses sujeitos se reconhecem no lugar de reconhecimento e valorização social que a universidade confere, esse reconhecimento leva as idosas a se configurarem como pessoas de sucesso e valorizadas socialmente.

No que diz respeito às questões de gênero observamos que, mesmo que à época de sua juventude e adultez as idosas não dispusessem de um discurso feminista estruturado que ancorasse as suas ações, elas já anunciavam essa pauta nas suas práticas feministas que, hoje, são sistematizadas pelas teorias feministas. Quando não conseguiram objetivar essas referências em suas relações, as idosas nos dizem que apontaram para as filhas e netas as transformações nas relações de gênero que deveriam acontecer pelo protagonismo que deveriam assumir em suas vidas, diferentemente do que as idosas viveram.

Compreendemos no conjunto dos resultados que os sentidos de liberdade e de prazer atribuídos pelas idosas à ocupação do espaço público as distanciam da ideia de morte. Muito embora elas naturalizem que vão morrer e saibam que a idade está avançando, o fato de ocupar o espaço público, de exercitar essa liberdade, de exercitar com prazer porque fazem escolhas, convivem, interagem, comandam a própria vida, gera um empoderamento que as distanciam da ideia de morte. A resiliência também se expressa na liberdade dessa ocupação do espaço público, para além de interesses particulares, pois a compreensão de que todos os idosos têm o direito de usufruir da cidade, as leva a lutar pela ampliação do espaço privado para o espaço público, o que nos aponta para a experiência da velhice cidadã, compartilhada e redimensionada de uma condição de indivíduo para a de sujeito social. Então, diferentemente de uma vida frágil e sem perspectivas, como os não idosos veem os velhos, as idosas nos dizem que ainda há força de participação social na velhice.

Compreendemos, também, que além do empoderamento cidadão que elas apresentam há, ao mesmo tempo, um destaque à dimensão relacional e a valorização ao que é vivido em grupo, onde elas socializam e compartilham experiências. A interação social reafirma os sentidos de pertencimento ao grupo e as implicações na identidade com a responsabilização pelo outro e com o outro nos processos e práticas sociais.

Outra questão que se soma à dimensão relacional é o ganho cognitivo obtido na interação social, porque elas dizem que querem a lucidez até a finitude, e acreditam que as

trocas quando estão experimentando uma velhice compartilhada em oposição à velhice em isolamento e solitária, elas se dizem no lugar mais confortável que a interação favorece, porque sabem que em grupo, no espaço público e, sobretudo, aprendendo coisas novas, continuamente, vão ter autonomia e liberdade de gestão sobre a própria vida, que significa a garantia de não depender dos outros, o maior medo que experimentam.

Há o reconhecimento da finitude, das limitações corporais e outras limitações que o próprio envelhecimento vai apontando, mas, ao mesmo tempo, elas, também, como compartilham essa velhice pelos processos de interação das vivências na universidade, se reconhecem no lugar da lucidez, da autonomia e da liberdade, e isso empodera. O envolvimento e a participação social nos sugeriu ser um fator protetivo contra as perdas cognitivas.

Assim, podemos afirmar relacionando as representações sociais de velhice e a identidade que elas não se identificam com a velhice frágil que foi representada pelos não idosos, o outro as reconhecem como frágil, enquanto elas se reconhecem empoderadas. Para essas mulheres o prazer de fazer o que nunca fizeram e poder gerir a própria vida implica em ser autônomo e livre. Elas estão apresentando um comportamento resiliente, usando com exuberância todas as ferramentas psicológicas necessárias para as atitudes resilientes.

Outro aspecto a destacar é que os participantes não idosos apontaram a espiritualidade como uma representação de velhice, no entanto, em suas narrativas as idosas não se reconhecem nesta condição de religiosidade, pelo menos não a ponto de considerá-la um referente para a identidade de ser velho. Ou seja, a ideia da religiosidade como um referente do afastamento da vida cotidiana para uma dimensão transcendental, que seria própria dos velhos, não apareceu como um achado, o que nos corrobora na interpretação da sintonia das idosas universitárias com o tempo presente e com projetos de vida no plano concreto e terreno.

Por fim, acreditamos que o conjunto dos achados nos permitiria proceder outras análises que pelas limitações da pesquisa não puderam ocorrer, mas que sugerem investigações futuras, por exemplo, estudos que contemplem os sentidos de velhice e de envelhecimento e os processos identitários relacionados com marcadores sociais, tais como, gênero, classe social, religião, arranjo familiar, disponibilidade de equipamentos sociais de apoio, favorecendo a compreensão das interações sociais intra e intergrupos e a estratificação da velhice segundo coortes distintas.

Uma vez que identificamos, nas falas das participantes, a participação social e o envolvimento com atividades significativas como um provável fator de proteção contra as perdas cognitivas associadas ao envelhecimento, entendemos que esta questão precisa ser focada nas políticas públicas para os idosos, pois o isolamento implica em prejuízo na qualidade de vida da população idosa, gerando custos pessoais e sociais. Recomendamos que esses achados possam subsidiar a proposição de ações destinadas a um contingente maior de idosos, fomentando uma nova cultura de vida na velhice.

REFERÊNCIAS

ABOIM, S. Narrativas do Envelhecimento. Ser velho na sociedade contemporânea. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v.26, n.1, p. 207-232, 2014.

ABRIC, J. C. La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In: _____. (Org.). **Méthodes d'études des représentations sociales**. Érès: Ramonville Saint-Agne. Traduzido por Maria de Fátima de Souza Santos para uso de pesquisa. França: Érès. 2003.

_____. **L'approche structurale des représentations sociales: développements récents**. Traduzido por Maria de Fatima de Souza Santos para uso de pesquisa. In: V CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, 1998, México.

_____. L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In: Ch. Guimelli. **Structures et transformations des représentations sociales**. Lausanne: Delachaux et Niestié, p. 73-84. 1994. Tradução: Angela Maria de Oliveira Almeida, com colaboração de Adriana Giavoni e Diana Lúcia Moura Pinho.

_____. Introduction. In J.C. Abric (Ed.). **Pratiques sociales et représentations**. Paris: PUF, 1994.

_____. A zona muda das representações sociais. In: OLIVEIRA, D. C.; CAMPOS, P. H. F. **Representações sociais: uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

ALBA, M. Representações sociais e memória coletiva: uma releitura. In: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Orgs.). **Teoria das Representações Sociais. 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011.

ALBUQUERQUE, C. P. **O Sênior e os Jovens. Solidariedade ou Conflito Intergeracional?** Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2017.

ALMEIDA, A. M. O. A pesquisa em representações sociais: fundamentos teórico-metodológicos. **Ser Social**, (S.1.), v.9, p. 129-158, 2001.

_____. Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e Estado**, v. 24, n.3, p. 713-737; set./dez. 2009.

_____. A pesquisa em representações sociais: proposições teóricometodológicas. In: SANTOS, M. F. S. S.; ALMEIDA, L. M. (Org.). **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Recife: EDUFPE/EDUFAL, 2005. p. 117-160.

AMARAL, L. S.; ALVES, M. S. Themata. **Cadernos Cespuc**, n. 23. Belo Horizonte, 2013.

AMAZONAS, M. C. L. A; VIEIRA, L. L. F.; PINTO, V. C. Modos de subjetivação femininos, família e trabalho. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, p. 314-327, 2011.

AMBLARD, I. “Sobre ser livre, louco e viciado”: processos identitários e representações sociais de corredores de rua. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em Psicologia - Doutorado - CFCH/UFPE, 2017.

APRATO JÚNIOR, P. C. A violência doméstica contra idosos nas áreas de abrangência do Programa de Saúde da Família de Niterói, Rio de Janeiro, **Cien Saude Colet**, v. 15, n. 6, p. 2983-2995, 2010.

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; SANTOS, M. F. S. O idoso nas instituições gerontológicas: Um estudo na perspectiva das representações sociais. **Psicologia & Sociedade**. Vol 18, n.2, p.89-98; mai./ago. 2006.

ARRUDA, A. Teoria da Representações Sociais e Teorias de Gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, novembro/2002.

BALTES, M.M. The psychology of the oldest-old: The fourth age. **Curr Opin Psychiatry**, 11:411-415, 1998.

BALTES, P. B. On the incomplete architecture of human ontogeny. Selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. **American Psychologist**, 52(4), 366-380, 1997.

BALTES, P. B.; SMITH, J. The psychology of wisdom and its ontogenesis. In: Sternberg, R. J. (ed): **Wisdom: Its Nature, Origins, and Development**. New York: Cambridge University Press, 1990.

BALTES, P. B.; SMITH, J. Lifespan Psychology: From developmental contextualism to developmental biocultural co-constructivism. **Research in Human Development**. 1(3), 123-144, 2004.

BALTES, P. B.; STAUDINGER, U. M.; LINDENBERGER, U. Lifespan Psychology: Theory and Application to Intellectual Functioning. **Ann. Rev. Psychol.** 50: 471-507, 1999.

BALTES, P. B.; STAUDINGER, U. M. Wisdom: A metaheuristic (pragmatic) to orchestrate mind and virtue toward excellence. **Am Psychol**, 55:122-136, 2000.

BAKER, D.C.; NUSSBAUM, P. D. Religious practice and spirituality-Then and now: a retrospective study of spiritual dimensions of residents residing at a continuing care retirement community. **J Relig Gerontol**, vol.10, n.3, p.33-51, 1998.

BANHATO, E. F. C. et al. Inclusão digital: ferramenta de promoção para envelhecimento cognitivo, social e emocional saudável? **Psicol. hosp. (São Paulo)**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 2-20, 2007.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRETO, K. M. L. **Envelhecimento, mobilidade urbana e saúde: um estudo da população idosa**. Recife, 2012. 177 folhas. Tese (doutorado). Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz. Saúde Pública, 2012.

BARRETO, K. M. L.; LEITE, V. M. M. Terapia Ocupacional na UFPE: Formação e Prática Profissional em Gerontologia. In: ALBUQUERQUE, C. G. S. C.; MOREIRA, L. P. C.; SOUSA, R. G.; NÓBREGA, R. K. (Orgs.). **Reflexões à luz do envelhecimento**. Recife: Libertas, 2017.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi** / Zygmunt Bauman; tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno. 3. ed. Tradução: Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2012.

BEZERRA, A. F. B.; ESPÍRITO SANTO, A. C. G.; BATISTA FILHO, M. Concepções e práticas do agente comunitário na atenção à saúde do idoso. **Rev Saúde Pública**, 39(5), p. 809-815, 2005.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 16, n. 3, p. 233-239, set-dez, 2000.

BISPO JÚNIOR, J. P. et al. Tributos Norteadores na Atenção ao Envelhecimento Populacional. In: **O Sistema Único de Saúde cuidando da pessoa idosa** / Maria Vieira de Lima Saintrain, Ana Paula Soares Gondim, Vanina Tereza Barbosa Lopes da Silva, (Orgs.). Fortaleza: EdUECE, 2014

BLANCHARD-FIELDS, F.; ABELES, R. Social cognition and aging. In: BIRREN, J. E.; SCHAIE, K. W. (eds): **Handbook of the Psychology of Aging**, ed 4. San Diego: Academic Press, 1996.

BLESSMANN, E. J. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estud Interdiscip Envelhec.** 6: 21-39, 2004.

BORCHELT, M. et al. On the significance of morbidity and disability in old age. In: BALTES, P.B.; MAYER, K. U. (eds): **The Berlin Aging Study: Aging from 70 to 100**. New York: Cambridge University Press, 1999.

BRASIL. Política Nacional do Idoso. Lei 8842, de 04 de janeiro de 1994. Brasília: **Diário Oficial da União**, 05 jan, 1994.

_____. Regulamentação da Política Nacional do Idoso. Decreto 1.948, de 03 de julho de 1996. Brasília: **Diário Oficial da União**, 04 jul, 1996.

_____. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde do Idoso. Portaria GM MS 1.395, de 10 de dezembro de 1999. Brasília: **Diário Oficial da União**, 11 dez, 1999.

_____. Estatuto do Idoso. Lei 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília: **Diário Oficial da União**, 02 out, 2003.

_____. Ministério da Saúde. **Diretrizes operacionais dos Pactos pela Vida, em defesa do SUS e de Gestão**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

_____. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Portaria GM MS 2.528, de 19 de outubro de 2006. Brasília: **Diário Oficial da União**, 20 out, 2006.

BRITTO DA MOTTA, A. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. In: **Revista Sociedade e Estado**, v.25, nº2, p.175-184, 2010.

CAMARGO, B. V. et al. Representações Sociais do Envelhecimento entre Diferentes Gerações no Brasil e na Itália. **Psicologia em Pesquisa**, (UFJF), 8(2), p.179-188, 2014.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. **Temas em Psicologia**, Vol. 21, nº2, p.513-518, 2013.

CARSON, A. C. Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. **Cadernos Pagu**, (4), p. 187-218, 1995.

CARSTENSEN, L. L. A life-span approach to social motivation. In: HECKHAUSEN, J.; DWECK, C. S. (eds): **Motivation and self-regulation across the life span**. New York: Cambridge University Press, 1998.

CASTRO, R. V. Prefácio. In: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Orgs.). **Teoria das Representações Sociais. 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011.

CASOTTI, L.; CAMPOS, R. Consumo da beleza e envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

COELHO, J. S.; GIACOMIN, K. C.; FIRMO, J. O. A. O cuidado em saúde na velhice: a visão do homem. **Saúde Soc. São Paulo**, v. 25, n. 2, p. 408-421, 2016.

CRUZ, F. M. L. **Expressões e significados da exclusão escolar: representações sociais de professores e alunos sobre o fracasso em matemática**. Recife, 2006. 346 folhas. Tese (doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. CE. Educação, 2006.

CRUZ, F. M. L.; AGUIAR, M. C. C. Trajetórias na identidade profissional docente: aproximações teóricas. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 33, pp. 7-28. 2º sem. 2011.

CRUZ, F. M. L.; SANTOS, M. F. S. As mães de filhos mortos/desaparecidos na ditadura militar no Brasil: da luta política das mulheres à inserção no espaço público. *L'Ordinaire des Amériques* [En ligne], 222 | 2017, mis en ligne le 20 juin 2017, consulté le 15 août 2017. URL : <http://orda.revues.org/3518>

DEBERT, G.G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, Guita Grin (org.). **Antropologia e Velhice**. Textos didáticos, IFCH/UNICAMP, n. 13, mar.1994. p.31-48.

DEBERT, G.G. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 42, p.70-83, jun./ago. 1999.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 1999.

DESCHAMPS, J.; MOLINER, P. **A Identidade em Psicologia Social: Dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

DOISE, W. Psicologia social e sociedade. In **Anais do Simpósio Gênero e Psicologia Social**. Universidade de Brasília, 2010.

DUQUE, A. M. et al. Violência contra idosos no ambiente doméstico: Prevalência e fatores associados (Recife/PE). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 8, p. 2199-2208, 2012.

DUVEEN, G. A construção da alteridade. In: ARRUDA, A. (Org.). Representando a alteridade. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FÉLIX, L. et al. O conceito de Sistemas de Representações Sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. **Psicologia e Saber Social**, v. 5, n. 2, p.198-217, 2016.

FELTRIN, R. B.; VELHO, L. Representações do corpo feminino na menopausa: estudo etnográfico em um hospital-escola brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, n. 22, p. 148-174, 2016.

FERNANDES, M. G. M.; GARCIA, L.G. O corpo envelhecido: percepção e vivência de mulheres idosas. **Interface – Comunic., Saude, Educ.**, v. 14, n.35, p.879-90, out./dez. 2010.

FERREIRA, D. S.; TEIXEIRA, E.; NEVES, A. L. M. Educação não tem idade: Estrutura e conteúdo das Representações Sociais de idosos sobre educação. **Revista Cocar. Belém**, vol. 8, n. 15, p. 57-62, jan./jul. 2014.

FIN, T. C.; PORTELLA, M. R.; SCORTEGAGNA, S. A. Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 20(1): 77-87, 2017.

FINCH, C. E. Variations in senescence and longevity include the possibility of negligible senescence. **J Gerontol Biol Sci**, 53A:B235-B239, 1998.

FONTES, A. P.; NERI, A. L. Resiliência e velhice: revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 20, n. 5, pp. 1475-1495, 2015.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRIES, J. F. Aging, natural death and the compression of mortality. **New England Journal of Medicine**, 303(3): 130-135, 1980.

FRIES, J. F. Medical perspectives upon successful aging; In: BALTES, P. B.; BALTES, M. M. (eds): **Successful aging: Perspectives from the Behavioral Sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GARCIA, M. A. A. et. al. Idosos em cena: Falas do adoecer. **Interface (Botucatu)**, v. 9, n. 18, p. 537-52, set./dez. 2005.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W. ; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOELLNER, S. V.; FIGUEIRA, M. L. M. Corpo e Gênero: a Revista Capricho e a produção de corpos femininos. **Motrivivência**. Florianópolis. UFSC, 2002.

GOLDENBERG, M. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GONZÁLEZ, M. A.. Representaciones sociales y experiencias de vida cotidiana de lós ancianos em La Ciudad de México. **Estudios Demográficos y Urbanos**, vol.32, n.1(94), p. 9-36, 2017.

GUARESCHI, P. **Psicologia social crítica: como prática de libertação**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPICURS, 2009.

GUERRA, A. C. L. C.; CALDAS, C. P. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15 (6), p. 2931-2940, 2010.

GUTZ, L.; CAMARGO, B. V. Espiritualidade entre idosos mais velhos: um estudo de representações sociais. **Rev. Bras. Geriat. Gerontol.**, vol. 16, n. 4, p.793-804, 2013.

GUTIÉRREZ, M.; ET AL. La predicción de la satisfacción com la vida em personas mayores de Angola: El efecto moderador del gênero. **Psychosocial Intervention**, vol. 23, p. 17-23, 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HASSELKUS, B. R. Introdução às Populações de Adultos e Idosos. In: NEISTADT, M. E.; CREPEAU, E. B. **Willard & Spackman. Terapia Ocupacional**. Nona Edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

IBGE. **Censo demográfico, 2010**. Rio de Janeiro, 2011.

IBGE. Estatísticas de Gênero. Uma análise dos resultados do Censo Demográfico de 2010. **Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica**, Rio de Janeiro, número 33, 2014.

JODELET, D. (Org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

JODELET, D. A alteridade como produto e processo psicossocial. ARRUDA, A. (Org.). Representando a alteridade. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das Representações Sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.24, n.3, p. 679-712, set./dez. 2009.

KACHAR, V. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, 13(2), p. 131-147, 2010.

LABOUVIE-VIEF, G. Emotions in adulthood. In: Bengtson, V. L.; Schaie, K. W. (eds): **Handbook of the Theories of Aging**. New York: Springer, 1999.

LASLETT, P. **A fresh map of life: The emergence of the Third Age**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LINDÔSO, Z. C. L. et al. Percepção subjetiva de memória e habilidade manual em idosos de uma oficina de inclusão digital. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 14(2), p. 303-317, 2011.

LINS DE BARROS, M. M. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LOPES, A. **Os desafios da Gerontologia no Brasil**. Campinas: Alínea Editora, 2000.

MACHADO, L.; GOMES, R.; XAVIER, E. Report on elder abuse in Brazil. 2001. Disponível em: <http://www.who.int/violence_injury_prevention> Acesso em: 05 out. 2017.

MAGNABOSCO-MARTINS, C. R.; CAMARGO, B. V.; BIASUS, F. Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. **Universitas Psychologica**, vol. 8, n. 3., p.831-847, sep./dic., 2009.

MANTON, K. G. Aging and health in old age: in SMELSER, N. J.; BALTES, P. B. (eds): **International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences**. Oxford: Elsevier Science, vol 1, pp 304-310, 2001.

MARAVILHA, L. M. M. **Representando envelhecimentos nos percursos da hetero e da homossexualidade masculina**. Recife, 2010. 113 folhas. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia, 2010.

MELO, M. A. F. Terapia Ocupacional Gerontológica. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. (Orgs.). **Terapia Ocupacional. Fundamentação & Prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

MELO, V. L.; CUNHA, J. O. C.; FALBO, G. H. Maus-tratos contra idosos no município de Camaragibe/PE. **Rev Bras Saúde Mater Infant**, v. 6, n. 1, p. 543-548, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. – 3ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 3ª. Edição, 1994.

_____. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 783-791, jun. 2003.

MORAES, A. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Orgs.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MORAES, C. L.; APRATO JÚNIOR, P. C.; REICHENHEIM, M. E. Rompendo o silêncio e suas barreiras, um inquérito domiciliar sobre a violência doméstica contra idosos em área de abrangência do Programa Médico da Família de Niterói, Rio de Janeiro, **Cad. Saúde Pública**, v. 24, n. 10, p. 2289-2300, 2008.

MORAES, E. N.; MORAES, F. L.; LIMA, S. P. P. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Rev Med Minas Gerais**. 20(1):67-73, 2010.

MORAES, V. et al. A percepção dos idosos sobre o saber biomédico no cuidado à velhice e às “coisas da idade”. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 26[1]: 309-329, 2016.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. **Psicologia**, vol 19, n. 1, p. 59-79, 2008.

MOSCOVICI, S. A psicanálise, sua imagem e seu público. Tradução: Sonia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 1961-2012.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOSCOVICI, S.; VIGNAUX, G. O conceito de themata. In: MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOSÉ, V. O que pode a palavra. Vídeo: **Café Filosófico CPFL – TV Cultura**, 2009.

NERI, A. L. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

_____. Psicologia do envelhecimento. Uma área emergente. In A. L. Neri (Org.). **Psicologia do envelhecimento**. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. O Fruto dá Sementes: Processos de Amadurecimento e Envelhecimento. In NERI, A. L. (Org.). **Maturidade e Velhice. Trajetórias individuais e socioculturais**. Campinas: Papyrus, 2001.

_____. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas em Psicologia**, vol. 14, n 1, 17-34, 2006.

NERI, A. L.; CACHIONI, M.; RESENDE, M. C. Atitudes em relação à velhice. In: FREITAS, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

NEUGARTEN, B. L. Age groups in American society and the rise of the young-old. **Ann Am Acad Polit Soc Sci**, 9:187-198, 1974.

NOVAES, J. V. **Com que corpo eu vou?: Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pallas, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde** / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005.

OLSHANSKY, S.J.; CARNES, B.A.; DÉSESQUELLES, A. Prospects for longevity. **Science**, 291:1491-1492, 2001.

PETERSEN, D. A. W.; KALEMPA, V. C.; PYKOSZ, L. C. Envelhecimento e Inclusão Digital. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 10, n. 15, p. 120-128, set. 2013. ISSN 1807-0221. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2013v10n15p120>>.

PHILLIPS, L. R. Domestic violence and aging women. **Geriatric Nursing**, Arizona, v. 21, n. 4, p. 188-195, 2000.

PHILOGENE, G.; COLLEGE, S. L. O alcance das Representações Sociais: impacto e ramificações. In: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Orgs.). **Teoria das Representações Sociais. 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011.

PY, L.; SCHARFSTEIN, E. A. Caminhos da Maturidade: Representações do Corpo, Vivências dos Afetos e Consciência da Finitude. In: NERI, A. L. (Org.). **Maturidade e Velhice. Trajetórias individuais e socioculturais**. Campinas: Papyrus, 2001.

PORCIÚNCULA, R. C. R. et al. Perfil socioepidemiológico e autonomia de idosos em Recife-PE, Nordeste do Brasil, **Rev Bras Geriatr Gerontol**, v. 17, n. 2, p. 315-325, 2014.

RAMOS, L. R. Saúde Pública e Envelhecimento: o paradigma da capacidade funcional. **Boletim Instituto de Saúde**, n. 47, p. 40-41, 2009.

RESENDE, M. C.; NERI, A. L. Ajustamento psicológico e perspectiva de velhice pessoal em adultos com deficiência física. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 14, n. 4, p. 767-776, out./dez. 2009.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANCHES, A. P. R. A.; LEBRÃO, M. L.; DUARTE, Y. A. O. Violência contra Idosos: Uma questão nova? **Saúde Soc**. São Paulo, v. 17, n. 3, p. 90-100, 2008.

SANTOS, F. C.; DAMICO, J. G. S. O mal-estar na velhice como construção social. **Pensar a Prática**, 12/1: 1-9, jan./abr. 2009.

SANTOS, I. E.; DIAS, C. M. S. B. Homem idoso: vivência de papéis desempenhados ao longo do ciclo vital da família. **Aletheia**. Vol 27, n. 1, p.98-110. 2008.

SANTOS, M. F. S.; BELO, I. Diferentes formas de velhice. **Psico**. Vol 31, n.2, p.31-48. 2000.

SANTOS, V. B.; TURA, L. F. R.; ARRUDA, A. M. S. As Representações Sociais de pessoa velha construídas por adolescentes. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, vol.14, n.3, p. 497-509, 2011.

SANTOS, W. J. et al. Enfrentamento da incapacidade funcional por idosos por meio de crenças religiosas. **Cien. Saúde Colet.**, v. 18, n. 8, p. 2319-28, 2013.

SIBILIA, P. Imagens de corpos velhos: a moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, p. 145-160, 2012.

_____. A moral da pele lisa e a censura midiática: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 83-108, 2011.

SILVA, F. G. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 28, pp. 169-195, 1º sem. 2009.

SILVA, F. P. **Crenças em relação à velhice: bem-estar subjetivo e motivos para frequentar Universidade da Terceira Idade**. Campinas, 1999. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Gerontologia, 1999.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008.

SILVA, M. C. **Representações sociais em duas culturas: Velhices em Nürnberg e Montes Claros**. Salvador, 2016. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2016.

SILVA, T. C. M.; AMAZONAS, M. C. L. A.; VIEIRA, L. L. Família, trabalho, identidades de gênero. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 1, março, p. 151-159, 2010.

SILVA, T. T. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SINGER, T. et. al. **The Fate of Cognition in Very Old Age: Six-Year Longitudinal Findings and Selectivity in the Berlin Aging Study (BASE)**. Berlin: Max Planck Institute for Human Development, 2002.

SMITH, J.;BALTES, P. B. Profiles of psychological functioning in the old and oldest old. **Psychol Aging**, 12:458-472, 1997.

STAUDINGER, U. M. Older and wiser? Integrating results from a psychological approach to the study of wisdom. **Int J Behav Dev**, 23:641-664, 1999.

STAUDINGER, U. M. Psychology of Wisdom. In: SMELSER, N. J.; BALTES, P. B. (eds): **International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences**. Oxford: Elsevier Science, vol 24, 2001.

STERN, P. C.; CARSTENSEN, L. L. **The aging mind: Opportunities in cognitive research**. Washington: National Academy Press, 2000.

STERNBERG, R. J. **Wisdom: Its Nature, Origins, and Development**. New York: Cambridge University Press, 1990.

TAJFEL, H. Os atributos do comportamento intergrupo. In: _____. **Grupos humanos e categorias sociais II: estudos em psicologia social**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

TORRES, T. L.; CAMARGO, B. V.; BOUSFIELD, A. B. S. Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol.32, nº1, p.209-218, 2016.

TORRES, T. L.; et. al. Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 20, n. 12, p. 3621-3630, 2015.

VAUPEL, J. W. et al. Biodemographic trajectories of longevity. **Science**, 280:855-860, 1998.

VERA, M. Significado de la calidad de vida del adulto mayor para sí mismo y para su familia. **An Fac Med Lima**, vol. 68, n. 3, p. 284-290, 2007.

VILHENA, J.; NOVAES, J. V.; ROSA, C. M. A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, 17(2), 251-264, jun. 2014.

WALCHEKE, J. F. R. O vácuo no contexto das representações sociais: uma hipótese explicativa para a representação social da loucura. **Estudos de Psicologia**, v. 10, n. 2, p. 313-320, 2005.

WACHELKE, J.; CONTARELLO, A. Social representations on aging: Structural differences concerning age group and cultural context. **Revista Latinoamericana de Psicologia**, vol. 42, n. 3, p. 367-380, 2010.

WILLIS, S. L. Everyday problem solving. In BIRREN, J. E.; SCHAIE, K. W.(eds): **Handbook of the Psychology of Aging**, ed. 4. San Diego: Academic Press, 1996.

WELLING, S. M. L. **Eu, velho?: Velhices e imagens corporais**. Belo Horizonte, 2009. 148 folhas. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2009.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS

1.Nome: _____

2. Sexo: () Feminino () Masculino

3. Telefone(s)/Whatsapp para contato: () _____

4. Faixa Etária:

() Até 19 anos

() 20 a 24 anos

() 25 a 29 anos

() 30 a 34 anos

() 35 a 39 anos

() 40 a 44 anos

() 45 a 49 anos

() 50 a 54 anos

() 55 a 59 anos

() 60 a 64 anos

() 65 a 69 anos

() 70 a 74 anos

() 75 a 79 anos

() 80 a 84 anos

() 85 a 89 anos

() 90 anos e +

5. Escolaridade: Curso/Formação: _____

() Ensino Fundamental Incompleto

() Ensino Fundamental Completo

() Ensino Médio Incompleto

() Ensino Médio Completo

() Ensino Superior Incompleto

() Ensino Superior Completo

() Pós-Graduação

Por favor, escreva 4 palavras ou expressões que completem as frases:

1 – Velho é...

2 – O Corpo do velho é...

3 – Envelhecer é...

4 – Meus familiares velhos são...

5 – Nós velhos somos...

6 – Eles, os velhos são...

Por favor, retorne à página anterior e enumere as palavras de acordo com a ordem de importância que você atribui. Escreva ao lado de cada palavra o número correspondente, por exemplo: 1 ao lado da palavra mais importante, 2 para a segunda mais importante, 3 e 4 para cada uma das palavras restantes.

Muito obrigada!

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – DOUTORADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS – Resolução 466/12)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da pesquisa “Sentidos da Velhice entre Idosos e não Idosos: implicações nos processos identitários”, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Flávia Pereira da Silva, Rua Professor Sílvio Rabelo, 315/Apto. 102, Candeias, Jaboatão dos Guararapes/PE, Cep.: 54.440-290, Tel.: (81) 98813.1571 - e-mail: flaibia@yahoo.com.br. Esta pesquisa está sob a orientação da Profa. Fatima Maria Leite Cruz, Tel.: (81) 99139.6996 - e-mail: fatimacruz@yahoo.com.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com a pesquisadora responsável.

Caso não concorde, não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalidade.

Esta pesquisa objetiva compreender os sentidos compartilhados por pessoas idosas e não idosas sobre velhice e sobre o corpo envelhecido, e quais as relações existentes entre isto e a forma como os idosos se identificam.

Sua participação será previamente combinada, de acordo com sua disponibilidade de horário e local para os encontros. A sua colaboração se fará por meio de um questionário e uma entrevista, com duração prevista de 40 minutos, instrumentos estes que serão utilizados para a construção dos dados a partir desta autorização.

O estudo ora proposto incorrerá em **risco** mínimo aos participantes envolvidos, entretanto, entendemos que se confrontar com a temática apresentada pode lhes mobilizar emocionalmente, como por exemplo, sentir-se angustiado, entristecido, pessimista, ou incomodado por entrar em contato direto com questões relacionadas ao seu processo de envelhecimento. Isto ocorrendo, a pesquisadora abrirá espaço em sua entrevista para que o Sr.(a) possa falar e expressar seus incômodos, proporcionando assim uma forma de alívio e distensionamento. Caso seja necessário, o Sr.(a) será orientado(a) a buscar a Clínica de Psicologia da UFPE, uma vez que a pesquisa é vinculada ao Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia desta instituição.

Em relação aos possíveis **benefícios**, os resultados desta pesquisa poderão contribuir para o seu desenvolvimento pessoal, a partir das reflexões sobre suas experiências no processo de envelhecimento. Além disso, poderão subsidiar reflexões por parte de estudiosos e profissionais que atuam na área do envelhecimento, haja vista a possibilidade de tomar conhecimento acerca da identidade dos idosos e os sentidos que atribuem às suas experiências corporais para, assim, poder entender e melhor lidar com a velhice.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa, sob a forma de entrevistas e gravações, ficarão armazenados no Laboratório de Interação Social Humana (LABINT) do Departamento de Psicologia da UFPE, localizado na Av. Professor Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife – PE, sob a

responsabilidade da Profa. Dra. Fátima Maria Leite Cruz, orientadora dessa pesquisa, pelo período mínimo de cinco anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pela pesquisadora (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n - 1º Andar, sala 4 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____
_____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar do estudo “Sentidos da Velhice entre Idosos e não Idosos: implicações nos processos identitários”, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE C – DICIONÁRIO SEMÂNTICO**IDOSOS****Questão 1**

Velho é...

Acomodado**A estrada**

Sua avó / A mãe / Aceitar suas rugas / Consegue chegar aos oitenta, noventa, cem / Mais de cem / Viver muito / Viver mais / Idoso / Viver / Longevidade / Quem vive / Uma pessoa idosa / Terceira idade / Vida / Uma palavra forte seria idoso / Idade avançada / Senhor / Uma pessoa / Idade / Quem se julga velho / Aparência de velho / Com corpo físico com marcas do tempo / Corpo

A falta de movimentos

Tem que fazer exercício / Tem que caminhar

Amigo

Saber conviver com as amizades / Solícito

Amor

Amoroso

Ansioso

Não esperar pelo amanhã

Aproveitar a vida que resta

Uma oportunidade de criar nossos filhos / Começar a viver / Melhor idade

Audacioso**Batalhador**

Capaz

Participa de atividades / Praticar atividades

Carente

Carente de atenção / Dependente

Consciente

Sempre seguro do que faz / Pensador / Minucioso / Cuidadoso / Organizado

Conservador

Saudosista

Crítico**Desgastado**

O que não serve mais / O desequilíbrio

Discriminado**Divertido**

Muito engraçado

Dorminhoco**Esperançoso**

Com espírito jovial

Esquecido

Exemplo

Espelho da vida

Experiência

Experiente / Ser mais experiente na vida / Fonte de experiência / Mais experiente / Vivência / Tem muita experiência / Ter experiência / Maduro / Maturidade / Amadurecimento / Experiência de vida / Quem tem muita experiência

Frágil

Chorão / Medroso / Inseguro / Desconfiado / O desconhecimento / Problema

Futuro

História

Honesto**Humilde****Imaturidade do espírito****Importante****Inteligente****Lento****O preconceito**

Preconceituoso

Organismo de cada pessoa

Variável depende de cada um

Ótimo

Gosto / Gosta de tudo que é bom / Uma pessoa linda

Paciente

Mais paciente / Ter consciência do tempo / Não ter pressa / Observador / Tranquilidade

Pessoa sem rumo

Pessoa sem objetivo na vida / aquele que deixou de sonhar / quem não quer viver

Precisam de muito cuidado

Dá trabalho para o jovem / Procurar se cuidar / Requer cuidados da família / Cuidar

Privilégio

Quem tem a felicidade de sobreviver / Oportunidade única

Resistência**Respeitoso**

Respeito

Responsável

Alicerce da família

Sabedoria

Conhecimento / Sábio / Passar sabedoria aos outros

Saúde

Bom com saúde

Ser feliz

Feliz / Sempre feliz / Alegria / Viver bem / Qualidade de vida

Sufrimento**Solução****Suas ideias**

Sua maneira de pensar

Teimoso

Cabuloso / Abusado / Chato / Chato pra caramba / Arengueiro / Impaciente / Super exigente / Muito exigente / Mandão

Uma dádiva de deus

Manter a confiança em deus

Útil

IDOSOS

Questão 3

Envelhecer é...

Aceitação

Aceitar que está envelhecendo / que não devemos imitar os jovens / encarar como normal / que não somos jovens / aceitar / aceitar a idade

Amar sem limites

Amor / com amor / ter muito amor pra dar / aprender a amar mais

Com dinheiro

Com saúde

Bom com saúde / ter saúde / pedir saúde a deus / ter cuidados com saúde / feliz com saúde / com bastante saúde / saúde / saber cuidar da saúde / saudável / boa alimentação

Dom de deus

Viver o tempo que deus dá / um dom de deus / dádiva de deus / uma bênção / agradecer ao superior / dom / receber a graça de deus / uma dádiva de deus / agradecer a deus pela oportunidade / agradecera a deus / agradecer a deus todos os dias / ter religião

Experiência

Amadurecer / adquirir experiências / aprendizado / exemplo do que já viveu / aprender mais / ser experiente / ter vivido uma experiência / ter mais experiência / viver sempre aprendendo / aprender / acumular experiência / ter experiência / aprender cada dia

Hora de partir

Aguardar a hora de morrer / com resignação

Mágoas

Maravilhoso

Sublime / virtude / riqueza / a melhor fase da vida

Natural

Normal / uma etapa / processo / preciso / lei da vida / condição / ter chegado a idade

Perder a mocidade

Perder as forças físicas / não ter mais o mesmo apetite / não poder se alimentar do que deseja

Recomeçar

Renascer / esperança / reviver

Recordar

Guardar na memória certas coisas / memória / guardar lembrança da mocidade / esquecer do passado

Ruim

Não é muito bom / a pior coisa do mundo / temer o tempo

Sabedoria

Ter sabedoria / confiança e sabedoria para dar / adquirir conhecimento / conhecer de tudo um pouco / ter conhecimento / saber envelhecer / mais

sabedoria com o passar do tempo / ter mais idade com sabedoria / sabedoria de vida / ter mais conhecimento / saber das coisas / conhecimento / inteligência / compreensão / lucidez / compreender melhor / consciência / educar / saber guiar os mais novos

Sem dinheiro fica pior

Ser esquecido por parentes

Esquecimento

Ser feliz

Sentir-se feliz / alegria / sempre viver alegre / felicidade / viver feliz / ser alegre / sorrir sempre / feliz / ser amigo de todos sem ser chato / sonhar / não deixar de sonhar

Tentar ser ético

Respeitar / tentar ajudar a si e aos outros / com dignidade

Ter acompanhamento médico

Precisar sempre de cuidados médicos / não faltar médicos / ter atendimento melhor

Ter coragem

Firmeza / ter certeza / coragem / nosso dever de enfrentar

Ter paciência

Ficar calmo / alcançar a tranquilidade

Tristeza

Suportar as tristezas da vida

Uma doença

Superar as doenças / doente

Um privilégio

Privilégio / privilégio de ver filhos e netos / para poucos

Vencer desafios

Vencer obstáculos da vida / superar as intempéries / ter força de vontade / resolver e remover obstáculos / sentir-se vencedor

Viver

Viver muito / atravessar gerações / oportunidade de viver mais / o tempo / ter uma vida longa / conviver muitos anos com a família / quando envelhece com qualidade boa é legal / procurar viver bem / qualidade de vida / sem problema nenhum / bom / viver com intensidade / aproveitar os benefícios adquiridos / saber que viveu bons momentos / viver com objetivo / vida / procurar ser animado / desejo de não parar / se animar / criar / arranjar algo pra fazer / executar / direito de viver / ainda fazer as atividades / participar de várias atividades / não parar / viajar com grupos pra cima / quem faz é a pessoa / saber viver / fazer atividade física / fazer exercício físico / gostar de coisas bonitas

Voltar a ser criança

IDOSOS

Questão 4

Meus familiares velhos são...

Alegres

Cheios de vida / felizes(4) / animados / brincalhões / engraçados / divertidos

Amados

Adorados quando querem / compreendidos pelos familiares / queridos / bem cuidados

Amigos

Companheiros / bons comigo / apoiadores / esteio da família / carinhosos com a geração nova / bondosos(2) / gentis / pessoas boas / sinceros / confiantes / fantásticos(2) / maravilhosos / coisa mais preciosa / fiéis

Carentes

Dar mais atenção / dependentes / foram mais frágeis do que nós / frágeis / crianças / esquecidos

Chatos

Importunos / arengueiros / teimosos / mal humorados / rabugentos / antipáticos / exigentes / reclamões / aborrecidos / pouco irritados / descontentes / nervosos / mal humorado / impacientes / brigões / encenqueiros / arrogantes / implicantes / exigentes / rígidos / provocantes / inativos / precisam mais de atividades / não gostam de viajar / não gostam de fazer cursos / sem atividades / sem ânimo de viver

Conformados

Calados / com muita humildade

Diferentes de mim

Mais novos que eu

Doentes**Exemplos de vida**

Espelho para meu aprendizado / foram muito importantes pra mim / meus ídolos / espelhos / exemplo para os mais novos / vou ser igual a eles / exemplos / conselheiros / professores / ajudaram muito / me criaram / histórias vivas / caridosos / caminham na praia / excelente dona de casa / dançarinos / gostam de viajar / gostam de dança

Experientes

Aprendizado / trocamos experiências / muito experientes / experiência de vida / vivência

Inteligentes

Poços de sabedoria / sábios / lúcidos / espertos / mentes abertas para as mudanças

Ligados a religião

Bênção

Pacientes

Compreensíveis / ter paciência

Parentes

Irmão / minha mãe / materna e paterna / uma boa velha / sogra / minhas tias / tios / meu esposo / mamãe / minha irmã / meus irmãos / Leopoldina / silva / familiares / primos / pitanga / meus pais / irmã / não tenho mais / estão no mundo espiritual / saudade / lembranças / poucos

Respeitados

Respeitosos

Saudáveis**Sem informação**

Precisam de conhecimento

Simpáticos

Comunicativos / legais / bem-humorados / contadores de histórias / amavam a vida / amorosos / carinhosos

Trabalhadores

Ainda capazes / ativos / organizam as coisas / organizados / organizam a família / responsáveis / corajosos / com força de vontade / vencer desafios / esforçados

Velhos

Da boa idade / o tempo chegou / não tem complexo de velhice / elo do passado com o presente / pessoas / com melhores expectativas de vida / se cuidaram

IDOSOS

Questão 5

Nós, velhos, somos...

Ativos

Capazes / trabalhadores / viajantes / lutadores / gosto de viajar / gosto de dançar / com muita força de vontade / decididos / persistentes / esperançosos / esforçados

Avós

Acima de tudo avós / pais e avós

Carentes

Precisamos de ajuda / necessitados / dependentes / frágeis / cansados / sentimos o peso da idade

Conscientes

Compreensivos / mais conscientes / observadores / visão de tudo ou quase tudo

Cuidadosos

Mais cuidadosos ao andar / cuidadosos com nossa família / cuidar da saúde

Discriminados

Incompreendidos / descartados / desprezados pelos jovens / menosprezados / escanteados / abandonados / pouco reconhecidos pelos mais novos / nem sempre somos compreendidos / esquecidos / excluídos / julgados / não damos a atenção que devemos / solitários / humilhados / criticados / um peso para previdência

Doentes

Com doenças naturais da idade

Exemplos da fé

A certeza que deus deu vida longa / certeza que deus nos incluiu em seus planos

Exemplos para os jovens

Reconhecidos / importantes / exemplo / esteio da família / responsáveis / acima de tudo avós / pais e avós / avós

Experientes

Com muita experiência / mais experientes / vividos / vivenciados / professores da vida / maduros / história

Felizes

Amados / admirados / queridos / aceitos / os familiares tratam muito / alegres / a alegria dos netos / alegres e felizes

Generosos

Amigos / mais amigos / ajudadores de filhos e netos / companheiros / pelos amigos / misericordiosos / pelos filhos

Gostamos de estudar

Alunos da ética / estudantes de línguas / perguntadores / pessoas tem educação / educados

Impacientes

Estressados / problemáticos / reclamamos de tudo / teimosos / incompreensivos / sem paciência / inquietos / implicantes

Maravilhosos

Simpáticos / comunicativos(2) / pessoas boas / amorosos / amáveis(2)

Não gostamos de limpeza

Não somos iguais

Há sempre diferença um do outro

Pacientes

Sem pressa / tolerantes

Sábios

Temos mais sabedoria / com muita sabedoria / espertos / inteligentes / criativos / conhecedores

Saudáveis

Ágeis e fortes

Saudosos

Sobreviventes

Nunca velhos somos pessoas / não me acho velha / me sinto uma garota de trinta / como qualquer outra pessoa / do presente / livres / mais livre de preconceitos / já vivemos bastante / com anos a mais / superamos todas as dificuldades

Tristes

Humildes / conformados / calados / temerosos do amanhã

IDOSOS

Questão 6

Eles, os velhos, são...

Alegres

Animados / brincalhões / felizes / às vezes alegres / poucos são muito felizes / esperançosos / nestes cursos sem estresse / pacientes

Amigos

Meus melhores amigos / melhores companhias / sinceros / misericordiosos / desprendidos / amáveis / cuidadosos / agradecidos / gostam de conversar com pessoas jovens / pessoas queridas na família / aprendem com os mais novos

Carentes

Sofridos / precisam de acompanhamento / passivos / dependentes / inseguros / resignados / sensíveis / desprezados / rejeitados / discriminados / isolados / descartados / solitários / sós / esquecidos / não são respeitados / desrespeitados / sem amor / merecem nosso carinho / merecem nossa atenção / inativos

Chatos

Abusados / teimosos / malcriados / lamurientos / impacientes / estressados / arengueiros / implicantes / irritantes / só lastima o passado / mal humorados / importunos / insistentes / inquietos / agoniados / ansiosos / desatenciosos / revoltados / se revolta com tudo / mal educados / angustiados por nada / manipuladores / apegados ao dinheiro / machistas / trelosos / sem personalidade / desorganizados

Curiosos

Gostam de viajar / criativos / grandes corredores / gostam de dançar / perguntadores / metidos a conquistadores

Descuidados

Sujos / sebosos

Digno

Devem ser tratados com dignidade

Doentes

Só pensam em doença / debilitados / cansados(2) / com limitações / flácidos / frágeis

Experientes

Me dão experiências / tem muito pra contar da vida / luz para o aprendizado dos jovens / mais experientes / com grande maturidade / nossas melhores referências / exemplos / conselheiros / os velhos que passaram pela minha vida / deixam seu legado / contadores de fatos passados / reflexo do passado / educadores / corajosos / nos dão coragem pra viver

Masculinos**Merecem respeito**

Respeito / merecem nosso respeito

Metidos a jovem

Alguns como nós / no mundo atual não existe velho / não encaram a realidade / outros melhores que eu

O amanhã de hoje

Caminhando para

Privilegiados

Tiveram a sorte de envelhecer / preciosos / premiados / lindos / sem defeitos

Religiosos

Exemplos da fé divina

Sábios

Pessoas que aprenderam muito / cheios de sabedoria / sabedoria da jovem guarda / professores da juventude / aprendem / instruídos

Terceira-idade

Tem idade boa ainda / sabem viver essa fase / vida / cabeças brancas / diferentes / mudados pelo tempo

Trabalhadores

Esforçados / mais resistentes

Tristes

Tristes por serem abandonados / amargurados / tristonhos / desanimados / infelizes / incompreendidos / não existe sentido de esperar a morte

NÃO IDOSOS

Questão 1

Velho é...

Alegre

Sorridente / alegria / feliz / animado / engraçado / especial / interessante

Amoroso

Amor / carinhoso / ternura / carinho / gentil / gratidão / bondoso / compreensivo / agradável / boas conversas / carismático / solidariedade / simpático / amigo / sincero / paciente / mansidão / cuidadoso / lindo / tranquilo / calmo / serenidade / sensível / cuidador

Chato

Teimosia / repetitivo / pode ser chato / impaciente / difícil / arengueiro / ranzinza / arrogante / quem não tem bom humor / lento / parado

Desgastado

Algo que já foi novo / caduca / algo obsoleto / ultrapassado / inutilizável / pouca utilidade / usado / mudança / mudado

Estereotipado

Quem não vive conforme sua idade / um termo pessimista

Experiente

Experiência / quem acumulou experiência e saber / vivido / pessoa vivida / muitas experiências vividas / experiência de vida / ter anos de experiência / vivência / aprendizado / ter muita experiência / às vezes experiente / quem já tem muito o que contar / maturidade / maduro / histórias / patriarca / historiador

Frágil

Carente / ser criança novamente / criança / cuidados / cuidado / capaz de nos surpreender e de nos preocupar e inquietar / pequeno tamanho

Limitação

Pessoa que se sente sem capacidade / exercitar diariamente sua limitações / reconhecer o limite dessa existência / limitações / doente / não ter saúde

Morto

Respeito

Gente precisa ser respeitado / porto seguro familiar / digno

Sabedoria

Acúmulo de sabedoria / sábio / conhecimento / ser mais do que ter / conselheiro / um ponto de vista / esperto / crescimento / evolução / minha avó / meu avô / cultura

Saudade

Nostalgia / meu passado / o passado / lembranças

Solitário

Sozinho / ignorado / rejeitado

Vida

Natural / existir há mais tempo / ter idade avançada / gente que sobreviveu a vida / vintage / ação do tempo / ter muito tempo de vida / pessoa há muito tempo em atividade / tempo / idoso / um cidadão / possibilidade para alguns / quem muito já viveu / fim de um ciclo / pessoa com 60 anos ou mais / finalização de uma etapa / última fase / ter vivido mais / terceira idade / longevidade / a estrada / atividade / antigo(4) / passagem / netos

NÃO IDOSOS

Questão 2

O corpo do velho é...

Bonito

Fofo / lindo

Desgastado

Usado / gasto / algo que foi gasto / maltratado

Diferente

Redimensionado / transformado / modificado / não delineado / passagem / diferente na forma

Doente

Adoecido / comorbidades / com dores / sofrido

Estigmatizado

Feio

Desproporcional / torto / curvado

Frágil

Frágil em alguns / mais frágil / vulnerável / fraco / em grande parte suscetível a danos / perecível / fragilizado / dependente / exigente de maiores cuidados / cuidado / pequeno / com pouca massa muscular / mole / flácido / delicado / sensível / lento / mais lento / vagaroso / lentificado / deficitário / debilitado a depender do modo de vida / cansado / abatido / caído / triste / deteriorado pelo tempo

Limitado

Uma caixa / travado / geralmente limitado / pesado / limitado e limitante / rígido / pouco flexível

Marcado

Histórico / cheio de marcas do tempo / resultado das etapas anteriores do desenvolvimento / marcas de guerra / marcado pela vida / cheio de marcas das marcas das escolhas que ele fez / história / repleto de suas histórias / marcado histórias / com as marcas de uma vida / consequências do tempo / registro de marcas físicas e emocionais / marcas do tempo / cheios de marcas / experiências / experiente / enrugado / expressivo / expressão / ter rugas / museu / antiguidade / antigo

Sagrado**Saudável**

Sadio / disposto / fitness / tem condições de ser saudável quando é cuidado / buscante / ativo em alguns casos / cheio de possibilidades / resistência / forte / resistente / força / coragem / Inspiração / livre / leve / desapego / amor / aconchegante / calmo

Velho

Natural próprio / uma mostra prática do viver / natural / condizente com a natureza humana / particular / envelhecido / único / característico da idade / natureza / maduro / só um corpo / cabelos brancos / vivido / corpo / amadurecimento / humano / funcional ou com limitações

NÃO IDOSOS

Questão 3

Envelhecer é...

Adoecer

Ficar doente / ter que comprar remédio / difícil se com doenças

Amadurecer

Reconhecer limites e descobrir novas oportunidades / enriquecedor / consolidar a personalidade e convicções / adquirir experiências / ter experiência / experiência / amadurecimento / uma vida de experiências / ser experiente / levar experiências / tornar-se experiente / adquirir experiência / ficar experiente / adquirir maturidade / viver experiências / ensinar para os mais novos / assumir o topo da hierarquia nas relações de respeito / poder contar histórias / extravazar / esclarecer / historicizar / testemunhar fatos / ter histórias pra contar / lembrar / história / eternizar / nostálgico / aprender com a vida / evoluir / maturativo / crescer / ser sábio / aprender / ter mais sabedoria / aprender de outro jeito / conhecer / aprender a lidar com a finitude / ter outra visão do mundo / saber / aprendizado / florescer / adquirir conhecimento / sabedoria / alcançar / novo hábito de vida / se descobrir / contemplar / ter sabedoria

Amar

Amor / amável / ser sensível / harmonia / sentir

Arte

Bom

Curtir os ganhos desta fase / uma graça / ser feliz / feliz / aproveitar mais / gratificante / gostoso / viver sem tantos compromissos / curtir / diversão / legal / divertido / aproveitar / interessante / experimentar / autoestima / conquistar os sonhos / ter tempo livre

Desafio

Um desafio / superar / modificar-se / mudar / mudar o corpo e a mente

Difícil

Difícil mas possível / chato

Ficar frágil

Diminuir algumas respostas fisiológicas / cuidar / vencer as limitações do corpo / virar criança / voltar a ser criança / perder a independência / depender de aposentadoria / engessar-se

Morrer um pouco a cada dia

Grande enigma proximidade da morte / morrer

Paciência

Paciente / tempo paciência

Privilégio

Ter oportunidade de acompanhar netos e família / oportunidade / um privilégio / benção

Triste

Frustrar-se / doloroso / ruim / sofrer / esquecido / amedrontador / intrigante / polêmico / insegurança / temeroso / paradoxal em nossa sociedade / ter dúvidas

Viver

Algo da vida / natural / da natureza humana / um processo muito natural / vida / faz parte do ciclo da vida / a renovação da vida / consequência de estar vivo / parte da vida / inevitável / viver muito / processo natural do ser humano / viver bastante / longevidade / uma fase da vida / fase / fato / encarar a maturidade como uma fase da vida / viver a senescência / normal / última fase da vida / tornar-se vivido / sinal que a vida cumpriu seu tempo / adaptação / saúde /

completar a carreira / simples / convívio / ser saudável / chegar a terceira idade / completar o ciclo da vida / chegar na fase final / segurança / comum a todos / ser sobrevivente / tornar-se velho / não morrer / processo / aceitar a velhice / real / aceitação do tempo / realidade / uma prova que não estamos mortos / manter a funcionalidade apesar de / descansar / preciso / necessário

NÃO IDOSOS

Questão 4

Meus familiares velhos são...

Alegres

Sorridentes / felizes / bem humorados / de bem com a vida / conversadores / extrovertidos / comunicativos / tagarelas / divertidos / engraçados

Alvo de preocupações

Com quem me preocupo / alguns dependentes precisam de cuidados / minha criança / semi dependentes financeiramente e de cuidados / dependentes dos mais novos / dependentes fisicamente / crianças / cuidados em suas necessidades / cuidados / inseguros / inativos / ociosos

Amados

Queridos e amados / amados e referência / alvo de atenção e carinho / minha vida / meus amores / meus bens maiores / queridos / meu diário / amor / afeto / carinho / tudo / pessoas maravilhosas / o melhor / fofos / lindos

Amorosos

Carinhosos / atenciosos / ternura / amorosos e tranquilos / ter muito amor para doar / gentis / amáveis / maternais / um exercício de tolerância

Ativos

Independentes / dinâmicos / animados / autônomos / capazes em sua maioria realizar atividades / vivos / lúcidos / fortes / antenados / curiosos / saudáveis

Chatos

Nervosos / cabeça dura / pessoas que reclamam muito / contestadoras dos padrões de velhice / difíceis de lidar / impacientes / teimosos às vezes / às vezes chatos / encenqueiros / arengueiros / murmuradores / intolerantes / arrogantes / críticos / autoritários / repetitivos / fofoqueiros

Conservadores

Nostalgia / antigos / tradicionais

Depressivos

Entristecidos pelas perdas / preocupados com limitações

Diferentes dos não velhos

Heterogêneos / únicos

Doentes

Debilitados / frágeis / de vez em quando atormentados por doenças / alguns debilitados / cansados

Dorminhocos

Sonolentos

Esquecidos

Sozinhos

Exemplos

Importante para nossa família / respeitados / apoio familiar / importantes / respeito / dignos / responsáveis / sérios / exemplos de virtude e amorosidade / com quem se deve aprender e desaprender / com quem aprendo / mulheres pilares / patriarcas

Experientes

Maduros

Legais

Melhores companheiros / massa / interessantes / populares / especiais /
ótimos companheiros / presentes no nosso dia a dia / amigos / amizade /
pessoas com as quais adoro conversar / amistosos / diretos

Pacientes

Tranquilos / serenos / compreensivos / calmos / contempladores / cautelosos /
pacíficos / cuidadosos / sensíveis / caseiros / educados

Parentes

Minha filha / meu irmão mais novo / meu amigo teteus / meus pais / meu
padrasto / minha tia / minha mãe de santo / minha mãe

Sábios

Inteligentes / meus portos de sabedoria / conselheiros / os mais sábios / mini
dicionários / conhecimento / leitores / conscientes

NÃO IDOSOS

Questão 5

Nós, quando formos velhos, seremos...

Alegres

Brincalhões / felizes / comunicativos / felizes com a nossa história participantes / de bem com a vida / extrovertidos / realizados / satisfeitos / pessoas que valorizaram a vida / engraçados / divertidos / tagarelas / esperançosos / estimulados / confiantes / muito loucos / ousados / vaidosos

Algo que não posso saber agora

Não sei mais o que responder

Amados

Cuidados em nossas necessidades

Amorosos

Mais amorosos / especiais / adoráveis / legais / gentis / respeitosos / amáveis / amigos / família / curtiremos a família / fraternos

Ativos

Mais engajados / autônomos com adaptações / autônomos / produtores / praticantes de uma vida ativa / descolados / independentes / dispostos / fitness / bons gerentes do nosso tempo / capazes de continuar realizando coisas interessantes / funcional / dançantes / ganhadores de dominó / perseverantes / lutadores / nós mesmos

Cansados

Flácidos / inativos / reis do sono à tarde

Dependentes

Com limitações e doenças / pouco saudáveis / mais doentes / fragilizados / frágeis / doentes / indisposto / crianças novamente / poderemos depender de outros / preocupados

Diferentes do que somos hoje

Os novos velhos / diferentes dos velhos de hoje / melhores que os nossos pais / diferentes das novas gerações

Experientes

Experiência / maduros / os mesmos porém mais experientes / mais experientes / vividos / mais vividos / vida vivida / contadores de histórias / cheios de história / pessoas que viveram muito / velhos / história / idosos / enrugados

Gratos

Mais gratos em situações alheias da vida / mais gratos / agradecidos

Impacientes

Mais reclamações / críticos / mais chatos / insuportáveis / estressados / intolerantes / carrancudos / ranzinzas / murmuradores / não sábios

Lindos

Ricos

Sábios

Reflexivos / compreensivos / conscientes / pensativos / menos visionários / mais conhecedores / mais informados / evoluídos / esclarecidos / espero ser mais sábia / realistas / conselheiros / educados / inteligentes / mais espertos / flexível a certas situações / simples / mais resilientes / menos frustradas / pessoas que dão exemplo para os mais novos / a base da geração / referência / responsável / responsáveis / sérios

Saudáveis

Mais saudáveis / geração saúde / firmes / iguais / tranquilos / emocionalmente estáveis / calmos / descansados

Tristes

Mais pessimistas / alguns tristes / pouco compreendidos pelos mais jovens / sentiremos saudade

Ultrapassados

Esquecidos / excluídos / obsoletos em determinados aspectos / sozinhos / provavelmente estereotipados

NÃO IDOSOS

Questão 6

Eles, os velhos, são...

Carentes

Frágeis / fracos fisicamente / dependentes fisicamente / cansados / dependentes / fragilidades / alvo de cuidados / debilitados cognitivamente / em sua maioria fatigados por uma vida de trabalho injusta / amor e dor / devagar / lentos / observáveis / vida e morte

Carinhosos

Agradáveis / atenciosos / generosos / amigáveis / gentis / gostam de dar comida / amigos / companheiros / bondosos / amorosos / meigos / simpáticos / carinho / acalentadores / afeto / amor / tranquilos / pacientes / cuidadosos / calmos / agradecidos / lindos / bonitos / fofos

Chatos

Ranzinzas / brigões / reclamões / impacientes com a idade / impacientes / complicados / mal humorados / rancorosos / ignorantes / difíceis / teimosos / radicais / irresponsáveis

De outro tempo

Ainda conservadores / pessoa da geração passada / colecionadores / passado / em sua maioria conservadores / o que eram quando jovens

Desrespeitados

Negligenciados pelo governo / ignorados / excluídos / estigmatizados socialmente / desacreditados / ainda esquecidos / pouco respeitados socialmente / abandonados / isolados do convívio

Diferentes entre si

Diversificados / influenciados pela própria percepção da velhice / eles

Dinâmicos

Guerreiros / dispostos / auto confiantes / confiantes / segurança

Doentes

Adoecidos / doentes e preocupantes / machucados

Experientes

A experiência a ser partilhada / vividos / pessoas com muita experiência que viveram muito / pessoas experientes / muito vividos / experiência / mais vividos

Felizes

Alegres / alegres quando fazem da vida uma oportunidade / sorridentes / legais / conversadores / divertidos / engraçado / divertidos alguns / autônomos / ativos / presente / presentes / operante / viajantes

Importantes

Exemplos / referência histórica e afetiva / geração de modelo para os jovens / inspiradores / exemplo / avós / queridos / Necessários / seres respeitáveis / responsáveis / oportunos / especiais / pessoas que merecem respeito

Místicos

Religiosos

Sábios

Sábios alguns / professores da vida / conselheiros / mestres / conhecimento / inteligentes / cheios de aprendizado / espertos / conscientes / contemplativos / maduros / observadores / esclarecidos / conhecedores / perceptivos / sensíveis

Seres humanos

Parte da existência / cada um tem seu jeito / humanos / a história da vida / cheios de história pra contar / jovens de alma / vivos / momentos / futuro / grande parte da população / pessoas / velhos / nossa imagem futura

Sozinhos

Pouco participativo na vida social / sedentários / solitários

Temerosos

Medrosos / mais cautelosos e ou medrosos com os tempos atuais / humildes

Tristes

Tristes quando não conseguem investir na vida / amargurados / sofridos / maioria depressivos